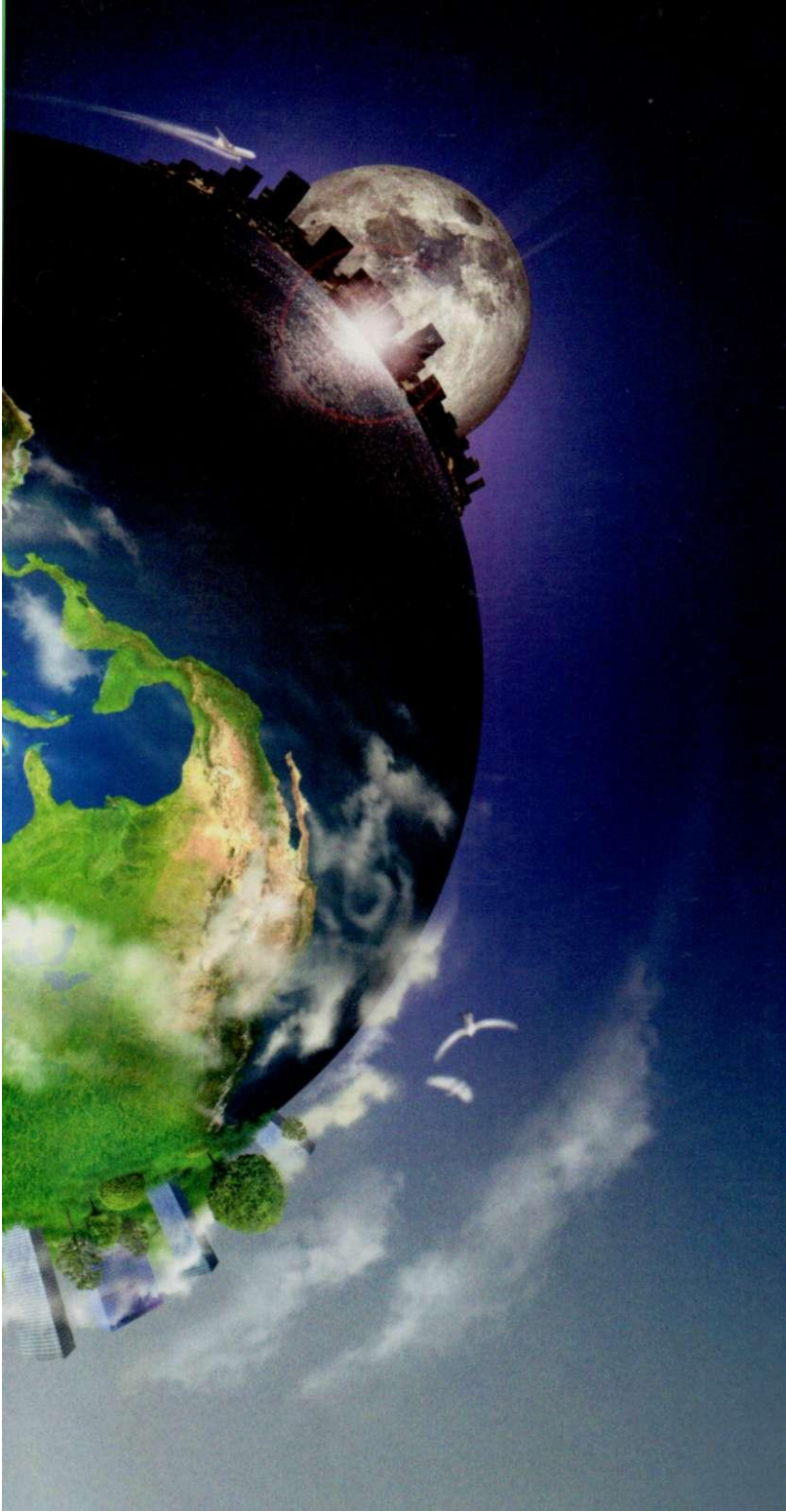
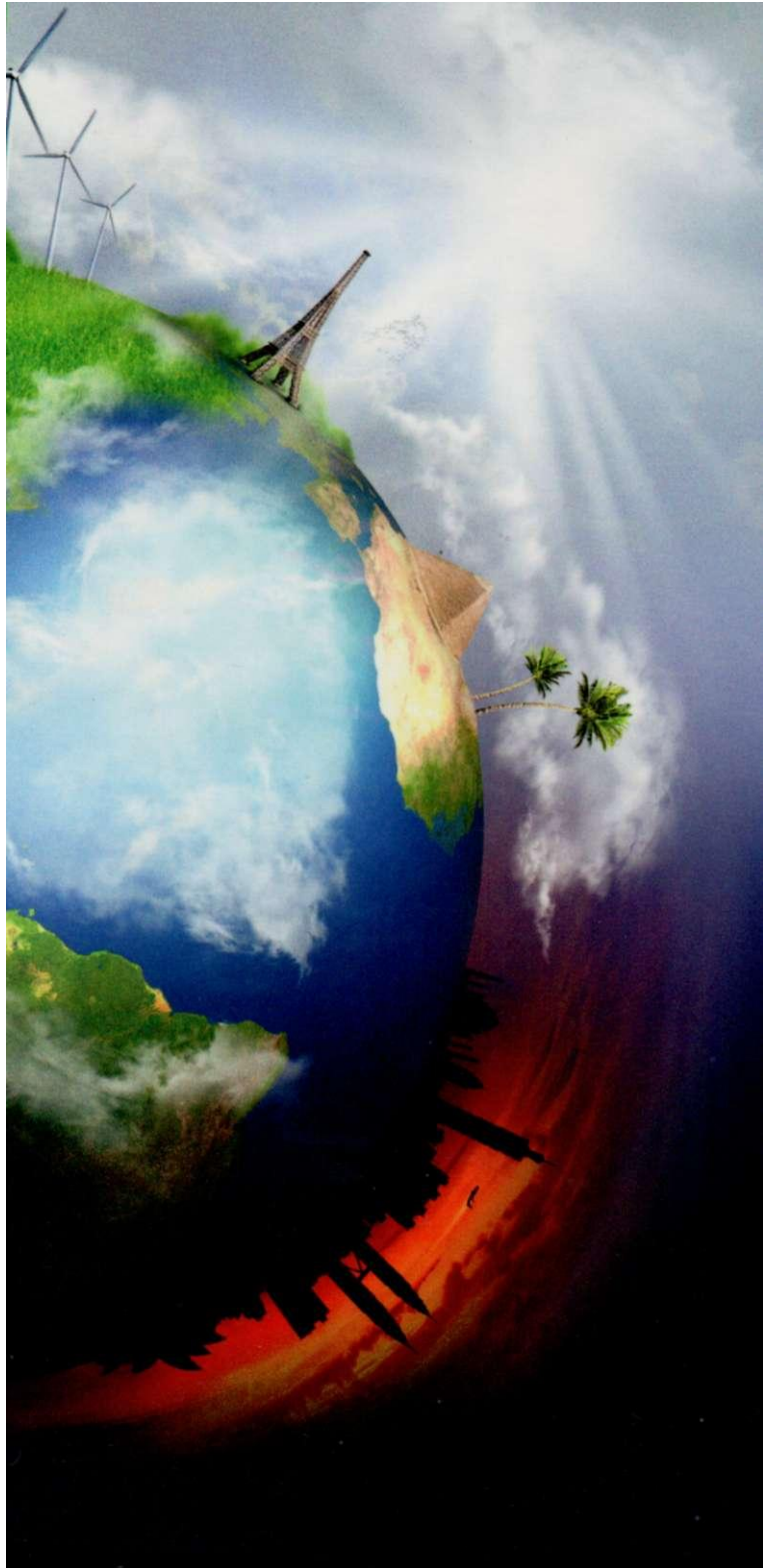


Carlos A. Baccelli  
Inácio Ferreira



Assim  
na **Terra**  
como no  
**Céu**







Leia, estude e divulgue as  
obras da lavra do médium  
Chico Xavier



Assim  
na **Terra**  
como no  
**Céu**

Carlos A. Baccelli  
Inácio Ferreira

editora  
**DIDIER**

1ª edição • 1º ao 10º milheiro • Agosto de 2013.

Copyright© 2013 by

**Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier"**

Rua Leonardo Commar, 3.] 79 - Bairro Pozzobon

Tronco central: Tel./Fax (17) 3426-8590

CEP 15503-023- Votuporanga (SP) - Brasil

E-mail: [didier@terra.com.br](mailto:didier@terra.com.br)

Site: [www.editoradidier.com.br](http://www.editoradidier.com.br)

Todo o produto desta edição é destinado à manutenção do Lar Beneficente "Celina" e seus departamentos, obra social do Grupo Espírita "Maria de Nazaré", de Votuporanga, SP.

Site: [www.mariadenazare.com.br](http://www.mariadenazare.com.br)

Imagem da capa: <http://br.fotolia.com>

Capa: Marcos Ferreira

Diagramação: Cristiane de Oliveira  
Marcos Ferreira

Revisão Gramatical: Fausto De Vito  
Luzia Ap. Alves de Lima

ISBN: 978-85-7658-069-0

\* \* \*

Impressão:

**LIS Gráfica e Editora Ltda.**

Rua Felício Antônio Alves, 370

CEP 07175-450 - Guarulhos (SP) - Brasil

Tel.: (11) 3382-0777

E-mail: [lisgrafica@lisgrafica.com.br](mailto:lisgrafica@lisgrafica.com.br)

Site: [www.lisgrafica.com.br](http://www.lisgrafica.com.br)

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

Assim  
na **Terra**  
como no  
**Céu**

Carlos A. Baccelli  
Inácio Ferreira

editora  
**DIDIER**

Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier"  
Rua Leonardo Commar, 3.179 - Bairro Pozzobon  
Site: [www.editoradidier.com.br](http://www.editoradidier.com.br) E-mail: [didier@terra.com.br](mailto:didier@terra.com.br)  
15503-023-Votuporanga (SP) - Tel./Fax (17) 3426-8590

-Agosto de 2013-

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferreira, Inácio (Espírito).

Assim na Terra como no Céu / Inácio Ferreira ;  
[psicografado por] Carlos A. Baccelli. --  
1. ed. -- Votuporanga, SP : Casa Editora Espírita  
"Pierre-Paul Didier", 2013.

I. Espiritismo 2. Mensagens 3. Obras  
psicografadas I. Baccelli, Carlos Antônio.  
II. Título.

13-07739

CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Mensagens psicografadas : Espiritismo 133.93

# Assim na **Terra** como no **Céu**

Leitor amigo:

Disse-nos Jesus, segundo anotações de Mateus, no capítulo 18, versículo 18: *"Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na Terra, terá sido ligado no Céu, e tudo o que desligardes na Terra, terá sido desligado no Céu "*.

No presente trabalho que ora lhe apresentamos, buscamos mostrar que a Lei de Causa e Efeito, que nos tutela nos caminhos da Evolução, tanto funciona da Terra para o Mundo Espiritual quanto do Mundo Espiritual para a Terra.

Portanto, Terra e Mundo Espiritual, concomitantemente, são glebas de colheita e semeadura, porque, a rigor, não existe, entre uma e outra, solução de continuidade na elaboração do destino.

Terra e Mundo Espiritual, sob o ponto de vista ético - e por que não dizer intelectual - podem se comparar a um espelho de dupla face, sobre a qual as imagens que se movimentam num e noutro se refletem e quase se superpõem, apenas com pequena diferença em suas manifestações.

Seja na vida ou na morte, meros fenômenos visuais, o espírito é sempre o mesmo em sua indestrutível essência, cabendo-lhe, no corpo carnal ou fora dele, empreender esforços de autossuperação que o possibilitem transcender a si mesmo.

Concluiremos, pois, que não existe morte, mas apenas Vida, e Vida em abundância, que mais abundante se nos faz quando logramos avançar para além de nossos próprios limites!

Com meu fraternal abraço, desejo-lhe bom proveito destas páginas.

***Inácio Ferreira***

Uberaba - MG, 28 de fevereiro de 2013.

---

**Nota do autor espiritual:** Aproveitamos o ensejo para esclarecer aos distintos Leitores que as datas de prefácio de todas as nossas obras de natureza mediúnica não correspondem à época em que foram transmitidas por nós, sendo que, não raro, foram Escritas com a antecedência de meses ou mesmo alguns anos.



Prefácio.....	07
Capítulo 1.....	13
Capítulo 2.....	22
Capítulo 3.....	30
Capítulo 4.....	38
Capítulo 5.....	46
Capítulo 6.....	54
Capítulo 7.....	62
Capítulo 8.....	70
Capítulo 9.....	78
Capítulo 10.....	86
Capítulo 11.....	94
Capítulo 12.....	102
Capítulo 13.....	110
Capítulo 14.....	118
Capítulo 15.....	126
Capítulo 16.....	134
Capítulo 17.....	142
Capítulo 18.....	150
Capítulo 19.....	159

Capítulo 20.....	168
Capítulo 21.....	177
Capítulo 22.....	185
Capítulo 23.....	193
Capítulo 24.....	201
Capítulo 25.....	209
Capítulo 26.....	217
Capítulo 27.....	225
Capítulo 28.....	233
Capítulo 29.....	241
Capítulo 30.....	249
Capítulo 31.....	257
Capítulo 32.....	265
Capítulo 33.....	274
Capítulo 34.....	282
Capítulo 35.....	290
Capítulo 36.....	299
Capítulo 37.....	308
Capítulo 38.....	317
Capítulo 39.....	326
Capítulo 40.....	334

Assim  
na **Terra**  
como no  
**Céu**

# 1

**F**arta correspondência se avolumava sobre a minha mesa, procedente de diversas regiões do Mundo Espiritual e... da Terra! Há muito, devido a múltiplas ocupações, eu vinha adiando a tarefa de colocá-la em dia, com responder aos amigos que me escreviam encorajando ao trabalho, embora a crítica ferina que me era desfechada por quantos não se mostravam capazes de compreender o meu esforço sincero. Os missivistas, em maioria, eram irmãos de todas as idades, jovens e senhoras, cujas palavras de incentivo me tocavam as fibras mais íntimas; sim, por elas, eu haveria de continuar, olvidando os insensíveis que, em suas opiniões a meu respeito, chegavam a revelar certa animosidade, vibrando para que eu desaparecesse do ce-

nário... Porém, não estava disposto a lhes dar tal alegria - enquanto o médium suportasse as pressões, eu haveria de prosseguir incomodando.

Lendo, calmamente, uma por uma das cartas, destacava trechos que me caíam por bálsamo no coração:

— Dr. Inácio, não desanime! Nós o amamos...

— O senhor é o nosso "gato" de estimação...

— Temos aprendido muito! Prossiga...

— Espero trabalhar com o senhor, aí, no hospital...

— Um beijo de sua filha espiritual...

— Recomendações ao Manoel Roberto e a D. Modesta...

— Dr. Inácio, estou apaixonada...

— O senhor é muito fofo!...

De quando em quando, entre aquelas flores carinhosamente embrulhadas sobre a mesa, deparava-me com espinhos em recados malcriados:

— A sua obra é antidoutrinária...

— Pare com essa fascinação...

— Você está confundindo o Movimento Espírita...

— Espírito embusteiro e mistificador!

Bem, desculpem-me, mas não estou disposto a dar trela à turma do contra; unanimidade é coisa que nunca pretendi, ainda mais entre marmanjos - con-

forme disse, escolho ficar com minhas irmãs, com as quais reparto meu coração de irmão! O resto é o resto.

Chamando o caro Manoel Roberto, sempre a postos, disse-lhe em tom de gracejo:

— O seu fã-clubê está crescendo, Manoel!... Sinceramente, eu não sei o que estão vendo em você - deve ser o nariz!

— Doutor, é o meu charme...

— Charme de defunto?... Acho que o problema é de escassez lá por baixo, com todo respeito, é claro, aos lúdimos representantes do gênero.

— O senhor não deixa por menos, hem?!

— Estas aqui, Manoel - falei, juntando algumas poucas das dezenas de cartas a mim endereçadas -, você incinera e enterra as cinzas em solo árido, não servem nem para adubo: iriam matar a inocente plantinha que não tem culpa de nada... Vibração negativa a gente coloca no fogo.

— Não fale assim e nem escreva, que o pessoal será capaz de imitá-lo, imaginando tratar-se de uma espécie de simpatia.

— Simpatia não é, porém as coisas ruins devem ir para o seu competente lugar: a lata de lixo! Concorda?

— Concordo, Doutor!

Enquanto o diligente companheiro se encarregava de tomar as providências solicitadas,

comecei a redigir um texto, senão rascunhá-lo, em resposta aos atenciosos destinatários:

*"Meus irmãos e minhas irmãs, Jesus nos abençoe!*

*Estou firme e não pretendo recuar. Nunca fui homem de me intimidar por tão pouco, ainda mais agora que os inimigos não podem me agarrar pelo colarinho...*

*Continuarei azucrinando; aliás, convenhamos: trata-se de um direito meu... Escrevo e escreverei o que quiser, e ninguém tem nada com isto. Nunca tive o rabo preso com o poder - ainda mais com o poder espírita, que, para mim, é um zero à esquerda. Não me submeto, não me vendo, não me corrompo, não faço política de bastidores, a fim de estar bem com este ou aquele.*

*Sou leal à minha consciência e à Doutrina. O dia em que eu tiver que prestar outra obediência, mudo de crença. Sempre aprendi que **o Espiritismo é a doutrina da livre expressão do pensamento**. Não sou leviano e irresponsável. Vocês que me criticam gratuitamente mostrem, primeiro, a sua folha de serviços pela Causa; depois conversaremos. Enquanto no corpo, por amor ao Ideal, abdiquei até de minha condição de médico. E mais:*

*eu não me ligaria a um médium com o qual não me afinizasse... O nosso respeito é mútuo. Praticamente, conheço-o desde menino e sei de suas intenções, mas não estou aqui para defendê-lo - ele sabe fazê-lo por si.*

*Agradeço as vibrações positivas que me alcançam neste Outro Lado, e a vontade que tenho é a de me materializar para perfilar ao lado de vocês, em seus labores doutrinários. Acreditem: tenho me esforçado ao máximo para não decepcioná-los, pois estou consciente de minhas limitações; sou um espírito comum, igual a qualquer outro... A desencarnação, infelizmente, não me santificou. Nunca, em meus pronunciamentos, verbalizados ou escritos, eu lhes disse que fosse um espírito missionário... Coitado de mim! Todavia não se deixem iludir pelos que afirmam sê-lo, através dos instrumentos mediúnicos de que se valem. Raros são os espíritos verdadeiramente iluminados, em contato com os encarnados! Muitos são os mistificadores, no corpo e fora dele. Agora mesmo, acredito esteja o Movimento Espírita sob uma das mistificações mais bem articuladas do Mundo Espiritual inferior... Que ouça quem tenha ouvidos de ouvir, e veja quem posua olhos de ver!*

*Preciso, sim, a bem da verdade, confessar a vocês que enfrento problemas no que tange à transmissão de meus recados, via mediúnicca... O médium está consciente disso. Ambos, temos feito o possível para amenizar distrações, sanando tais empecilhos. Uma perfeita entrosagem não é fácil. A essência, porém, do que pretendemos, permanece incólume. Alguns detalhes é que necessitariam de ser um tanto mais ajustados - quem sabe, daqui a uns 500 anos, eu e ele consigamos, não é? Sim, porque a nossa parceria, embora não seja de agora, está apenas começando.*

*Relevem, pois, as nossas falhas mútuas. O cérebro humano ainda não se mostra perfeitamente apto a contatos de natureza sutil, e nem nós, os desencarnados, vencemos com facilidade a barreira das Dimensões diferentes. O que podemos fazer é o que está sendo feito!*

*Queridos irmãos e queridas irmãs, defendamos no Espiritismo o patrimônio mais valioso de nossas vidas, desde muitas encarnações. Sobretudo, sejamos sinceros. Peço-lhes permissão para citar um trecho do livro "Os Mensageiros", da lavra mediúnicca de Chico Xavier, no capítulo 6, intitulado "Advertências profundas ":*

*'Grandes massas batem às fontes do Espiritismo sagrado, tão-só no propósito de lhe mancharem as águas. Não são procuradores do Reino de Deus os que lhe forçam, desse modo, as portas, e sim, caçadores dos interesses pessoais. São os sequiosos da facilidade, os amigos do menor esforço, os preguiçosos e delinquentes de todas as situações, que desejam ouvir os Espíritos desencarnados, receosos da acusação que lhes dirige a própria consciência. O fel da dúvida invade o bálsamo da fé, nos corações bem-intencionados. A sede de proteção indevida azorraga os seguidores da ociosidade. A ignorância e a maldade entregam-se às manifestações inferiores da magia negra.*

*'Tudo por que, meus irmãos? Porque não temos sabido defender o sagrado depósito, **por termos esquecido, em nossos labores carnis, que Espiritismo é revelação divina para a renovação fundamental dos homens,** (destaquei) Não atendemos, ainda, como se faz indispensável, à construção do 'Reino de Deus 'em nós. '*

*O Espiritismo só fará sentido em nossas vidas se, a cada dia, nos tornarmos melhores do que somos, caso contrário não passará de meras informações que ilustram o cérebro, fazendo-nos, talvez, mais vaidosos e personalistas.*

*Não percamos o ensejo bendito com que nos deparamos, uns à frente dos outros, de sermos mais humildes e generosos, a fim de que a Doutrina do Evangelho Redivivo represente um divisor de águas em nossos caminhos evolutivos.*

*Esta tem sido a minha luta, coadunar as lições maravilhosas do Senhor com as atitudes cotidianas! Graças a Deus, em parte eu o tenho conseguido, já que em meu coração não paira, contra ninguém, a espessa nuvem do ressentimento, do ódio e do rancor. Quero apenas ser útil aos propósitos do Senhor - nada mais do que isto. Em minhas orações silenciosas, peço a Ele que me alije do processo, caso esteja servindo de pedrada-tropeço para alguém! Longe de mim, a intenção de ofender, de escandalizar, de provocar dissensões... Se eu não puder servi-Lo como tenho feito, que Ele me designe para uma atividade mais obscura ainda, em qualquer recanto esquecido do Universo; de bom grado, como vulgarmente se diz nos rincões de Minas Gerais, me recolherei em minha própria insignificância, lá onde me encontrava quando Ele pronunciou o meu pobre nome, exortando-me à liça.*

*Parafraseando o grande Chico Xavier, desculpem-me pelo Inácio Ferreira que ainda sou! Até parafrasear Chico é uma hereesia - perdoem-me! Somos tão imperfeitos que nem originais conseguimos ser.*

*Meus irmãos e minhas irmãs, por vocês, que compreendem o que se passa no coração deste velho medíocre, perseverarei... Embora faça votos para que se demorem sobre a Terra, terei enorme prazer em recebê-los por aqui - não, é claro, na condição de meus pacientes, mas, se também for, haveremos de nos tratar juntos com o Divino Médico... De minha parte, prometo-lhes muita alegria e renovadas oportunidades de serviço, sem nenhum moralismo. Venham quando vierem, e eu, que não pude ser pai na Terra, terei de recebê-los com o amor que minha mãe me ensinou a ter por todos os meus irmãos!... "*

## 2

**R**efletindo sobre as dificuldades no intercâmbio mediúnic, recebi, com a costumeira alegria, a visita de Mestre Odilon (*que ele não saiba que o estou chamando assim...*), com quem passei a conversar de maneira descontraída.

— Caro Odilon - saudei-o à sua chegada -, o meu coração se rejubila ao vê-lo! Dialogar com você tem sido uma de minhas maiores venturas no Além...

— Convém, Doutor, que o senhor esclareça que temos muito trabalho por aqui...

— É óbvio!

— ...caso contrário, o pessoal há de pensar que não fazemos outra coisa que não seja conversar.

— Duas vezes, óbvio! Fique tranquilo: já está registrado, se bem que, pelo menos para mim,

a nossa conversa sempre resulta em trabalho; depois que você se vai, fico queimando as pestanas, no intuito de registrar as suas palavras... O pessoal imerso na carne é meio ingrato, pois não sabe a trabalhadeira que isto me dá! Você sabe: não sou *aquele escritor!* Tenho, quase a toda hora, de ficar consultando o dicionário...

— O esforço, todavia, tem sido profícuo.

— Não posso negar. Fico feliz a cada novo livro concluído, embora os problemas que costumamos enfrentar na transmissão da ideia. Sabe, Odilon? É um assunto que me fascina - **mediunidade**, principalmente no que tange à recepção do médium; a coisa não é tão mecânica quanto se imagina...

— Não, não é. O medianeiro, por mais flexível, está sujeito a  $n$  influências - externas e internas.

— As internas são as piores - a formação cultural do médium, as concepções religiosas arraigadas, a sua assimilação dos princípios doutrinários, o seu estado de espírito na hora do transe e por aí vai...

— A sua intenção e predisposição íntima, a sua ética e amor à Causa, enfim, o seu caráter.

— A tudo isto somem-se as condições do espírito comunicante, sem mencionar-se as influências do meio; quando encarnados, achamos que o espírito que se apresenta ao médium está isento de problemas, ou, pelo menos, que os tem, todos, sob controle.

— E não é assim...

— Não! Muitas vezes, tomando a mim como referência, sou compelido a trabalhar, junto ao médium, faceando inúmeros obstáculos de ordem psicológica, emocional, etc...

— Se forem, médium e espírito, esperar condições ideais de sintonia...

— ...não produzirão absolutamente nada! Mesmo porque existe a turma do contra, não é, Odilon? Os que vibram contra o médium, os que vibram contra o espírito - encamados e desencamados.

— Foi bom o senhor tocar neste assunto, dos desencarnados que se opõem ao nosso trabalho - é confortador para os médiuns que nos supõem livres de qualquer oposição.

— Se fôssemos contar tudo a eles... Você imagina, Odilon, que, há pouco tempo, recebi aqui, no Hospital, uma comissão de companheiros da Doutrina. Cheguei a comentar com você?

— Não!

— Eram quatro, três mais falantes e um mais calado. Marcaram horário e vieram, pensando eu tratar-se de uma consulta. Sabe o que me propuseram? Que eu parasse de escrever!... Alegaram que as minhas obras eram extemporâneas, que estavam causando um certo tumulto, que os temas eram demasiadamente polêmicos... Um de-

les chegou a dizer que eu estava fazendo insinuações perigosas, provocativas!

— E o senhor, como reagiu?

— Escutei-os, paciente, mas, depois, não pude evitar que o sangue me fervesse nas veias. Perguntei-lhes que insinuações eu estava fazendo, sim, porque, afinal, não pretendia, como não pretendo, deixar nada no ar, possibilitando margem a interpretações dúbias sobre este ou aquele assunto. Eles rodearam, rodearam e não disseram coisa com coisa; é claro, porém, que eu sabia do que se tratava...

— Eu também calculo o que seja.

— Não desfazendo de sua inteligência, até criação de grupo sabe... Queriam que eu parasse com "essa história de que Chico Xavier foi a reencarnação de Allan Kardec, de gravidez no Mundo Espiritual y *otras cositas más*, que...

— ...nos convém deixar por conta do leitor arguto!

— Em suma, disseram: se eu não me contivesse, ou não conseguisse conter o médium, em nossa vontade de escrever, que eu me limitasse a livros de autoajuda. Eu sei, Odilon, que você, por exemplo, certa vez foi procurado por membros da Igreja Católica, que, neste Outro Lado, tentaram arrebanhá-lo... Tudo bem, era direito que lhes

assistia e que lhes assiste, pois, afinal, quem não gostaria de tê-lo do seu lado? Agora, os que me visitaram, são espíritas - pelo menos, se apresentaram como tais. Fiquei aparvalhado: o pessoal está aí, conhece a realidade... Querem continuar se enganando! Sinceramente, tive ímpetos de mandar interná-los... Ora, obras "extemporâneas"! Tudo vem a seu tempo. Se o terreno é fértil, a semente nasce! Que proposta!...

— Inacreditável! O senhor identificou algum deles? - perguntou o Instrutor.

— Pelo nome, identifiquei dois; antes de eu desencarnar, recordo-me de ter lido um ou outro artigo de sua autoria em nossa imprensa, sendo que o mais idoso, o líder do grupo, andou publicando obras de sua lavra. Ele nunca foi muito chegado a Chico, não: escrevia com certa reserva, quando se referia aos livros de André Luiz.

Fiz diminuto silêncio e prossegui:

— Como somos ingênuos, não?! Quando encarnados, supomos que, na Vida Espiritual, todas as pendências doutrinárias se esclarecerão a contento. Que nada! A luta pouco se altera e a porta, estreita na Terra, mostra-se estreitíssima Neste Outro Lado - tão estreita se mostra, que, sem perder muita *gordura* e se colocar "de banda", ninguém logra atravessá-la!

— Doutor, além de jejuar, passar fome, tem que se posicionar "de banda"?...

— E olhe lá, se, ainda assim, não se ficar entalado! A porta, a que Jesus se refere, é tão estreita, que quase nem existe... O Espiritismo, permita-me, Odilon, é uma doutrina de afunilamento!

— "Afunilamento"?!...

— É, como o é a própria Evolução... Imaginemos várias peneiras, cada uma de malha mais fina do que a outra; superpostas, vamos sendo "peneirados"... Quem mais compreende, mais avança; os de mente fechada ficam com as ideias cristalizadas... Essa história de se querer controlar a cabeça dos outros, graduar a luz para os olhos alheios, sei não!...

— Como é que terminou a entrevista? - indagou o companheiro.

— Como tinha que terminar: eles ficaram na deles e eu na minha! Nem o suco que pedi lhes fosse servido quiseram tomar; com certeza, desconfiados de algum opiáceo que eu pudesse ter mandado misturar...

— "O senhor está bagunçando tudo!" - disse o mais falante, quando se levantou, prestes a sair com os demais. — "Temo que esteja fascinado, valendo-se de um médium na mesma circunstância."

— Agradeço-lhe pelo diagnóstico - respondi - e, pelo visto, o seu próximo passo será afastar-me da direção deste nosocômio, não é?

— "Se eu fosse da Diretoria"...

— Odilon - argumentei -, acho que estou ficando mole... Noutros tempos, ele não teria concluído a frase, sem que eu lhe apontasse a porta da rua. A minha indignação era tamanha, que simplesmente emudeci.

— O senhor agiu bem! Seria perder tempo discutir.

— Você veja: eles não fazem nada no sentido de concorrer para o esclarecimento de nossos irmãos na carne - são meros teóricos, que querem monopolizar o poder... Estão à espera de suas lideranças, com o objetivo de darem seqüência ao seu ilusório relacionamento. Por isto, é que não perco oportunidade de exaltar a figura de Chico Xavier: ele não manipulava ninguém, não fazia política de bastidores, não escravizava mentes... Chico nos preparava para a ação, formava discípulos para a Doutrina e não bajuladores seus! Ele administrava esta questão muito bem, sempre mantendo certa distância, de modo a preservar o equilíbrio dos outros.

— Estas são características do verdadeiro líder, Doutor!

— Eu sei dizer a você que fiquei basbaque com o atrevimento daquela comissão... Odilon, será que não basta o Espiritismo institucionalizado na Terra? Deus me livre de aguentar esse povo por aqui! O Espiritismo é a Verdade, que não carece de rótulos e embalagens para se apresentar. Você me perdoe, mas o dia em que, na condição de espírita, eu tiver que prestar obediência a este ou àquele órgão, eu me demito; transformo-me em livre-pensador... Não, mil vezes não! O meu Mestre e Chefe é Jesus Cristo! O resto é bedel, como eu mesmo... Tenho minha consideração por você, mas o dia em que você quiser me mandar, *tchau!*

— E o senhor diz que está ficando mole...

— Tenho ou não tenho razão?

— Toda! Neste ponto, como em muitos outros, estou com o senhor e não abro.

— Estão "vaticanizando" o Espiritismo na Terra ou tentando e querem fazer o mesmo no Além! Só me submeto a quem me dirige pelo coração. Você, Odilon, com a sua grandeza de espírito, faz de mim o que quer! Agora, essa turminha... Quantas vezes vieram com ingerências para cima de mim, no Sanatório! A pureza doutrinária deles é a dos fariseus que se escandalizavam com o fato de Jesus não lavar as mãos...

# 3

**A**ntes de dar sequência ao meu diálogo com Odilon, que se desdobrou interessante sobre transmissão mediúnica, peço-lhes que me permitam abrir parênteses, para reafirmar as minhas convicções, em alto e bom som:

**Item 1** - Há, sim, gravidez no Plano Espiritual; nasce-se, sim, por aqui, e não de modo apenas simbólico ou figurativo... Está claro? A Terra é uma Dimensão Espiritual materializada, para a qual o corpo físico equipa o espírito... Gravitamos, em pleno Universo, na órbita de nós mesmos! O problema é que estacionamos na região a que os nossos pensamentos nos prendem... Somos, agora figurativamente, como um balão cheio de gás - não dá para passar de

determinado ponto na atmosfera! Existem leis de gravitação espiritual... O perispírito, que é sempre a "nossa" parte mais exterior, tem peso; sem leveza íntima, o espírito não ascende, transcendendo a própria forma que o limita. O corpo físico é perispírito - tudo é uma questão de terminologia, de ponto de referência.

Deixem-me respirar... Continuemos.

Nada sabemos do que está acima de nós, entretanto, tudo nos leva a crer que a Vida se depura, ou seja, gradativamente, retorna ao seu estado original. A Terra não é, em definitivo, o orbe físico mais grosseiro que existe - a matéria pode ser encontrada em estados mais primitivos que os conhecidos pelo homem. A teoria, controversa, da "queda dos anjos" é mal interpretada; a sua essência é verdadeira... Fomos criados simples e ignorantes, porém perfectíveis. "Saímos" de Deus, da casa do Pai, e a Ele retornamos - é a Parábola do Filho Pródigo. Vivenciamos, através de múltiplas existências, uma aventura cósmica, para que, por fim, tomemos consciência de nós mesmos! Nas Dimensões inferiores, nasce-se também... Imaginemos como as crianças nasciam, eram concebidas e paridas em épocas imemoriais - o mundo de hoje parece ser outro, mas é o mesmo! As Dimensões ditas, ou quando são ditas, subcristais, são para efeito didático: estão e, ao mesmo tempo, não estão no interior

da Terra. A rigor, não se sabe que objeto contém o outro... Está difícil entender? Creiam que para mim também. Não dá para imaginar o tamanho do Espaço... Vejamos: o nosso Sistema Solar, ou por outra, a nossa Galáxia está em rota de colisão com a de Andrômeda, em velocidade espantosa... Acalmem-se: o fenômeno ocorrerá daqui há milhares de anos! De onde "desceu" Jesus para a Terra? Não sei, ninguém sabe... Ele, sendo Luz, deve ter viajado à velocidade de 300.000 quilômetros por segundo! Tenham, pois, vertigem como eu... Sinceramente, me dão pena os espíritas de cabeça pequena! Rimou - sem intenção, mas rimou. Quando em um de meus pobres livros, o "Na Próxima Dimensão", insinuei que havia gravidez no Além (falei sobre um ninho de passarinhos; lembrem-se?), quase me lincharam... Eu não sei o que queriam: se a primazia da revelação ou outra vantagem que, graças a Deus, não vi, não vejo e não verei. Os meus escritos - reconheço - são cartilhas de jardim da infância: eu sou bobo, tolo, inculto, não sei escrever... Fizeram uma charge de um ninho em um periódico espírita... Coitados, do chargista e do articulista! Essa gente leu "Nosso Lar", existente desde o longínquo mês de outubro de 1943, e não entendeu patavina. O corpo humano, onde já estive e vocês estão, é uma janelinha aberta para a Vida, em uma fresta apenas! Os sentidos físicos são os limites

da mente... Quem não intui, não raciocina, não medita, enfim, quem não força as suas percepções, vive preso, literalmente, à caixa craniana.

De novo, tempo para respirar... Avancemos.

Vocês sabem o motivo de não sabermos *nadica de nada* das Dimensões Superiores? É porque lá está o Futuro... E sabem a causa de nos ser relativamente fácil conceber as Dimensões inferiores? Lá está o Passado, o já vivido... O gênio é o espírito, que se adianta no Tempo! Ele vai, traz e leva - traz parte do Futuro à Humanidade e leva parte da Humanidade ao Futuro. O gênio (perdoem-me a grotesca comparação) é uma "ameba" que se destaca das demais e lança um pseudópode... Bem, deixemos o visionário de lado e retomemos o que pretendo dizer. A bibliografia espírita, mediúnica ou não, repleta-se de obras concernentes ao Passado, que está em nosso subconsciente; todos já andamos e muitos ainda andamos pelas regiões trevosas - temos, sim, certa intimidade com o Abismo e com as Trevas dos quais emergimos e também com o Umbral! Quando (consintam-me, outra vez, recorrer ao "Na Próxima Dimensão") fiz aquela viagem com Odilon e outros amigos, em uma nave que nos conduziu além de nossas fronteiras espirituais, quase nada pude ver ou perceber - as coisas vistas não tinham nome e forma na minha cabe-

ça! Aqueles seres diáfanos, que tentei descrever, não eram humanos - possuíam traços que, de longe, lembravam seres humanos - não era esta a sua forma, mas sim, a que meu cérebro lhes deu. Um homem da caverna trazido ao mundo de hoje, que diria aos seus companheiros, quando regressasse? Como ele haveria de nos descrever, a nós e a tudo que visse numa grande metrópole? A coisa é mais ou menos assim; a não ser que sejamos uma "ameba encolhida", naquele movimento de expansão e encolhimento subsequente... Por este motivo, pregamos Jesus Cristo na cruz. Quem muito vislumbra o Futuro, morre mesmo - *a gente mata!* Fala-nos de coisas insuportáveis e exorta-nos ao impossível: enquanto Gandhi lutou pela independência da Índia, era um herói para hindus e muçulmanos; bastou, porém, que ele mostrasse a intenção de uni-los, para que um fanático religioso o assassinasse...

Ufa! Deixem-me dar-nos um descanso, a mim e a vocês. Chico dizia ser um "cisco", o que traduzo por um "ponto de luz", mas eu sou uma lagartixa! Outro dia, outra hora, mais tarde, prosseguiremos neste assunto. Vamos, agora, à próxima convicção que desejo reafirmar:

**Item 2** - Francisco Cândido Xavier, nascido Francisco de Paula Cândido - que se tomou

popularmente conhecido como Chico Xavier - foi, sim, a reencarnação de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, Allan Kardec, o preclaro Codificador da Doutrina Espírita! A tal respeito, coloquemos em segundo plano o meu testemunho de espírito, que, sei, muitos haverão de questionar; é na condição de espírita convicto que defendo e proclamo semelhante tese, apoiando-me no axioma de que pelo fruto se conhece a árvore: Kardec e Chico são espíritos da mesma cepa! A obra de um está entranhada na obra do outro, em perfeita identificação e sintonia. Através da mediunidade ímpar do médium mineiro, os Espíritos Superiores complementaram e atualizaram a Codificação. Semelhante fato, só por si, deveria bastar, já que o Espírito da Verdade anunciara a Kardec a sua volta ao corpo, afirmando: *"Não ficarás muito tempo entre nós. É preciso que voltes para terminar tua missão, que não poderá ser concluída nesta existência. Se fosse possível, não partirias de maneira alguma, mas é preciso que nos sujeitemos à lei natural. Ficarás ausente por alguns anos e, quando retornares, será em condições que te permitam trabalhar desde logo. No entanto há trabalhos que será útil terminares antes de partir, e por isso te deixaremos o tempo necessário para os concluíres"*. Em seguida à revelação que lhe fora feita, Kardec redige importante nota:

*"Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que me restam a fazer e levando em conta o tempo de minha ausência e o de infância e juventude até atingir a idade em que um homem pode desempenhar um papel no mundo, chego à conclusão de que isso acontecerá forçosamente no fim deste século ou no começo do outro".*

Aqui, grave questão se impõe: teria o Espírito da Verdade se equivocado em assunto tão sério? É evidente que não. Negar, pois, o cumprimento de suas proféticas palavras seria deixar sob quarentena toda a Doutrina, da qual, em nome do Cristo, ele se fez Mentor, conduzindo a imensa falange que agia sob a sua égide. Combater, pois, a tese em pauta - *Chico Xavier foi a reencarnação de Allan Kardec* - é solapar todo o edifício doutrinário pela base, que é, infelizmente, o que pretendem os seus adversários invisíveis, valendo-se, para tanto, dos espíritas que a contestam, que não veem que está em jogo problema de ordem mais relevante. A não ser pela continuidade da Obra, dentro da dinâmica da Revelação, a questão "Chico foi Kardec", concordo, carece de relevância; ao defendê-la, posiciono-me, acima de tudo, ao lado da Doutrina! Notemos, ainda, que o anúncio de seu breve retorno ao corpo lhe foi feito espontaneamente, inclusive pelo Dr. Demeure, conforme

se pode ler no capítulo II, de "O Céu e o Inferno":  
*"Segundo as minhas observações e as informações que obtive em boa fonte (destacamos), ficou evidente para mim que, quanto mais cedo a sua desencarnação se opera, tanto mais cedo poderá ter a reencarnação com a qual acabará a sua obra".* O Dr. Demeure, está claro, não falava por si e, se Kardec não atribuísse autenticidade à tal comunicação, não a teria inserido no Pentateuco.

Façamos pausa para um novo parágrafo.

Recentemente, em uma obra apócrifa, urdida pelas Trevas de dois Estados fronteiriços, com base nos depoimentos de um companheiro senil, sob a alegação de estreita convivência com Chico Xavier - omitindo, de propósito, opiniões de peso como as de José Gonçalves Pereira, José Martins Peralva Sobrinho, Clóvis Tavares, Neném Aluotto e tantos outros, que, de longuíssima data, sempre acompanharam, em Pedro Leopoldo e Uberaba, a trajetória do médium -, a "União Espírita Mineira", que a patrocina, agora sob nova direção, se insurge contra a tese que aquela casa-máter sempre defendeu.

---

**Nota da Editora:** O autor espiritual está se referindo à gestão administrativa que sucedeu a presidida por Maria Phiomena Aluotto Beruto (D. Neném).

# 4

**N**ão era minha intenção dedicar mais que algumas palavras aos temas do capítulo anterior, todavia não quero deixar dúvidas pairando no ar. Vamos lá!

A referida obra apócrifa, na qual escusos interesses se evidenciam nas questões propostas, de forma dirigida - nota-se pela sequência das perguntas formuladas -, além de desrespeitosa à memória de Chico Xavier, é um descalabro de ordem doutrinária, tendo sido escrita com o objetivo de promover médiuns e dirigentes, pelas suas supostas ligações reencarnatórias com o grande missionário. As personagens intrusas, encarnadas e desencarnadas, estão em cada página! O objetivo é claro. Lamente-se a passividade de certos órgãos unificadores a respeito, que não se posicionam, temendo, talvez, um rompimento que, infelizmente, já existe.

Chico, para não ser descoberto em sua verdadeira identidade, a do Codificador, procurava, ele mesmo, não crer ou admitir que o pudesse ser.

Em Uberaba e Sacramento, médiuns idôneos confirmavam que Allan Kardec havia reencarnado. Dentre eles, podemos citar Antusa Ferreira Martins, surda e muda, portadora, porém, de notáveis faculdades de clarividência, clariaudiência, desdobramento e efeitos físicos, que apontava para a efígie de Allan Kardec na capa de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e, com grande esforço, balbuciava: "Chi...co!" Eurípedes Barsanulfo, de quem, quando eu estava encarnado, me honrei em ser o seu primeiro biógrafo, disse a um grupo de seguidores, em Sacramento, no ano de 1910, que Kardec, por fim, reencarnara. Desnecessário lembrar que Chico nasceu em 2 de abril de 1910... Eurípedes, até 1909, recebera mensagens do Codificador.

A verdade é que, excetuando-se a imperícia de um ou outro médium, Allan Kardec não mais se comunicou após o nascimento de Chico Xavier, embora, sabemos, pudesse fazê-lo, principalmente levando-se em conta a condição de espírito de escol. Mas o *silêncio mediúnico* de Kardec através de Chico, a maior antena psíquica de todos os tempos, é ultraeloquente e, ao nosso ver, deveria falar por si.

Para não nos alongarmos neste tema, digo-lhes o seguinte: o referido livro, feito sob encomenda, pródigo em distribuir reencarnações "importantes" para todos os que nele se encontram envolvidos, nada diz, de consistente, sobre Chico no século XIX, o século de Kardec. Menciona, discretamente, que, enquanto o Codificador se esmerava na tarefa que lhe foi confiada, Chico era uma moçoila na Espanha, vivendo no anonimato, para, depois, reencarnar como o Grande Chico Xavier, médium desde os 5 de idade! Por favor, isso é fazer pouco da inteligência da gente... Entre a palavra de seus autores e a do Espírito da Verdade, adivinhem com a qual fico? Curioso, ainda, é que declinando o nome de todo o mundo, dessa mocinha espanhola eles não falam! Que omissão interessante, vocês não acham?

Permitam-me, antes de dar por encerrado este assunto, reportar-me ao livro "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível", de Leon Denis, onde nos deparamos com algumas mensagens atribuídas ao espírito de Allan Kardec, datadas de 1926, quando, então, Chico contava 16 de idade, prestes a se tornar médium efetivo na Doutrina. Como explicar o fenômeno?

1 - É possível que, estando reencarnado, Kardec se comunicasse? Sim, perfeitamente possível.

2 - Que um espírito o fizesse em seu nome? Sim, porque a verdade é que, para a Doutrina e seus seguidores, Kardec passou a ser uma lenda. Nem todos os espíritos que vão aos médiuns, com este ou aquele nome, são eles mesmos. Em grande parte, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", por exemplo, é constituído de mensagens de espíritos que não se identificaram completamente.

3 - Que Leon Denis tivesse sido precipitado? Por mais absurda a hipótese, respondemos que sim, apoiando-nos em dois pontos básicos: Denis estava com 81 de idade, doente e cego (desencarnaria dali a alguns meses, em 1927), e as mensagens coligidas por ele eram intermediadas, segundo suas próprias palavras, por uma criança: "...o médium não podia, absolutamente, conhecer, pois era somente uma criancinha, proveniente de pais que ignoravam completamente o Espiritismo".

4 - "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível" revela a preocupação nacionalista de seu autor, pelo qual nutrimos profunda admiração e respeito, em confronto com os seus demais livros de caráter universalista.

5 - Enfim, não consideramos válido, por estes e tantos outros motivos, o argumento de que Chico Xavier não pode ter sido Allan Kar-

dec, pelo fato de que o Codificador teria entrado em contato com Denis. É possível que, ao fim de laboriosa existência, o Mundo Espiritual desejasse confortá-lo - a ele, que, quando jovem, privara com o mestre lionês.

6 - Consideremos que Francisco Cândido Xavier era a reencarnação de Hippolyte-Léon Denizard Rivail, e não propriamente de Allan Kardec, que, para a Doutrina, passou a ser um símbolo.

7 - Todas as mensagens que se atribuem ao espírito Dr. Bezerra de Menezes, recebidas desde a sua desencarnação aos dias atuais, pelos mais diferentes medianeiros, seriam de sua autoria direta? Sinceramente, cremos que não. Não obstante se esquivaria ele em endossar o conteúdo ético-doutrinário, se pertencente, em essência, ao seu pensamento? Não! Jesus anunciou-nos o Espírito da Verdade como se fosse Ele mesmo, segundo se depreende do texto de João, capítulo 14, versículo 26: *"...mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome (grifamos), este vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito"*.

8 - Adotando o nome "Allan Kardec", o Prof. Rivail impessoalizou a Obra, como o fez Chico Xavier na condição de médium. A Doutrina é dos Espíritos e não de Kardec ou de Chico

Xavier! No Espiritismo, temos o Cristianismo, em sua mais lídima expressão, e não o Kardecismo.

Creio que os estudiosos encarnados, aprofundando-se, poderão apresentar novos e mais convincentes argumentos que os enfileirados acima.

Kardec foi extremamente sábio e inspirado, quando, a partir do próprio nome com que assina as Obras de sua lavra, na Codificação, assumindo a autoria encarnada da mesma, vinculou-a, em definitivo, à tese reencarnacionista. Apassivou-se ao extremo, como, aliás, voltaria a fazer na personalidade de Chico Xavier, seguindo nas luminosas pegadas dos primitivos cristãos, que, quando se convertiam, renunciavam, inclusive, à antiga identidade. Exemplos: o Doutor Saulo de Tarso, que passou a chamar-se Paulo; José de Chipre, a quem os Apóstolos deram o nome de Barnabé, que quer dizer "filho da exortação"... Antes, poderíamos citar Jeziel, que passou a ser Estêvão, e assim por diante.

Tendo desencarnado em 31 de março de 1869 e reencarnado em 2 de abril de 1910, Kardec permaneceu pelo período de 41 anos no Mundo Espiritual - lapso de tempo mais que suficiente para que a sua psicologia se ajustasse às necessidades da missão que, agora, lhe caberia continuar desempenhando. Uma moçoila espanhola do século XIX (perdoem-me, sem

- admitamos - quase nenhum contato com a Doutrina) se transfiguraria tanto, ao ponto de ser Chico Xavier! Falam, com insistência, de uma suposta diferença de personalidade entre Kardec e Chico e querem nos impor algo mais absurdo. Em Chico Xavier, o Espiritismo era o sangue que corria nas veias! Isto tudo, sem mencionarmos a sua vida verdadeiramente apostolar, longe das possibilidades de uma juvenzita, por mais virtuosa que fosse!...

Que os nossos irmãos de Ideal entendam não estarmos, ao defendermos a tese Kardec-Chico, envolvidos numa "queda-de-braços"... Não! O nosso propósito transcende o âmbito da convicção pessoal; trata-se de unificar as duas grandes Obras, a dos Espíritos, por Chico, que atualize a dos Espíritos, por Kardec. Assim, ousar, por outro lado, dizer que, ainda não fosse Chico Xavier a reencarnação de Allan Kardec, haveria a necessidade institucional de que a fosse, porque não se lograria, de modo razoável, explicar o imenso hiato deixado pelo espírito do Codificador, que, de 1869 a esta parte, se teria feito presente no Movimento fundado por ele através de raríssimas aparições, sendo mesmo melhor que, para nada acrescentar, como nada acrescentou, não aparecesse de vez!

Aos que dizem que Chico não foi Kardec, porque este se encontra reencarnado não sei on-

de, responderei com as palavras do próprio Denis, expressas em seu "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível", contestando a informação de que o Codificador, desde 1897, estaria reencarnado em Le Havre, importantíssima cidade portuária francesa: *"Ora, pode-se admitir que um espírito deste valor tenha esperado tão longo tempo para se revelar por obras ou ações adequadas? "*

O certo é que o pessoal do contra esboça qualquer teoria, a mais estapafúrdia, para atender aos interesses que lhes dizem respeito, no que tange à liderança do Movimento.

É uma pena que, renteando com Chico Xavier, muita gente metida a besta não foi capaz de lhe pressentir a Grandeza - acreditavam quando ele dizia ser um "cisco"... Se ele o era, meu Deus!...

Após esta rápida digressão, permitam-me, no capítulo seguinte, retomar o diálogo com o caro Odilon Fernandes sobre assunto de importância transcendente no estudo da Mediunidade.

Inspiremo-nos nesta "pérola" que o próprio Denis grafou: *"Lembramos, porém, àqueles que tenham esquecido, que os espíritos experimentam, às vezes, grandes dificuldades para exprimir por meio de um organismo, de um cérebro alheio, noções e ideias pouco familiares a este último "*.

# 5

— **O** dilon - indaguei ao Mentor -, qual a razão de tantas aparentes contradições nos comunicados mediúnicos? Este é um problema a solucionar... Como os nossos irmãos médiuns são suscetíveis, você não acha?

— Calma, Doutor! - recomendou-me o amigo. — O senhor está propondo muitas questões, ao mesmo tempo... Vamos por etapas. Primeiro, o intercâmbio mediúnico, por mais deficiente, deve ser considerado um prodígio...

— Um prodígio do pensamento.

— Correto. Indisciplinado mentalmente, não é fácil ao homem estabelecer e sustentar sintonia conosco, os desencarnados.

— Principalmente sustentá-la, não?

— Percepções mediúnicas esporádicas não concorrem para uma boa transmissão; o médium não se esquece com facilidade, ou seja, não se apassiva a contento, não confia e não se entrega... Intromete-se, consciente e inconscientemente, em nossas ideias.

— Sem levarmos em conta que o desencarnado, por sua vez...

— ... opera com as limitações que lhe são próprias!

— Isto é que necessita ser entendido. O transe mediúnico não é como se tirar um coelho da cartola... É fruto de treino, disciplina, perseverança e tempo.

— O pensamento não é, propriamente, um idioma; ele carece de ser decifrado pelo medianeiro, que é o receptor...

— E possui velocidade maior do que a da luz!

— O pensamento é o que existe de mais ágil no Universo. As palavras, escritas ou verbalizadas, são a sua camisa-de-força... Se o médium, por exemplo, não possui palavras para exprimir com exatidão o que ele próprio pensa, se se demora em vasculhar o cérebro em busca de terminologia que lhe defina sensações...

— O pensamento é o eco de um som que, gradativamente, diminui de intensidade, até que se emudeça por completo.

- Médiun e espírito, portanto...
- ...necessitam estar afinados. O médium é o *recipiente*; a ideia do espírito, o *conteúdo*...
- E o *conteúdo* sempre toma a forma do *recipiente*. O mesmo *conteúdo*, por *recipientes* diversos...
- ...sofre alterações - não de substância, mas de apresentação ou de definição. Exemplifiquemos melhor: uma manga em uma laranjeira não seria uma manga mas uma laranja, e vice-versa.
- O gênero não se alteraria: incondicionalmente, teríamos uma fruta - manga ou laranja. Porém não podemos dizer o mesmo quanto à sua espécie e qualidade...
- Uma jaca numa jabuticabeira e uma jabuticaba numa jaqueira... *Tem médium assim?* - perguntei.
- Doutor, a maioria: todos são árvores de pomar, no entanto produzindo fora de sintonia com as suas características naturais.
- Às vezes, então, o espírito é jabuticaba, e o médium, jaqueira? Meu Deus, qual seria o sabor da fruta resultante de tal enxertia?
- Mediunidade é enxertia psíquica!
- Definição interessante!
- Imaginemos, Doutor, um aluno pesquisando em uma biblioteca para fazer um trabalho

escolar... Não é razoável que ele se limite às obras à sua disposição?

— Não há como ser diferente, e, mesmo assim, a consulta aos livros disponíveis se subordinará ao seu esforço, boa vontade e algum conhecimento prévio do assunto.

— Chegamos a um ponto crucial: o espírito, por mais hábil, não tem como se expressar além dos recursos que lhe são disponibilizados pelo médium...

— Recursos intelecto-morais...

— Que são a sua "biblioteca" particular!

— Subconsciente (conhecimentos armazenados) e consciente (conhecimentos recentemente adquiridos)... O espírito...

— O espírito, Doutor, ou seja, o aluno encarregado da pesquisa necessita estar familiarizado com a biblioteca: saber onde procurar, saber extrair das páginas do livro... As vezes, para quem estuda, uma informaçãozinha descerra vastos horizontes!

— Em trocados e miúdos: uma rica biblioteca para um aluno relapso...

— ...não funciona! O médium precisa ter algo para oferecer.

— Odilon, você me faz lembrar preciosa lição de Emmanuel a Chico Xavier: de nada, coisa

alguma se consegue tirar! Jesus, para a multiplicação dos pães e dos peixes, perguntou aos discípulos: "*Quantos pães tendes?* ".

— A função do espírito comunicante é a de acrescentar algo às possibilidades do médium.

— Creio, todavia - considere -, que nem todos estão aptos para o entendimento de tão delicada questão. Espera-se que, através de médium limitado, o espírito faça prodígios...

— Isso nunca ocorrerá! O médium sem recursos mínimos a oferecer é como uma *mesa girante*...

— Chico Xavier...

— ...armazenava no espírito conhecimentos enciclopédicos; caso contrário, os espíritos não teriam produzido por ele o que produziram, em todos os gêneros literários... A absoluta ignorância do médium seria uma montanha irremovível - mesmo que o espírito fosse portador de fé do tamanho de um grão de mostarda!

— Odilon - exclamei -, que universo, o da Mediunidade!

— Precisamos, ao explorá-lo, ir com calma e prudência.

— Tenho, ultimamente, me preocupado com o fato de que a literatura mediúnica se contradiz, não em sua essência...

— Em que aspecto, Doutor?

— Por exemplo: no que tange às informações sobre as Colônias Espirituais... São descrições que se contrapõem.

— Isso, em parte, corre por conta da cabeça do médium, dos elementos comparativos de que o espírito pode lançar mão... Ninguém logra descrever com perfeição o que nunca viu!

— Então, o ideal...

— ...seria que os médiuns, em espírito, vissem primeiro...

— Vissem, pegassem e cheirassem!

— ...o que os mensageiros espirituais pretendem descrever por seu intermédio.

— Essa questão de dar nome às coisas...

— Doutor, com toda a sua tecnologia, etc, não se pode dizer que o homem tenha um mapa definitivo da Terra, o Planeta que, de forma racional, ele povoa há 40.000 anos! Conhecerá, porventura, todas as reentrâncias das montanhas cavernosas, a topografia de regiões inóspitas, ainda inexploradas, as profundezas abissais dos oceanos?... Existem pessoas, aos milhares, que nada sabem para além dos limites das cidades em que nasceram! Quantas, por exemplo, conseguiriam nomear e localizar com acerto todos os órgãos do corpo que habitam?

— Eu mesmo, na condição de médico...

— E eu, na condição de odontólogo?

— Se a gente pudesse, pelo menos, esboçar um mapa da Dimensão que circunda o Planeta...

— O senhor é um espírito admirável!

— Não me ironize, Odilon!...

— Eu queria ter os seus sonhos para mim!

Doutor, "Nosso Lar", de André Luiz...

— Eu sei, representou muito, um extraordinário avanço.

— Se Chico não tivesse estado, antes, lá - se não tivesse vivido lá, como viveu...

— Antes de reencarnar?

— Sim; e, depois, no intuito de lhe reavivar as lembranças, se não tivesse sido, em espírito, transportado para lá...

— Não lograria o intento.

— E, mesmo assim, devemos considerar que André Luiz representando os Mentores que lhe coordenavam o trabalho junto ao médium, limitou-se a narrativas de ordem geral.

— O esquecimento do passado, em termos de mediunidade, é um empecilho; refiro-me ao olvido de nossa vivência no Mundo Espiritual, que antecede a reencarnação...

— O esquecimento do pretérito não é seletivo: engloba as nossas experiências anteriores no corpo e, conseqüentemente, o período em que, entre uma vida e outra, estagiamos no Além; e depois...

— Eu sei: raros os espíritos com noção mais exata de espaço e tempo, estando ou não estando no corpo!

— Exatamente! Agora, Doutor, é que o espírito vem adquirindo maturidade psíquica; agora é que ele está despertando para as realidades da vida fora da matéria. Vejamos o nosso caso: sem o conhecimento espírita, como haveríamos de estar neste Outro Lado?

— Eu, com certeza, ressonando...

— Quem desencarna consciente da Vida Espiritual a ela adapta-se com maior facilidade, aproveitando o ensejo de sua permanência por aqui.

— O Espiritismo nos prepara para a Vida!

— Para a vida cotidiana, que nos ensina a viver em plenitude, exteriorizando valores que, em nós, jazem entorpecidos há milênios.

Neste ínterim de nosso proveitoso diálogo, alguém bate delicadamente à porta do consultório.

— Aposto o que você quiser - disse ao companheiro - que é Modesta! Sou especialista em identificar espírito-batedor...

Odilon sorriu e saudei a irmã que chegava, convidando-a a entrar.

— Desculpem-me a intromissão.

— Você sempre aparece em muito boa hora - respondi com satisfação.

## 6

**E** stamos, Modesta - expliquei. — Odilon e eu, conversando sobre um tema que é muito de seu agrado...

— Mediunidade!

— ...e você nos servirá de cobaia!

— Ora, Doutor, não exagere! - consertou o Benfeitor, sempre pródigo em me aparar as arestas.

— Odilon, não se incomode, que com o Inácio eu já estou acostumada: foram não sei quantos lustros de convivência...

— Seis! Trinta anos de grande aprendizado para mim, Modesta! - aduzi com sinceridade, evocando os tempos idos.

— Então, em que posso servir-lhes? - perguntou, elegante, acomodando-se.

— Modesta, gostaríamos de ouvi-la em torno das dificuldades que você, como médium, portadora de diversas faculdades, experimentava no momento do transe.

— Cada transe é uma experiência diferente...

— Sim, sabemos - interveio Odilon, interessado -, mas, se possível, descreva-nos as sensações gerais.

— Mais especificamente, sobre que desejam saber?

— Por exemplo - adiantei-me -, passividade completa... Alguma vez, você experimentou tal situação?

— A rigor, não posso dizer que sim - passividade completa, inconsciência absoluta, não. Avizinhei-me poucas vezes de semelhante estado...

— Na psicofonia ou na psicografia? - aparteu o Mentor.

— Mais na psicofonia, que, na minha opinião, do ponto de vista emocional e, conseqüentemente, físico, é mais envolvente. Embora não seja apropriada, a palavra *incorporação* reflete bem o que se passa, quando o médium efetivamente se entrega ao espírito comunicante.

— Não é apropriada - falei -, porque expressa uma ideia equivocada: têm-se a impressão de que o espírito do médium cede o seu corpo...

— E é o que acontece, Inácio; o espírito do médium, através de si mesmo, "cede" (coloquemos a expressão entre aspas) o corpo ao desencarnado, que, parcialmente, o controla...

— Deixemos, no entanto, claro que, em síntese, mediunidade é fenômeno mental; é perispírito a perispírito, espírito a espírito... Não estamos aqui cogitando dos fenômenos de ordem física, que carecem de ser examinados à parte.

— Certo, Odilon - concordei. — Agora, a psicografia, emocionalmente, é faculdade mais neutra...

— A escrita é mais racional. Na psicofonia, o espírito se expressa pela palavra verbalizada, pelos gestos, pela mímica facial, pelas lágrimas, pelo sorriso...

— Modesta - indaguei -, até que ponto você se entregava aos espíritos?

— Creio, sinceramente, que nenhum médium se entrega totalmente; o instinto de preservação, de defesa também funciona na mediunidade...

— Permitam-me um aparte - solicitei. — Um amigo meu contou-me, certa vez, que se atreveu a perguntar a Chico Xavier se, na hora do transe, ele se mantinha consciente ou inconsciente. Explicando que podia "funcionar" tanto em um quanto em outro estado de lucidez, afirmou que, quando lhe era dado optar, escolhia trabalhar na condição

de médium consciente. O jovem amigo, então, arriscou uma segunda pergunta: *"Por quê?"* O médium respondeu de pronto: *"Porque a nossa cabeça não aguentaria os espíritos que estão por aí!..."*

— Sábia resposta!

— Como entendê-la, Odilon?

— Doutor, se a cabeça do médium não se preservasse, para o que concorre até mesmo o fator dúvida...

— Que coisa interessante, a dúvida como elemento providencial!...

— ...nas atuais circunstâncias evolutivas do homem!...

— Os casos de subjugação se multiplicariam! Modesta...

— Sim, eu tinha certo receio... O que me encorajava, Inácio, era a sua segurança no campo da doutrinação; com um doutrinador que não me inspirasse tanta confiança, eu não me soltaria... Existem transe que, começando superficiais, depois se aprofundam.

— Os obsidiados são médiuns em potencial!

— A resposta de Chico - observou o Orientador -, aparentemente vazia de conteúdo, é repleta de significado. A dúvida, quando não exagerada, impede que os médiuns - principalmente os sem Doutrina, não é? - tenham a sua casa mental assaltada...

— Invasão por espíritos intrusos!

— Então - Modesta retomou a palavra eu me policiava...

— E quando se tratava de um Benfeitor?

— Inácio, é diferente: um "entra" sem ser convidado; o outro, só se convidado, e não por uma questão de meras palavras. O envolvimento mediúnico originário de um espírito esclarecido é sutil, não havendo nele nenhuma espécie de constrangimento. Ao contrário, o obsessor quer o seu corpo para si...

— Quantos casos, meu Deus, no Sanatório e mesmo aqui, agora!

— D. Modesta - voltou a interrogar Odilon -, a senhora, como intérprete dos espíritos elevados ou mais elevados, que se expressavam pelas suas faculdades, sentia-se fiel ao pensamento deles?

— Não, eu me frustrava muito... De forma alguma! Quem me dera! A filtragem deixava a desejar. As vezes, o que permanecia retido comigo era muito mais do que conseguia transmitir; primeiro, que o pensamento vai à frente e a palavra vai atrás... Os espíritos, por meu intermédio, se externavam como podiam, não como queriam. Em diversas ocasiões, eu e o Inácio palestramos sobre o assunto. Autenticidade mediúnica satisfatória é de raríssimos medianeiros.

— É natural: estamos apenas começando.

— Todavia um pouco mais de estudo e confiança em nós mesmos...

— Chegaremos lá - confortou Odilon a querida amiga.

— Modesta, em que aspecto você percebia que a sua dificuldade era maior?

— Quando os espíritos queriam se referir ao que eu não conhecia - a minha insegurança, então, era maior. Muitas vezes, por exemplo, eu me sentia influída...

— Como assim? - interpelei, querendo extrair o máximo.

— Se, no dia da reunião, mas com várias horas de antecedência, eu me sentia, por exemplo, impelida a ler sobre determinado assunto...

— Psiquiatria!...

— Sim; possivelmente, um espírito ligado à área abordaria o tema...

— Como, aliás, aconteceu em inúmeras oportunidades.

— Vejamos aí a participação positiva do médium - pontificou o Instrutor.

— O que uns, talvez, catalogassem por mistificação consciente, animismo ou o que quer que o valha...

— Chamaremos de "cooperação responsável"!

— Odilon, para nós, que cremos, tudo bem; mas... e como ficam os que não crêem?

— Em maior estado de descrença, Doutor. Paulo, em sua Epístola aos Hebreus, capítulo 11, versículo 1, registrou: "...a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem."

— "Que se não veem"?

— Mas que se compreendem!

— Em resumo, mediunidade, inclusive para os portadores dos mais diversificados dons, é uma questão de fé.

— De fé raciocinada, como a que a Doutrina nos propõe. Ainda no mesmo capítulo, versículo 3, da Epístola aos Hebreus, considera o Apóstolo: "*Pe-la fé, entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem*", (grifamos)

— Escritas há tanto tempo - ponderei -, as palavras de Paulo soam em uníssono com as modernas concepções da Ciência.

— Em todos os tempos, a Verdade é sempre a mesma. Heráclito de Éfeso, pré-socrático, que viveu entre 504 e 500 a.C, proclamava: "*A harmonia invisível é mais forte que a visível*".

— Perdoem-me a intromissão em conversa tão erudita - aparteou Modesta -, mas convém registrar que foi Heráclito de Éfeso quem disse:

*"A Sibila, que, com boca delirante, pronuncia palavras ásperas, secas e sem artifícios (fazendo-as ressoar durante mil anos). Pois o deus a inspira. "*

— Excelente lembrança! - exclamei, exultando - *"...com boca delirante..."*

— É a boca dos médiuns - explicou Odilon -; refere-se ao transe mediúnico...

— E os ignorantes dizem que a Mediunidade foi inventada pelo Espiritismo!

— Voltemos, se permitem, à questão da fé; acho de suma importância enfatizá-la, porque, na condição de médium, por mais convincente o fenômeno produzido por meu intermédio, sempre me ficava aquela ponta de dúvida...

— E que o médium é coautor, D. Modesta.

— Sim, Odilon, mas...

— Como é aquela frase que você sempre repete? - perguntei ao amigo.

— "Mediunidade com pouco estudo leva à descrença; com muito, leva à fé."

— A nossa época, Inácio, não tínhamos assim tanta literatura disponível.

— E vigia o tabu de que o médium não carecia estudar, o que - convenhamos - é um absurdo. Se o médium fosse dotado de um pouco mais de cultura, era colocado em questão - tudo era produto de seus conhecimentos.

# 7

**O** diálogo estava, deveras, agradável para que pudéssemos interrompê-lo. Mediunidade é assunto apaixonante, intimamente ligado ao tema que empolga e preocupa toda a Humanidade: a questão da sobrevivência do ser!

— Compreendam - explicou-se Modesta -, não estou querendo me justificar, quando me referi a certa escassez de literatura específica. Li toda a Codificação, Denis, Delanne, Bozzano; cheguei a compulsar obras de Emmanuel e André Luiz... Quando, porém, digamos, me formei médium, não tínhamos a facilidade que hoje se tem, na Terra, para se adquirir um livro.

— E discutir-se abertamente o seu conteúdo! - emendei.

— Tomando à problemática da fé...

— Sim, Odilon, não nos desviemos - solicitou a abnegada medianeira.

— Com muita propriedade, Paulo anotou em sua 1.ª Epístola aos Coríntios, capítulo 14, versículo 22: "*...mas a profecia não é para os incrédulos, e sim, para os que crêm*".

— Ele não estava se reportando apenas aos espectadores, não é? - perguntei.

— Não! Penso que enfatizava a necessidade de confiança da parte do próprio médium, mesmo porque a insegurança mediúnica é obstáculo praticamente intransponível. É-nos possível trabalhar com as limitações intelectuais, do médium, mas não com a falta de confiança em si mesmo.

— É preferível que duvide de nós a que de si!

— O senhor tocou no ponto mais sensível!... O maior entrave dos sensitivos em geral é **a falta de confiança em si mesmos!**

— Modesta, este problema você não tinha, não é? - indaguei.

— Não, porque, quanto às minhas intenções, guardava a consciência tranquila; eu não estava na Doutrina para brincar, para me autopromover, para qualquer outro interesse que, infelizmente...

— ...exameia entre muitos médiuns da atualidade!

— A nossa época, Inácio, sem saudosismo, ser médium...

— ...era quase candidatar-se ao cadafalso!

— Quem algo sabe de mim, não ignora que cheguei a Sacramento, de mãos atadas, às portas do hospício!

— E, de paciente de uma casa de saúde mental, tornou-se fundadora do Sanatório Espírita de Uberaba!

— Graças ao Espiritismo e à intervenção de Eurípedes Barsanulfo!

— *"Pelo fruto se conhece a árvore"* - pontificou Odilon. As obras da Doutrina falam de sua procedência divina! Quantos se fizeram elementos úteis à sociedade, através das bênçãos do Espiritismo, que ele continua a prodigalizar a mancheias!...

— Então, Inácio, naqueles idos, vaidade de quê? Éramos uma minoria...

— Perseguida e enxovalhada, principalmente pelo Clero.

— Para não cruzar conosco os seus passos, muita gente, quando nos via, chegava a mudar de calçada!

— Hoje, está uma beleza, igual àquela história que ouvi não sei onde, nem sei de quem. Dizem que alguns anjos irônicos - daí a minha esperança, de ser anjo, um dia -, teriam comen-

tado com o Criador: — "Os seres humanos que o Senhor criou são interessantes. Foi só tomarem consciência de que existem, passaram a duvidar de que existem..." Os animais não têm consciência de que existem, e existem; já os homens...

— A facilidade amolece o espírito!

— Precisávamos, os espíritas, ser perseguidos por mais uns trezentos anos!

— Doutor!...

— É verdade, Odilon! A turma está tendo muito tempo para brigar e discutir entre si... Na nossa época, nos uníamos, feito um feixe de varas, ou iríamos servir de pretexto para que se reacendessem as fogueiras da Santa Inquisição!

— O Inácio tem razão - observou Modesta -; hoje, os maiores opositores da Doutrina são os seus próprios adeptos... Quando os médiuns eram questionados, não se questionava tanto! A gente orava com fé e se entregava à ação dos Espíritos Amigos. É lógico que conversávamos, procurando discernir... A Caridade era a nossa bandeira!

— Outro tópico interessante - destaquei. — Raros os médiuns que, na atualidade, se preocupam com as tarefas de assistência - fogem do Centro, enclausuram-se em seus gabinetes de trabalho e só querem saber de contato com os espíritos... Não se trata de crítica, Odilon, mas de constatação da realidade.

— Não podemos generalizar...

— Não, não podemos, mas quase podemos, concorda? Precisamos de gente nas frentes de trabalho da Doutrina! O pessoal vive se reunindo muito e se envolvendo pouco... Insisto: não se trata de crítica, pois quem perde com isso? O próprio espírita, que, do Espiritismo, deixa de assimilar a melhor parte. Depois, quando desencarna, chega por aqui "caindo pelas tabelas"... É aquela choradeira sem fim!...

— D. Modesta - voltou Odilon a inquirir a médium -, pela senhora os espíritos, alguma vez, tentaram descrever as paragens do Mundo Espiritual?

— Muitas, todavia não lograram sair da generalidade... Enquanto falavam por mim, eu costumava ver o que viam, mas ocorria um desencontro entre a imagem e a palavra.

— Interessante: "entre a imagem e a palavra" - frisou o Mentor.

— Sim, em muitos comunicados, eram imagens que eles, os espíritos, me transmitiam - às vezes menos, ou mais detalhadas e claras. Eu vislumbrava aquilo tudo, mas nem se tivesse com o dicionário todo na cabeça... Faltava, e falta, terminologia adequada.

— "Via" alguma colônia espiritual? Seria capaz de situá-la e nomeá-la?

— Via, sim, a distância, na maioria das vezes como alguém que enxerga uma cidade imersa em espessa neblina; em outras situações, via-me numa espécie de povoado, sem, no entanto, precisar os seus limites - observava ruas e praças, templos e prédios, com intensa, ou pequena, movimentação de pessoas... Agora, eu não seria capaz de nomear nenhuma dessas colônias; sei apenas que eram diferentes entre si...

— Diferentes?! Em que sentido? - perguntei.

— Em sua constituição material. Algumas me pareciam mais próximas da Crosta; outras, mais distantes... Em suma, davam-me a ideia de refletir exatamente a condição espiritual de seus habitantes, como se as tivessem plasmado a partir de seus pensamentos.

— O que é natural - comentou Odilon -; todas as edificações que existem sobre a face da Terra são a materialização do pensamento humano... Os espíritos co-criadores plasmaram-nos a Natureza, condicionando o Orbe à proliferação da Vida. Em essência, no que tange às coisas de ordem material, tudo é efêmero. Sabemos que as próprias Dimensões que circundam o Planeta são, a rigor, projeções da mente. A matéria, já no-lo disse André Luiz, pela mediunidade de Chico Xavier, não tem características de espontaneidade; a matéria não organiza: é organizada...

— Traduza, por favor - solicitei ao amigo.

— Deus, a Única Realidade, é Espírito!  
Quando aprendemos que, *"a alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e desperta no homem"*, constatamos que existe uma identidade entre o átomo e a célula; o princípio da Evolução perde-se na insondável noite dos milênios sem data...

— Que é que você está insinuando?

— Eu não insinuo nada, Doutor! Apenas conjecturo. Só o espírito é e o será por toda a Eternidade!

— As suas conjecturas me levam a deduzir que a matéria é irreal: se existe, existe transitoriamente em função do espírito. É isto?

— Fiquemos com o que, sabiamente, escreveu Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos", no capítulo II, "Elementos Gerais do Universo": *"Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria sem inteligência e um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Que elas tenham ou não uma fonte comum e os pontos de contacto necessários; que a inteligência tenha existência própria ou que seja uma propriedade, um efeito; que ela seja, mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanção da Divindade - é o que ignoramos. Elas nos aparecem*

*distintas, e é por isto que as consideramos formando dois princípios constituintes do Universo. Vemos, acima de tudo isto, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que delas se distingue por atributos essenciais: é a essa inteligência suprema a que chamamos Deus. "*

— Odilon - falei -, do ponto de vista científico, excetuando-se a definição de "O Livro dos Espíritos" sobre Deus - "Inteligência Suprema, Causa Primária de Todas as Coisas" -, você sabe a melhor que já encontrei? **"Deus é uma reta isotrópica, paralelo a si mesmo e sobre si mesmo vibrando num ângulo de 90 graus"!** (grifamos)

— Isotrópica? Que é que significa? - interrogou Modesta.

— É a propriedade que têm os corpos de vibrar em todas as direções, como, por exemplo, a luz.

— Doutor, interessante!... De onde o senhor tirou isso?

— Do livro de um conhecido meu, homem idôneo e culto, que escrevia sob o pseudônimo de Dino Kraspedon.

— Vocês não gostariam de voltar a falar sobre mediunidade? - sugeriu Modesta, cuidando de simplificar a ambientação científica.

## 8

**S**uando nos preparávamos para dar sequência a tão cativante tema, Manoel Roberto anuncia de nossa irmã Domingas (Maria Rodrigues Salvador), que estávamos aguardando.

— Por favor, faça-a entrar - solicitei ao devotado colaborador, aliás antigo Enfermeiro-Chefe do Sanatório Espírita de Uberaba.

— Com licença - disse, então, nossa irmã, um tanto retraída.

— Ora, sintá-se em casa, minha filha! - respondi.

— Espero não estar atrapalhando...

— De forma alguma, Domingas! - observou Odilon, procurando deixá-la à vontade entre nós.

— Você é das nossas - aduziu Modesta, abraçando a médium, prestes a completar o seu

primeiro ano de desenlace. — Folgo em vê-la tão bem disposta...

— Também, sendo tão paparicada assim, sinto-me até envergonhada... Onde é que posso me sentar? No meio de tanta gente ilustre, as minhas pernas bambearam...

Conduzindo-a a uma das poltronas, esclareci:

— Estamos falando sobre um assunto de que você gosta muito.

— Mediunidade?

— Sim.

— Adoro, mas, confesso, não entendo nada. Quem sou eu, para algo acrescentar ao que vocês sabem?!

— Você será - brinquei - a nossa segunda cobaia; a primeira, por direito de antiguidade, é a Modesta...

— Vocês pretendem me dissecar? - perguntou, evidenciando bom humor.

— Esfolá-la viva!...

— Domingas - adiantou-se Odilon - conte-nos as suas impressões. Por exemplo, o que você sentia em transe, como era...

— Como deixava de ser...

— É! Queremos saber tudo!

— Dr. Odilon, era uma confusão na minha cabeça! No começo, como o senhor sabe, duvida-

va muito, mas depois... Cansada de lutar comigo mesma, falei, certo dia: "Seja o que Deus quiser!" E foi... Não sei se deslanchei ou se escorreguei... O certo é que... recebi vocês todos; aliás, recebi quase o Mundo Espiritual inteiro!

— Não exagere, Domingas! - ponderou o Mentor.

— Bem, falando sério, se é que é possível, **fui conduzida à mediunidade pela obsessão.** Engraçado, não? Quando é obsessão, a gente não duvida, mas quando a Doutrina nos esclarece, e a obsessão começa a se transformar em mediunidade...

— Fale-nos do transe - pedi, especificando.

— Doutor, o meu corpo se alterava todo, não sei... Por vezes, a minha cabeça crescia, as mãos, os pés; o coração batia acelerado, a pressão sanguínea descontrolava-se... As ideias vinham em cascata.

— Eram ideias ou palavras?

— O senhor sabe, Dr. Inácio, que nunca pensei nisto... Agora, que está perguntando, penso que eram clichês - *clichês mentais!* As imagens me sensibilizavam o cérebro...

— Como a uma máquina fotográfica...

— ...e eu ia falando; abria a boca e... não a fechava mais. Basicamente, eram ideias e... emoções.

— Permitam-me um adendo - solicitei.

— Interessante a questão pertinente ao cérebro e ao

coração, ou seja, ao intelecto e à moral. Quando - está escrito em 1 Reis, capítulo 3 - Salomão pede ao Senhor: *"Dá, pois, ao teu servo coração compreensivo para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre bem e mal; pois quem poderia julgar a este grande povo?"* Ele respondeu: *"Eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e entendido de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá".*

— A sabedoria de Salomão?...

— Segundo a Bíblia, Domingas, é sinônimo de coração sábio e entendido! O Senhor não lhe promete dar um cérebro culto...

— Paulo, em sua famosa Epístola aos Coríntios...

— Na primeira Epístola, capítulo XIII!

— ...coloca a caridade, o amor, acima de todos os valores intelectuais: *"Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; (...) e tivesse perfeita ciência de todas as coisas..."*

— Bem lembrado - enfatizou Odilon.

— Talvez ainda - acrescentei - nos possa ser útil às reflexões que efetuamos, um dos conceitos da Psicologia sobre intuição: "Tipo de conhecimento ditado predominantemente pelos sentidos e que não

envolve, portanto, qualquer cogitação prévia ou pensamento refletido. **O juízo intuitivo é frequentemente formulado com base em indícios mínimos; é a percepção imediata de sua semelhança com os observados em experiências anteriores, embora sem se operar uma comparação consciente ou uma recordação explícita dessas experiências**", (grifamos)

— Interessantíssimo, Inácio! - exclamou Modesta. — Isso é mediunidade!... "O juízo intuitivo...

— ...é frequentemente formulado com base em indícios mínimos..."

— O médium, sem "base em indícios mínimos", não trabalha, ou trabalha, deixando a desejar.

— É o que eu percebia comigo - observou Domingas -: quando determinado assunto era de meu prévio conhecimento, os espíritos ficavam mais à vontade... Vocês, quando falavam ou escreviam por mim?...

— Sim, é óbvio - respondi.

— Agora, por outro lado, quanto mais eu sabia sobre o tema abordado...

— ...maior a sua dúvida!

— A minha e... a dos outros. Por este motivo, os médiuns, de uma maneira geral, para se fazerem acreditados...

— ...vivem pretextando ignorância!

— Chegamos ao ponto - interveio o Instrutor.

— Este é o ponto crucial da questão - concordou Modesta.

Domingas tornou a se mostrar retraída e confessou:

— A descrença do povo obriga a gente a não falar a verdade.

— Não, não é a descrença: é a ignorância! - sentenciei, sem evasivas. — O povo não sabe quase nada sobre mediunidade, e vou dizer mais: neste campo, quem apenas teoriza, equivoca-se com frequência.

— Imaginem: eu chegava a duvidar da existência do Dr. Rudolf... As vezes, imaginava que ele fosse criação da minha cabeça!

— Então - falei -, você também duvidava de nós?

— De vocês, não, Doutor, pois, afinal, eu os conheci - a vocês e ao pensamento de vocês; fomos contemporâneos... Todavia, sinceramente, na condição de médium, não sei dizer com quem eu me sentia mais segura: se com o Dr. Odilon, com quem convivi e trabalhei, ou se com o Dr. Rudolf...

— Por que, Domingas?

— Porque, com o Dr. Odilon Fernandes, eu me sentia na obrigação de ser mais fiel, no que diz respeito à linguagem, às ideias, às colocações... Com o Dr. Rudolf, eu me soltava mais!

- É que ninguém estava a policiá-la...
- Sendo uma "criação" minha, tudo bem!
- Meu Deus! - comentou Modesta.
- Quantas nuances na mediunidade!
- E o pior, D. Modesta, é que a gente acha que o transe mediúnico é algo matemático - é como apertar-se uma tecla de televisor e... pronto: imagem e som na tela!
- Inácio, por favor, repita: Intuição, ou juízo intuitivo, "é a percepção imediata...
- "...é a percepção imediata de sua semelhança com os observados em experiências anteriores..."
- Quase fala "reencarnação", não é? Quer dizer: se uma criança tem intuição, de onde ela o tira, se, na maioria das vezes, não pode experienciar?
- Ah! Os materialistas arranjam explicação para tudo. Infelizmente, o que não falta aos homens são sofismas... Eles dizem que é coisa do ventre materno!
- Que pena!...
- Domingas - retomou Odilon a palavra.
- Então, você não cria na existência real do Rudolf?
- Cria e não cria - respondeu, sincera.
- A culpa maior, no entanto, é de vocês, que fazem pouco para patentear, junto aos médiuns, a sua presença.

— Você, agora que está *morta* - devolvi -, terá a oportunidade de fazê-lo. Tomara que consiga; será um feito e tanto!...

— Resumindo - disse o Instrutor, prático: a alternativa que nos resta, de trabalho produtivo com os médiuns, é incentivá-los ao estudo e, tanto quanto possível, induzi-los a saírem do corpo e excursionarem por aqui, nestas paragens...

— Não vai ser fácil, Doutor! - inferiu Domingas. — A turma estuda pouco e, nem quando desencarna, sai fácil do corpo...

— Nem a porrete!

— No "Liceu" estamos tentando que os futuros medianeiros reencarnem com uma maior cota de lembranças no subconsciente...

— O pessoal fala em recordação do passado... Mas, pergunto: Que passado? A maioria chega a este Outro Lado dormindo - desencarna dormindo e reencarna dormindo... É um círculo vicioso!

— Que estamos trabalhando para quebrar, Doutor! Temos logrado êxito parcial, em muitos casos. Quando, por exemplo, poderíamos tratar de assunto tão complexo com semelhante abertura?!

# 9

— **D**

e fato - concordei com Odilon - todavia o processo é moroso...

— Doutor, uma frase, uma sentença que consigamos transmitir, induzindo os companheiros encarnados à reflexão, servir-nos-á de base para outros raciocínios. Não cabe à mediunidade tudo revelar, suprimindo a criatura encarnada do esforço que deve empreender por si mesma, a fim de melhor compreender a Vida em toda sua plenitude. Por outro lado, é claro, não nos convém acomodar-nos... Aqui mesmo, na Dimensão que povoamos, temos nos desdobrado para assimilar a realidade existencial nos Páramos Superiores.

— Você, como sempre, fala com notável propriedade. As dificuldades de nossos médiuns aqui

são quase as mesmas dos medianeiros que mourem na carne. Tudo é relativo. Incrível, não é?

— E anotemos o seguinte: se, de quando em quando, não se corporificassem entre nós mensageiros dos Planos Mais Altos, então, no que tange à transmissão, é que a mediunidade, depois da morte, se faria impraticável...

— Excelente observação, Odilon, corroborando a tese que apresentamos aos nossos irmãos encarnados e tanta celeuma tem ocasionado: a da gravidez no Mundo Espiritual!

— Celeuma, Doutor! - exclamou Domingas. — Sou um defunto ainda fresco, recém-chegado do caldeirão fervente lá de baixo, e posso falar... Nossa! Coloque celeuma nisso!... O senhor está baratinando a cabeça de meio mundo. Eu mesma, por respeito à sua pessoa e por ser amiga do médium, fiquei calada, mas...

— Se estivesse do Outro Lado?...

— Ah!, material de crítica não falta... Além de defender, abertamente, que Chico foi a reencarnação de Allan Kardec, o senhor veio com essa história de que, por aqui, nascem crianças!

— E tanto eu quanto você, Domingas - sem estar querendo insinuar nada, absolutamente nada -, podemos realizar os sonhos que se nos frustraram na Terra...

— De ser pai e mãe? - inquiriu a companheira sorrindo. — Doutor, eu não consigo me imaginar mãe! É mais fácil que eu me imagine pai! Não sei, tenho a impressão de que nunca fui mãe...

— E eu tenho a impressão de que nunca fui pai!

— Calma, gente! Calma! - gracejou Modesta, arrancando sorrisos ao próprio Odilon.

— Curioso - prosseguiu a companheira, enquanto tentávamos controlar -, o pessoal encarnado só pensa em mediunidade em termos invertidos, ou seja, que os nossos médiuns aqui, na Vida Espiritual, se limitam a intermediar os comunicados deles para nós...

— Ora - falei, indignado - , aplicando, em nosso Plano, o conceito de Psicologia sobre intuição: "*O juízo intuitivo (...) é a percepção imediata de sua semelhança com os observados em experiências anteriores, embora sem se operar uma comparação consciente ou uma recordação explícita dessas experiências*" (grifamos) - é natural que se deduza que os nossos médiuns venham de Cima. De onde mais poderiam vir?...

— No livro "Nosso Lar", a mãe de André Luiz, quando o visita, se materializa, não?

— Sim, e o próprio André Luiz, mais tarde, vai ao seu encontro, desprendendo-se de seu corpo espiritual - respondi à nossa cara Domingas.

— A gente, quando encarnada, fala de mediunidade por aqui, mas nem sabe o que está falando - fala por falar! A gente não pensa, não raciocina... É verdade: se temos médiuns que vão daqui para a Terra, temos médiuns que vêm de algum lugar para cá... E, por falar nisto - acrescentou -, eu gostaria de manusear um livro que tivesse sido psicografado aqui...

— Com... pli... ca... do! - respondi, tartamudo.

— Qual o motivo? Não existem?...

— É claro que existem, filha, aos montes; o problema é que você não conseguirá se referir a eles aos nossos irmãos encarnados. Se não estão aceitando "Nosso Lar", "Libertação"...

— "Na Próxima Dimensão"!

— ... não terão cabeça para registrar o que, com certeza, lhes parecerá ainda mais ficção.

— O "Pensamento e Vida", de Emmanuel...

— Trata-se de uma obra diferente - foi redigida aqui mesmo e transmitida via mediúnica. Logo ao prefácio, Emmanuel explica: *"Perguntou-nos coração amigo se não possuíamos algum livro no Plano Espiritual, suscetível de ser adaptado às necessidades da Terra.*

*"Algumas páginas que falassem, ao espírito, dos problemas do espírito... Algo leve e rápido que condensasse os princípios superiores que nos orientam a rota..."*

**"E lembramo-nos, por isso, de singela cartilha falada de que dispomos em nossas tarefas, junto aos companheiros em trânsito para o berço, utilizada em nossas escolas de regeneração, entre a morte e o renascimento. (...) "Pensamento e Vida", chamamos-lhe no Mundo Espiritual e, sob a mesma designação, oferecemo-la aos nossos irmãos de luta..."** (grifamos)

— Um livro do Mundo Espiritual na Terra!  
Que beleza! - admirou-se Domingas.

— Deus é a Suprema Fonte do Amor e da Verdade! A rigor, toda luz promana do Alto... O Evangelho, no mundo, é um livro que transcende as Esferas Espirituais que circundam o Planeta!

— Bem - ponderou Odilon -, a gente começa a falar num assunto e a coisa vai longe... Como o tempo de que dispomos é curto, tentemos voltar ao ponto inicial de nosso diálogo.

— A questão da memória mediúnic!

— Exatamente, Doutor.

— Estávamos "dissecando" a Domingas...

— Já estou todinha dissecada... A estas alturas, eu não sei mais de onde vim e nem para onde vocês irão me mandar. Socorra-me, D. Modesta!

— Quando estes dois começam, Domingas!...

— Você permanecia consciente durante o transe? - indaguei.

— Não permanecia inconsciente; tinha o controle do pensamento do espírito... À porta de minha casa mental, eu me postava como intransponível sentinela.

— Se o espírito - continuei, sob a atenta observação de Odilon -, procurava, por seu intermédio, transmitir algo de seu inteiro desconhecimento...?

— ...reagia de imediato - sem querer, reagia, não consentindo que tais ideias...

Nossa irmã efetuou uma pausa e inverteu o rumo das palavras:

— ... a menos que, em fração de segundo, elas me convencessem; o que, evidentemente, podia ocorrer. Em nível de cérebro, as coisas se processam com velocidade espantosa! Enquanto o espírito comunicante fala às pessoas, ele fala igualmente conosco, os médiuns; é como se apenas parte de nosso cérebro permanecesse mediunizada... Se a entidade espiritual, em seu diálogo paralelo conosco, logra nos *convencer*, então, do ponto de vista mediúnico, nos tornamos a eles mais passivos, dóceis, flexíveis.

— Interessante, não, Modesta?

— Nossa Domingas fez sutil constatação; é assim mesmo... Comigo também, não raro, a entidade espiritual comunicante entabulava esse *diálogo*, procurando vencer-me a re-

sistência. Tudo se passava muito rapidamente... É a triagem prévia, produzida pela mente do médium. O de que a gente não tem certeza, fica retido nas malhas do raciocínio, da lógica, do bom senso.

— Estamos nos referindo ao médium portador de um mínimo de discernimento...

— Certo, Doutor! Nos médiuns perturbados - prosseguiu Modesta -, a filtragem não acontece.

— Odilon - perguntei -, os médiuns em desequilíbrio não nos seriam, então, melhores instrumentos?

— Como controlar-se um veículo sem freios, despencando ladeira abaixo? Ou pilotar-se uma aeronave, sem o computador de bordo funcionando a contento? Os médiuns em estado de perturbação, momentaneamente, se suprimem de toda ética; prestam-se à ação dos espíritos obsessores, igualmente enfermos...

— Que complicação! - exclamei, voltando-me para Domingas. — Quando Odilon se manifestava por você...

— ...eu me deprimia...

— Deprimia-se?

...sentindo-me, mediunicamente, aquém! Ora, Doutor, eu era uma médium analfabeta - não tinha e não tenho cabeça para números,

datas, nomes, termos científicos... O cérebro humano é muito definitivo!

— Neste aspecto, você tem razão. O cérebro é um engenho maravilhoso, mas que o homem ainda não sabe usar. Conclusão: a faculdade mediúnica, de efeitos intelectuais, carece de apurada memória... É por aí, Odilon?

— É por aí, Doutor. A questão genética não pode ser totalmente descartada. Os médiuns que reencarnam com tarefa ativa no campo da mediunidade, merecem cuidados especiais no que tange à formação do cérebro.

— Mas o cérebro não é reflexo da mente?

— Sim, todavia não nos esqueçamos de que a própria Ciência está interferindo no código genético da criatura. Quando adquirimos um chapéu, não podemos mudar a cabeça para adaptá-la ao seu tamanho, mas podemos escolher o tamanho do chapéu.

— Chico Xavier?...

— A constituição cerebral do corpo em formação, mereceu, da Espiritualidade Superior, cuidados específicos; houve um direcionamento na escolha do material genético, que, também, lhe sofreu a própria influência.

# 10

— **E**ntão - questionei -, no caso de Chico Xavier, o Plano Espiritual superior interferiu?...

— A partir da própria e decisiva influência que o seu espírito ensejava. Ele, antes de reencarnar, passou por delicados processos nos Planos Mais Altos. Permitam-me uma digressão - solicitou o Mentor. — O Evangelho de João, capítulo 9, versículos 1 a 3, narra-nos o episódio da cura efetuada por Jesus em um cego de nascença: "*Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras*

**de Deus."** (grifamos) O que se depreende de semelhante passagem?

Foi Domingas que tomou a iniciativa de responder.

— Que a Lei do Carma, ou de Causa e Efeito, não agia sobre ele; a sua cegueira não era coisa do passado...

— E que ele, provavelmente - emendou Modesta -, pedira para vir com a prova da cegueira, em escolha voluntária. É o que se deduz: *"...foi para que se manifestassem nele as obras de Deus"*!

— Excelente! - aprovou o Mentor. — Vejamos que, secundando a Missão do Senhor, em sua vinda à Terra, vários espíritos se candidataram: ofereceram-se para que, de qualquer maneira, estivessem em contato com Ele.

— Emocionante, Odilon! - disse eu. — Você me faz chorar... Que coisa linda! Ah!, eu teria pedido para ser nem que fosse um pedaço de chão pisado pelos seus divinos pés... Àquela época, contudo, eu deveria estar de coração trancado. Quem dera tivesse sido eu a ovelha humilde que Dele se aproximou, na estrebaria que O acolheu em Belém!

— O cego anônimo não havia pecado... Aí está, implícito, o ensinamento da Reencarnação!

— Quem não enxerga isto é duplamente cego, de corpo e alma!

— Deixem-me citar um outro exemplo. Ainda no Evangelho de João, capítulo 5, versículos 1 a 18, nos deparamos com a cura de um paralítico.

— Deste trecho eu me recordo; quem gosta muito de se referir a ele é um certo confrade nosso.

— Ah! Eu me lembro mesmo dele citando-o - aparteu Domingas com espontaneidade.

— Para simplificar, fiquemos apenas com o versículo 14, que diz: "*Mais tarde Jesus o encontrou (o paralítico que havia sido curado) no templo e lhe disse: **Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda cousa pior***", (grifamos)

— Aí vemos a Reencarnação e a Lei de Causa e Efeito: "*...não peques mais, para que não te suceda coisa pior*"! A paralisia naquele homem era consequência do passado - era, em outras palavras, seu carma.

— Bem, o que desejamos enfatizar é a possibilidade da intervenção do Mundo Espiritual - intervenção relativa e sempre com objetivo superior, sem derrogar as Leis Naturais -, junto às nossas provas.

— O assunto é delicado e transcende - observei.

— Se transcende, Doutor! - concordou Odilon.

— Eu sempre medito no que está registrado em "Atos dos Apóstolos", capítulo 5, versículos 1 a 11.

— Sobre Ananias e Safira, sua esposa.

— Sim! Consinta-me exercitar a memória - solicitei. — *"Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, de acordo com sua mulher, reteve parte do preço, e, levando o restante, depositou-o aos pés dos Apóstolos. Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus." Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande temor a todos os ouvintes. Levantándose os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram. Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera. Então Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: 'Dize-me, vendestes por tanto aquela terra?' Ela respondeu: 'Sim, por tanto'. Tornou-lhe, Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão '. No mesmo instante caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entretanto, os jovens, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido. E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos."*

— Doutor - falou Odilon -, em seguida ao significativo episódio, tão bem lembrado pelo senhor, permita-me citar um exemplo da chamada *moratória*, que vamos encontrar no livro de Isaías, capítulo 38, versículos 1 a 5: *"Naqueles dias, Ezequias adoeceu duma enfermidade mortal; veio ter com ele o profeta Isaías, filho de Amoz, e lhe disse: Assim diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás, e não viverás. Então virou Ezequias o rosto para a parede, e orou ao Senhor. E disse: 'Lembra-te, Senhor, peço-te, de que andei diante de ti com fidelidade, com inteireza de coração, e fiz o que era reto aos teus olhos'; e chorou muitíssimo. Então veio a palavra do Senhor a Isaías, dizendo: 'Vai, e dize a Ezequias: Assim diz o Senhor, o Deus de Davi teu pai: **Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas; acrescentarei, pois, aos teus dias quinze anos**", (grifamos)*

— O poder da oração! - murmurou Domingas, com reverência.

— O homem não pode alterar os Desígnios do Criador, mas o Criador pode revertê-los - comentou Modesta.

— Temos dois exemplos - frisou o Mentor -, que, por assim dizer, se contrapõem: o de Ananias e Safira e o de Ezequias, evidenciando que os dias do

homem sobre a Terra podem ser abreviados ou dilatados, de acordo com as circunstâncias intercessórias.

— Odilon - apressei-me em perguntar, pressentindo que aquela proveitosa conversa se findava, em vista de outros nossos afazeres -, qual é a sensação que você experimenta, quando, por exemplo, se dispõe a escrever ou falar através deste ou daquele médium?

— De limitação do pensamento... Em "O Livro dos Médiuns", capítulo XIX - "Papel do Médium nas Comunicações Espíritas", há interessante abordagem: *"...nós, espíritos, somos compositores de música que compomos ou queremos improvisar uma ária e temos à mão apenas um piano, ou um violino, ou uma flauta, ou um fagote, ou um assobio barato. É incontestável que com o piano, a flauta, ou o violino, executaremos nosso trecho de um modo muito compreensível para os ouvintes; ainda que os sons provenientes do piano, do fagote ou da clarineta sejam essencialmente diferentes, salvo os matizes do som. Mas se não temos à nossa disposição senão um assobio barato ou um funil, aí é que está a nossa dificuldade. "*

— Estão vendo - disse, provocativo -, Modesta e Domingas, a que Odilon comparou vocês duas, médiuns sacramentadas e juramentadas? A um assobio barato ou a um funil, a escolher!

Aceitando a brincadeira, nossa irmã Domingas adiantou-se:

— Eu sou o funil... Nem quando criança, conseguia assoviar - nunca dei conta de aprender.

— E, depois - acentuei -, dizem que o espírito irônico sou eu... Sim, senhor! De quem é a autoria do texto, Odilon?

— De Erasto e Timóteo.

— Finalmente, não estou sozinho: *tem gente grande assoviando comigo...*

— A dissertação, Doutor, belíssima, acrescenta: "*Com efeito, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados...*

— De novo, é com vocês duas, e eu não tenho nada a ver com isso.

— *...nosso trabalho se torna bem mais longo, bem mais penoso, porque somos obrigados a recorrer a formas incompletas, o que é uma complicação para nós, porque então somos forçados a decompor nossos pensamentos e a proceder palavra por palavra, letra por letra, o que é um aborrecimento e uma fadiga para nós e um entrave real à presteza ao desenvolvimento de nossas manifestações."*

— "*...palavra por palavra, letra por letra...*"? Coloque aborrecimento e fadiga nisso! Sinceramente, eu não teria paciência... Mil vezes preferível ser um espírito batedor! Pelo menos, a

gente se diverte... Ah, não! **Decompor os pensamentos!** (grifamos) Odilon, você se me sai com cada uma! Garanto que *tem* muita gente que nunca leu isso em "O Livro dos Médiuns".

— Leu, Doutor, mas não guardou ou não compreendeu, como eu própria admito não ter guardado, nem compreendido.

— O pessoal implica, Domingas, mas é como costume dizer: *tem* gente que enche a boca para falar de Kardec, sendo que, da Codificação, só conhece o Codificador!

— O Inácio gosta de pegar pesado...

— Eu, não, Modesta! Quem começou foi o Odilon... Desta vez, a culpa é inteiramente dele - graciei, abraçando o amigo, que se mostrava desconcertado.

— Quando nos reuniremos para uma outra aula? - perguntou Domingas, percebendo a movimentação de Modesta e Odilon para se retirarem.

— Que aula, minha filha? - respondeu o Mentor, esquivando-se com a modéstia que sempre lhe é peculiar. — Onde está o professor? Somos todos meros aprendizes!

# 11

— **N**ão! Não adianta, Doutor!  
- falou-me o primeiro  
paciente agendado para  
aquela manhã. — O senhor não me convencerá de  
que estou *morto*... É um absurdo o que vocês que-  
rem inculcar na cabeça da gente!

— Primeiro - argumentei -, o homem não  
se acredita um espírito encarnado; depois, não se  
admite um espírito fora do corpo... Padece de uma  
doença que é fruto de uma educação religiosa de-  
ficiente. Autossugestiona-se a vida inteira e, após  
o desenlace, prossegue sob sugestão.

— Trata-se de uma teoria... Eu não entendo.  
Não sei baseado em que vocês fazem tais afirmativas.  
Desculpe-me, estou aqui por insistência de amigos.

— Você - perguntei - não tem nenhuma  
lembrança?

— Não, lembrança alguma. Ora, se eu me  
lembrasse de alguma coisa ficaria claro! Não me  
recordo de nada.

— Nem de que estava gravemente enfermo, hospitalizado, e de que se submeteu a uma grande cirurgia no estômago?

— Graças a Deus, me recuperei. Veja - disse, mostrando-me enorme cicatriz -, não houve complicação; nada de infecção hospitalar, como querem me fazer crer...

— Então?...

— Estou ótimo.

— Como você explica as mudanças à sua volta?

— Doutor, por este motivo estou aqui... O senhor tem fama de bom psiquiatra, com conhecimentos neurológicos. Penso que a anestesia me afetou parte do cérebro e me prejudicou a visão da realidade. Agora, *morto*, é brincadeira! Uma vida depois da morte, absolutamente igual? Como, bebo, durmo - enfim, quase nada se alterou para mim. É verdade, as coisas andam um pouco confusas... Certas imagens se me sobrepõem a outras, e, por este motivo, me equivoco com frequência em relação a nomes e datas...

— Você já *morreu* inúmeras vezes...

— Está aí outra coisa que não entendo... Não é porque a minha formação religiosa seja diferente; aí, na ficha do senhor, deve constar que sou católico... Se eu, como afirma, tivesse morrido inúmeras vezes... Trata-se, inclusive, de uma

hipótese contrária ao que o senhor quer me fazer crer! Eu não tenho a menor lembrança do Além...

— O Além-Túmulo é aqui!

— Não, Doutor! O meu caso é físico, problema de memória... Talvez alguns medicamentos me fossem úteis. O senhor, com todo o respeito que me merece, quer que eu creia numa teoria... A minha razão e os meus sentidos contrariam o que diz. Eu não vou mentir, apenas para lhe agradar e temporizar - ainda que o senhor me considere louco e me mande internar. Tenho que ser sincero, não acha?

— Sim, é claro!

— Sei que é espírita...

— Aqui, meu filho, sobretudo sou médico.

— Foi nesta condição que o procurei, pois, como adepto do Espiritismo, o seu discurso para mim é previsível.

— Embora, confesso, em casos como o seu e outros tantos, não me seja fácil separar as duas coisas.

— Por quê?

— Porque a Psiquiatria ainda não ousou atravessar a fronteira de Além-Túmulo; o seu potencial é extraordinário, desde que não se detenha à superficialidade dos fenômenos que examina...

— Em que o senhor se baseia para dizer que *morri*?

— Em primeiro lugar, em mim mesmo.

O paciente arregalou os olhos e como que se encolheu na poltrona.

— Estou alijado do cenário terrestre desde 1988... Em que ano estamos?

— Em 2006!

— Como eu poderia ainda estar no corpo? Não é uma questão de crença, e, sim, de matemática. Façamos os cálculos. Nasci em 1904...

— Para 1988, 84 anos!

— De 1988 para 2006, mais...

— 18 anos!

— Se não tivesse *morrido*, estaria com 102 anos! Pareço-lhe ter esta idade?

— Não! Deve ter havido um erro em sua certidão de nascimento, o que, aliás, era muito comum antigamente. O senhor me parece não ter mais que 60...

— É uma das compensações de se *morrer* velho, meu filho: a morte nos rejuvenesce um pouco...

— Não é o meu caso; submeti-me a cirurgia em 2004, no mês de outubro... Estava com 52 de idade, estou quase completando 54!

— Eu já visitei o túmulo, onde os meus restos jazem enterrados, ao lado daqueles que foram meus genitores.

— São essas as evidências - tão frágeis! - nas quais o senhor se apoia, a fim de se convencer que está morto? Ora, Doutor, o senhor é um homem inteligente... Antes de completar os 50, eu já tinha mandado construir o meu túmulo - não quero dar trabalho a ninguém. É claro que - falou, dando três pequenas supersticiosas pancadas sobre a madeira do braço da poltrona - não penso em morrer tão cedo.

— Você - insisti - não se recorda de nada daqui? Faça um esforço...

— Daqui, do Consultório, deste Hospital? O senhor mandou reformar a fachada dele, não é? Ficou mais moderna. Quem foi o autor do projeto? O Germano?...

— O Germano Gultsgoff também já morreu...

— Eu não fiquei sabendo. Excelente arquiteto! Votei nele, quando se candidatou a prefeito...

— Casos como o seu, confesso, me fascinam; são dos que mais me intrigam... E o que me diz dos familiares que desapareceram? Você é casado, não?

— Separado, Doutor; eu não vejo a Margarida, faz um tempão!... As vezes, sonho com ela e com os meninos, que, aliás, foram me ver no hospital.

— E sua mãe, seu pai?...

— Estão os dois mortos. Pronto! Se eu, de fato, estivesse morto, teriam vindo me ver... Até

agora, nenhum dos dois me apareceram, se bem que, no que se refere ao meu pai... O velho deve estar em apuros no Outro Lado: bebia muito, maltratava minha mãe, quebrava as coisas dentro de casa... Apesar da mágoa, tenho orado por ele.

— Joaquim...

— Estava encucado, porque o senhor ainda não me havia chamado uma única vez pelo nome!

— ...quer dizer que está tudo bem?

— A não ser essa questão da amnésia, o resto... O senhor acredita que tenha faltado oxigenação? Ou trata-se de um trauma pós-cirúrgico?

— Onde é que você está morando?

— Aqui mesmo, na cidade, com uma tia minha; ela e alguns amigos insistiram que eu viesse me consultar... Sabe, Doutor? - também não me recordo muito dela, não - nunca fomos muito ligados.

— Nada aconteceu que lhe fizesse supor estar *morto*?

— Não insista! É evidente que não. Pela minha concepção religiosa, se eu estivesse morto, estaria no Céu...

— ...no Inferno ou talvez no Purgatório!

— Felizmente, não estou em nenhum destes! Ainda tenho muita lenha para queimar... A cada dia, sinto-me com maior disposição. Tenho dormido em

excesso, é verdade; às vezes, sou acometido por irresistível torpor... Que será? Fruto de longa inatividade?

— Talvez...

— Doutor, do ponto de vista psiquiátrico, qual é o seu diagnóstico?

— Síndrome de Abstração da Realidade.

— Da realidade?...

— Pós-morte!

— Se for, trata-se de uma doença, não? Eu não acredito, mas...

— Sim, trata-se de uma doença quase generalizada.

— Eu converso com muita gente por aqui... Doutor, para mim e outros mais, os loucos são vocês que andam espalhando isso! Desculpe-me, mas os espíritas são esquisitos; a gente reencarna - é esta a palavra, não é? -, não fica sabendo, desencarna, não fica sabendo!... Ô, louco! Quando estão na Terra, são espíritos encarnados; quando imaginam não estar, são desencarnados... Olhe, Doutor, com todo o respeito: se eu morri, morri pela primeira vez; tudo isto aqui é novidade para mim... Será que, há milênios, tenho vivido descerebrado?

— Descerebrado, não, mas sem dar conta de si mesmo, sim.

— Que é que o Espiritismo explica? Onde é que estou, então? Porque, a estas alturas, não sei

de mais nada. Qual é o motivo de as religiões não nos esclarecerem?

— Estamos, eu, você e tudo que os seus sentidos conseguem registrar, no Mundo Espiritual, que é a nossa Pátria de origem.

— De origem como, Doutor? Ninguém de nada se lembra, antes do berço e depois do túmulo! Certo, tem coisas que não compreendo, não explico, mas... O que dá ao senhor tal convicção é somente a fé? Em que bases concretas se apoia para chegar a semelhante conclusão?

— Questões, sim, pertinentes à razão, à lógica, mas, também, para mim, aos fatos.

— Que fatos?

— Eu já me encontrei com um punhado de pessoas que sabiam estar *mortas* ou que presenciaram a minha *morte*.

Acionei pequeno dispositivo que acendeu discreto sinal luminoso lá fora, e, presto, Manoel Roberto adentrou o recinto.

— Pois não!

— Manoel, diga-nos: em que ano você desencarnou?

— Em 1965; aproximadamente, 23 anos antes do senhor...

# 12

— **A**companhei o seu enterro, chorei por você? - continuei perguntando.

— Presumo que sim!

— Ingrato! Sequei a fonte de minhas lágrimas de tanto chorar por você e Modesta...

— D. Modesta desencarnou alguns meses antes, em 8 de agosto de 1964.

— Deixaram-me, os dois, sozinho, por quase 25 anos!

E virando-me para o paciente, disse:

— Colaborei com os familiares na construção dos túmulos de ambos, Joaquim.

— O que me guardou os ossos, foi o senhor quem construiu, bem como os irmãos da Loja Maçónica "Estrela Uberabense"!

— Nossa Domingas está por aí? - indaguei.

— Chame-a, por favor.

Assim que a devotada irmã se apresentou, eu, sem perder tempo, questionei-a:

— Domingas, quando é que você deixou a carcaça?

— 22 de setembro de 2005!

— Você foi ao meu velório?

— Mas que pergunta, Doutor!... Praticamente, todos os espíritas de Uberaba foram! Ainda mais eu, que sempre adorei um velório...

— Então, eu *morri* mesmo?

— Uai, *morreu*, não? Eu não estou entendendo... O senhor estava "mortinho da silva"!

— O *da Silva* aqui, é o Manoel Roberto - respondi, fazendo troça.

Em seguida, solicitei:

— Manoel, chame-me agora... Quem é que *morreu* depois da Domingas e está por aí? Precisamos do depoimento de um defunto mais fresco, no bom sentido, é claro.

— Temos, esperando pelo senhor, nossa irmã Tereza.

— A ex-funcionária do "Pedro e Paulo"?

— Ela mesma.

— Faça-a entrar.

Em segundos, humilde companheira, a passos tímidos, adentrava o Consultório, amparada por Manoel.

— Sente-se, filha, e sinta-se à vontade.

— Fiz alguma coisa de errado? - perguntou, desconfiada, tomando assento ao lado de Domingas, que lhe segurou a mão, em apoio.

— Não, que é isso? - sosseguei-a.  
— É mais fácil que eu tenha feito algo de errado. Só quero lhe fazer uma pergunta: lembra-se da data de sua desencarnação?

— Do meu falecimento? - redarguiu com simplicidade.

— É.

— 19 de julho, deste ano...

— De 2006; portanto há quase 5 meses... Agora, se possível, gostaria que confirmasse aqui para nosso Joaquim, a *morte* de Domingas.

— De D. Domingas?! Doutor, eu fui ao velório dela, e não estou sonhando, não, senhor... Lamentamos muito a falta dela, no "Pedro e Paulo"! Ela me ajudou em várias oportunidades - a mim e aos meus filhos. Fiquei muito triste com a ausência dela... Eu ficava lá, lidando na lavanderia, ou na cozinha, mas escutava as palestras que fazia.

— Então, Tereza, você confirma a *morte* dela e a sua?

— Sim, e, a menos que esteja louca, a do senhor também! Tem até livro escrito do senhor desencarnado, na livraria do "Pedro e Paulo". De nós cinco aqui, eu só não conheço estes dois...

— O Manoel Roberto e o Joaquim?

— É, não me recordo das feições deles...

— Estão todos os dois igualmente *mortos*! Agradeço a sua colaboração - disse à nossa irmã recém-chegada da Terra, após cumprir difícil trajetória de provas redentoras.

Enquanto o devotado Assistente reconduzia Domingas e Tereza à sala de espera, dei sequência ao diálogo que entretinha com Joaquim.

— Que é que você me diz, meu caro? - indaguei, sentindo-me em triunfo. — Convencido?

— Doutor, não consigo externar meus raciocínios - faltam-me palavras. Compreenda, não estou duvidando do senhor; o problema é que me custa crer que possamos todos ter morrido e vindo para uma vida igual...

— Quase igual! A medida em que você abrir a mente, enxergará detalhes que, por agora, não consegue.

— Quando na Terra, eu não enxergava os espíritos...

— Você não era portador de clarividência, não era médium no exercício das faculdades.

— Agora, admitamos, que estou *morto*, não vejo os homens... O senhor não acha que alguma coisa eu teria que ver?

— Se não estivesse sob a sugestão em que se encontra, sim, ser-lhe-ia possível algo perceber da paisagem terrestre.

— Sugestão?!... Estarei hipnotizado? É o que o senhor quer dizer? Como vim parar aqui, neste Hospital? Não, neste Hospital não, estou fazendo confusão - aqui, nesta...

— ...cidade?

— Sim; diga-me: Como vim parar aqui?

— Alguns são trazidos; outros, simplesmente vêm e... são recolhidos.

— Chegam dormindo?

— A maioria.

— Ser-me-ia possível conversar com um padre? - interrogou. — Se, como o senhor fala, a Vida é...

— ...grandiosa e bela!

— Infinitamente mais! Que coisa, meu Deus! Como, se tudo for verdade, vivemos iludidos... Não! Não é possível! Há quantos milênios, Doutor, ignorando...

— ...a nós mesmos! - auxiliou-o a completar a frase.

— Posso conversar com um padre, que eu saiba que tenha morrido? - frisou.

— É para já - respondi, novamente acionando o dispositivo sob a mesa.

— Chamou-me, Doutor? - apareceu Manoel, sempre solícito.

— O Sebastião, peça a ele que dê uma chegada até aqui. Peça-lhe desculpas, se o interrompo em suas atividades.

— Sebastião?... - tentou o paciente puxar pela memória, sem, no entanto, lograr prévia identificação.

— Acalme-se - recomendei. — Se você teve realmente alguma militância na Igreja, saberá de quem se trata.

Decorrido rápido instante, Manoel entreabriu a porta e anunciou:

— Doutor, o Padre...

— O ex-Padre - corriji.

— ...Sebastião Bernardes Carmelita!

— Não, não é possível! O Padre Sebastião?...

— Joaquim, meu filho - disse o ex-sacerdote, que, com justiça, Uberaba inteira reverenciava na condição de autêntico Apóstolo do Bem.

— Estou delirando, ou é mesmo o senhor?

— Sou eu mesmo, filho! Não duvide. Toque-me, se deseja se certificar, pois até Tomé tocou as chagas de Jesus redivivo... Precisamos acordar, que já é tempo!

— Eu fui - alterara-se o paciente, elevando o tom de voz -, eu fui ao seu concorrido velório... O Chico Xavier também estava lá! Acompanhei o seu enterro...

— O sepultamento de meu corpo!

— Uma verdadeira multidão ocorreu ao velório e ao féretro.

— Tranquilize-se, Joaquim, que tudo há de ficar bem!

— O senhor morreu em...

— Desencarnei! A morte é uma palavra que foi criada para exprimir o inexistente. Nada, coisa alguma, nem mesmo um átomo ou uma célula desaparece. Um dia, ela haverá de ser riscada do dicionário, em seu significado vulgar: "cessação da vida", "termo, fim", "destruição, ruína"...

— Uma simples palavra que tem sido um desastre para a Humanidade! - enfatizei. — Daí, a importância do Espiritismo, inclusive, criando nova terminologia, para que o homem, gradativamente, se descondicione. Termos como *Reencarnação*, *Mediunidade*, *Desencarnação*, etc, têm frequentado, a cada vez mais, a imprensa leiga e terminarão por criar uma nova cultura entre os ocidentais.

— Padre, eu ouvia dizer que o senhor era espírita, e, às vezes, se tornava até em motivo de chacota em certas rodas - falavam que o senhor

era amigo de Chico Xavier, que conversava com os mortos e transmitia passes. Então, era mesmo verdade? Por que, nas missas que celebrava, não esclarecia os fiéis quanto à realidade da vida após a morte? Muitos teriam acreditado no senhor...

— Joaquim, os meus superiores me admoestavam com frequência e ameaçavam punir-me. Quis, em determinada época, renunciar aos meus votos, mas Chico Xavier quanto o próprio Dr. Inácio Ferreira me aconselharam a que não deveria fazê-lo, mas que continuasse no apostolado da Caridade a todos. Eu me limitava à prática silenciosa de minhas convicções mais íntimas, e, depois, para os que verdadeiramente se interessam pela Verdade, o Evangelho, o inesgotável repositório das mais sublimes lições - está tudo lá, em suas páginas luminescentes! Aos que têm olhos de ver, a Verdade não se oculta.

— Olhos de ver e ouvidos de ouvir - reafirmei.

Agora, inexplicavelmente, Joaquim se entregara a convulsivo pranto, escondendo o rosto entre as mãos.

— Pode chorar, meu filho! - confortou-o Carmelita -, abraçando-o com inexcedível carinho.

# 13

**N**o outro dia, à noite, diversos pacientes em convalescença foram reunidos em pequeno salão, para a palestra de que eu estava encarregado de proferir, dando seqüência ao trabalho de conscientização quanto às realidades de Além-Túmulo.

Vinte irmãos e irmãs, católicos, evangélicos e ateus, haviam sido selecionados por Manoel Roberto, que, inclusive, colocara Joaquim entre eles.

— Meus irmãos e minhas irmãs - comecei sem qualquer formalidade -, que o Senhor nos descerre as portas do entendimento e do coração!

Estamos todos *mortos!* Deixamos o corpo de matéria mais densa e, com ele, todas as nossas ilusões, que, uma a uma, ainda estão a se desfazer neste Outro Lado, onde a Vida continua.

Infelizmente, fomos vítimas de nós mesmos - de nosso comodismo espiritual, ao longo dos séculos e dos milênios. A ninguém devemos inculpar pela ignorância em que, até ontem, nos comprazíamos, em obediência aos mais variados interesses.

Muitos, antes de nós, se libertaram dos grilhões de uma educação religiosa que se alicerçava, e se alicerça, na ambição do poder. Pagaram caro pela sua ousadia. Sócrates, o inesquecível filósofo, foi condenado à morte por contrariar à ortodoxia da época em que viveu - obrigaram-no a tomar uma taça de cicuta; Jesus Cristo foi pregado à cruz infamante, acusado de se opor à situação de que os escribas e fariseus se aproveitavam, em detrimento à liberdade de consciência; Giordano Bruno foi condenado às fogueiras da Inquisição, porque ousou enfrentar o fanatismo religioso que atravancava o progresso da Ciência...

Não tivemos, é óbvio, a sua mesma coragem. Perfilávamos, com certeza, entre os que estenderam a Sócrates a taça do veneno, os que clamaram, em praça pública, pela soltura de Barabás e, conseqüentemente, pela condenação do Cristo, e entre os que, na Idade Média, alimentavam as labaredas inquisitoriais.

Faltaram apelos e advertências do Alto à nossa conversão? É evidente que não. Em várias

oportunidades, sendo chamados, ignoramos, de livre e espontânea vontade, as exortações divinas. *"Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei..."*; *"... o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha"*; *"... o reino dos céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram ir. - O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. - Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. - Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos ultrajes. - Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.*

*"Então, disse a seus servos: O festim das bodas está inteiramente preparado; mas, os que para ele foram chamados não eram dignos dele. - Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos quantos encontrardes. — Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que*

*iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa "...*

Comove-me pensar que, segundo a Parábola, o dono da casa "saiu de madrugada", ou seja: desde os primórdios de sua evolução, o homem não foi abandonado pela Misericórdia Divina! Jamais, em tempo algum, nos faltou segura orientação para o caminho. Não nos temos equivocado, senão por nossa própria culpa e indolência. O texto é claro: *"Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos quantos encontrardes "*! A nossa voluntária omissão tem aberto espaço aos aproveitadores da fé religiosa, aos que tomam de assalto os postos de liderança espiritual, à semelhança daqueles aos quais Jesus advertiu: *"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois, vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando"...* Ecoa aos nossos ouvidos impenitentes o profundo lamento de Jesus por Jerusalém, que é a Humanidade: *"Jerusalém, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!"*

*"... e vós não o quisestes!"* - repeti com ênfase, pausando em cada palavra. Em qualquer parte da Terra em que tenhamos vivido, ao longo das

sucessivas existências, nunca ficamos à míngua de direção, em nossos tímidos anseios de luz. Procuremos sintetizar. Na Índia, os Vedas (livros sagrados) destacam a Imortalidade da Alma e a Reencarnação: *"Há uma parte imortal do homem que é aquela, ó, Águi, que cumpre aquecer com teus raios, inflamar com teus fogos. - De onde nasceu a alma? Umam vêm para nós e daqui partem, outras partem e tornam a voltar."* Crisna, que segundo Leon Denis, *"aparece na História como o primeiro dos reformadores religiosos"*, ensina no Bagavad-Gita: *"Todo renascimento, feliz ou desgraçado, é consequência das obras praticadas nas vidas anteriores. Há porém, um mistério maior ainda. Para atingir a perfeição, cumpre conquistar a ciência da Unidade, que está acima de todos os conhecimentos; é preciso elevar-se ao Ser divino, que está acima da alma e da inteligência. Esse Ser divino está também em cada um de nós"*.

Aproximadamente, seiscentos anos antes da era Cristã, Buda, o príncipe Çakia-Muni, nos ensinava que está no desejo a causa do mal, da dor, da morte e do renascimento. As suas máximas, centradas na virtude da Compaixão, assemelham-se às que se encontram enfeixadas no "Novo Testamento".

No Egito, antes mesmo do tempo dos faraós, Hermes Trismegisto pontificava: *"O destino do*

*espírito humano tem duas fases: cativo na matéria, ascensão na luz. As almas são filhas do céu, e a viagem que fazem é uma prova. Na encarnação perdem a reminiscência de sua origem celeste... "*

Na Grécia, de Pitágoras, Sócrates e Platão, pregava-se, de início, secretamente, e depois, publicamente: *"Amai, porque tudo ama; amai, porém, a luz e não as trevas. Durante a vossa viagem, tende sempre em mira este alvo. Quando as almas voltam ao espaço, trazem, com hediondas manchas, todas as faltas da sua vida estampadas no corpo etéreo... E, para apagá-las, cumpre que expiem e voltem à Terra".* Sócrates e Platão diziam: *"Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornatos estranhos mas com os que lhe são próprios, só este poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo".*

Nas Gálias, ao tempo dos Druidas, dentre os quais emerge a figura exponencial de Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, apregoava-se, conforme se pode ler em "Depois da Morte", de Leon Denis, o livro da conversão de Eurípedes Barsanulfo, o Apóstolo da Mediunidade no Triângulo Mineiro, que a alma, em sua peregrinação imensa, *"percorre três*

*círculos, aos quais correspondem três estados sucessivos. No **anouln**, sofre o jugo da matéria; é o período animal. Penetra depois no **abred**, círculo das migrações que povoam os mundos de expiações e de provas. (...) A custa de uma luta incessante, desprende-se das influências corpóreas e deixa o círculo das encarnações para atingir **gwynftd**, círculo dos mundos venturosos ou da felicidade. Aí se abrem os horizontes encantadores da Espiritualidade. Ainda mais acima, se desenrolam as profundezas do **ceugant**, círculo do Infinito, que encerra todos os outros e que só pertence a Deus. " Ressalta-se, como registra Denis em sua obra fabulosa, que "a comemoração dos mortos é de iniciativa gaulesa. No dia primitivo de novembro, celebrava-se a festa dos espíritos, não nos cemitérios - os gauleses não honravam os cadáveres -, mas sim, em cada habitação, onde os Bardos e os Videntes evocavam as almas dos defuntos ".*

Compulsando "A Caminho da Luz", de Emmanuel, da abençoada lavra mediúnica de Chico Xavier, verificamos que, *"até à palavra simples e pura do Cristo, a Humanidade terrestre viveu etapas gradativas de conhecimento e de possibilidades, na senda das revelações espirituais.*

*"Os milênios, com as suas experiências consecutivas e dolorosas, prepararam os caminhos d'Aquele que vinha, não somente com a sua*

*palavra, mas, principalmente com a sua exemplificação salvadora ".*

Adiante, acrescenta o referido Benfeitor:  
*"Os sacerdotes de todas as grandes religiões do passado supuseram, nos seus mestres e nos seus mais altos iniciados, a personalidade do Senhor, mas temos que convir que Jesus foi inconfundível".*

Antes e depois, na esteira dos milênios, nenhuma luz como a Dele! *"Ouvistes o que foi dito: Olho por olho, dente por dente.*

*"Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra... "*

*"Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.*

*"Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem... "*

# 14

**C**onfesso-lhes que eu mesmo estava surpreso, ante a facilidade com que as palavras me brotavam dos lábios, no encadeamento das ideias que desejava expor.

Percebi que um e outro dos integrantes do pequeno grupo, enxugavam as discretas lágrimas que lhes escorriam nas faces.

Suspenso pela inspiração que, do Mais Alto, sobre mim se derramava, continuei, após efetuar breve pausa.

— Não, espírito algum, esteja na Terra ou em qualquer uma das Dimensões Espirituais que a circundam, poderá escusar-se, pretextando ignorância das Verdades Eternas, que, à semelhança da luz do Sol, a ninguém se sonegam.

Antevendo que as suas lições haveriam de ser deturpadas pelos que se rendem aos caprichos de ordem pessoal, adaptando-as aos interesses imediatistas, o Senhor anunciou o advento do Consolador: *"Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: — O Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo—eis, porque ficará convosco e estará em vós. — Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo que vos tenho dito "*.

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec, é a promessa do Senhor que se cumpre. Trata-se de um Movimento sem precedentes em toda a história da Humanidade, que se propõe a revivência do Evangelho de Jesus.

A Doutrina Espírita, em seu tríplice aspecto, se caracteriza pelo dinamismo da Revelação; por este motivo, consoante as palavras do Mestre, haverá de ficar eternamente conosco!

Compreendam, os nossos irmãos aqui reunidos, que não estamos a fazer proselitismo de arrastamento; não estamos nos prevalecendo da condição em que se encontram para tentar convertê-los

à crença que abraçamos... O nosso propósito é o de concorrer para o despertar das consciências que, há séculos e séculos, permanecem adormecidas, sem cogitarem, em profundidade, da própria existência.

Precisamos, sim, como nos alerta lúcido Instrutor da Vida Maior, quebrar, na Reencarnação, o círculo vicioso das provas repisadas, começando, em definitivo, uma nova etapa de nosso progresso espiritual. Porém, tanto na Terra quanto no Mundo Espiritual, vigem preconceitos que se opõem à nossa libertação; as religiões tradicionais, embora agonizantes, defendem, a qualquer preço, os seus arcaicos e ultrapassados pontos de vista, sempre mais preocupados com injunções políticas que as mantenham no poder... Inútil, porém. Em "O Livro dos Espíritos", Kardec indaga aos Espíritos Superiores, nas questões 781-a e 782, respectivamente: *"Que pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e fazer retrogradar a Humanidade?"* — *"Pobres seres que Deus responsabilizará! Serão arrastados pela torrente que pretendem deter."* — *"Não há homens que entravam o progresso de boa-fé, acreditando favorecê-lo, porque o veem segundo o seu ponto de vista e frequentemente onde ele não existe?"* — *"Pequena pedra posta sob a roda de um grande carro e que não a impede de avançar".*

Até bem pouco tempo, o domínio das religiões retrógradas sobre a mente humana se estendia, da Terra aos Planos Espirituais, agora, porém, não mais... Nós, os considerados *mortos*, em contato com a realidade que a chamada morte nos descortina, nos organizamos, e ainda estamos a nos organizar, em grupos que a cada dia se multiplicam, no intuito de estabelecermos definitiva conexão com os espíritos que mourejam na carne. *"Ninguém há que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso, ou a ponha debaixo da cama; põe-na sobre o candeeiro, a fim de que os que entrem vejam a luz; -pois nada há secreto que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido e de aparecer publicamente. "* Em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", o Codificador colocou, como prefácio da Obra, bela página assinada por "O Espírito de Verdade": *"Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta, ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.*

*"Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para*

*dissiparem as trevas, confundirem os orgulhosos e glorificarem os justos.*

*"As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós, homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.*

*"Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no Reino dos Céus ".*

Sentindo-me quase a levitar, tomei fôlego e prossegui caminhando para a conclusão.

— Ninguém imporá silêncio às vozes de Além-Túmulo... A Mediunidade se generaliza, extrapolando o âmbito da própria Doutrina. Os espíritos estão em toda parte, e não há quem lhes seja capaz de cessar o direito de bradar a sua imortalidade. Se as religiões dominantes não se transformarem, estarão com os dias contados, e, delas, não restará pedra sobre pedra. Estamos, sim, às vésperas da Era do Espírito. O mundo não será necessariamente espírita, mas o Espiritismo terá colaborado de maneira decisiva para que a Verdade triunfe. Mais que guardião dos princípios doutrinários em que se fundamenta, cabe à

Nova Revelação sustentar o seu vínculo com o Evangelho, porque, de fato, não há maior fenômeno que se possa produzir que o da **renovação íntima**. A Lei Áurea do Universo é o Amor! A vida de qualquer um de nós sem o outro, não teria sentido. Por este motivo, o nosso interesse, o dos chamados *mortos*, que, aparentemente, nada mais teríamos com as experiências do espírito encarnado, em contribuir com o despertar espiritual da Humanidade, a fim de que o orbe planetário se eleve na hierarquia dos mundos. O Cristo não seria o Cristo, se não tivesse volvido às retaguardas evolutivas, revelando-se como Caminho, Verdade e Vida aos que, então, vagueavam sem norte... Enquanto restar uma alma irredimida no Universo, não nos será lícito o repouso. Todos devemos trabalhar pela felicidade de todos! Espero, meus irmãos - disse, dirigindo-me agora de maneira mais intimista a cada integrante do grupo -, que vocês aproveitem a oportunidade - a melhor dentre todas as que já obtiveram em sua trajetória de espíritos, quando ainda não passavam de simples mônadas, a cintilarem feito grãos de poeira resplandecentes ao Sol... Fixem na memória as lembranças da Vida Espiritual, para que, em vocês, quando tomarem à liça na carne, o esquecimento não seja tão implacável, e, sobretudo, a influência do meio não os afaste do que deve se constituir em nosso real interesse para a Vida Imortal!

Solicitando, em seguida, a Manoel Roberto que proferisse pequena prece, damos por encerrada a conferência, que, periodicamente, era feita por um de nós aos pacientes em melhores condições de assimilação.

Antes, porém, que nos dispersássemos, um dos vinte ergueu a mão, solicitando permissão para uma pergunta.

— Doutor, como o senhor sabe, fui membro da Igreja Católica e o meu propósito não é o de criticá-la - não à Igreja, como instituição, pois foram os homens que a fizeram assim, nós próprios, talvez, em existências passadas...

— Concordo.

— Não acha, porém, que, na atualidade, as religiões dominantes, em nada nos informando sobre a vida além da morte, pelo menos com algo que nos fale à razão, não têm incentivado a proliferação do materialismo? Por que, inclusive, o materialismo, do ponto de vista filosófico, se mostre mais coerente, com o "morreu, acabou" contrapondo-se ao "morreu, e daí?"

— A sua pergunta, Eleutério, é sutil. As religiões, como estão, induzem mais pessoas ao materialismo que o próprio materialismo; milhares de adeptos, embora não se afastem de todo, provocando um maior esvaziamento dos templos,

adotam uma postura, a partir de seus líderes e pastores, que se revela incoerente com a sua pregação - a religião deixou de ser devoção do espírito, para ser obrigação contextual...

— Falo por mim mesmo, Doutor, que me mantive católico a vida inteira, mas que, em determinada circunstância, perdi o idealismo que me empolgava na juventude, quando cheguei a pensar em entrar para o Seminário.

— Compreendo... Necessito, no entanto, fazer importante ressalva. As nossas decepções com as criaturas - que, antes, são decepções conosco - não podem nos frustrar o espírito com o Senhor! O nosso equívoco, neste sentido, é o de incensar pessoas tão frágeis quanto nós mesmos. Não alimentemos ilusões, dos outros esperando exemplos de vida que os outros igualmente esperam de nós. Sou adepto, Eleutério, do Espiritismo "pé-no-chão"... Que significa? Estamos aí, lutando, a cada dia, para nos superarmos, assumindo, de maneira consciente e responsável, as rédeas do destino. O "homem-velho" agoniza, mas não está morto... O importante é a nossa perseverança no Bem, para que os nossos hábitos se modifiquem. Avançar, mesmo de rastros e nem que seja um milímetro por dia!...

# 15

— **D**outor - interpelou-me Eleutério, ante o interesse dos demais -, poderia melhor detalhar a tese Espiritismo "pé-no-chão"?

— O que a Doutrina nos ensina é maravilhoso: não existe morte; somos perfectíveis, herdeiros do Universo; a dor é uma experiência transitória; estamos sem contato com todos os seres da Criação, seremos, fatalmente, felizes, alcançaremos a plenitude... Agora, de que nos adianta saber de tudo isto e não nos esforçarmos para entrar em sintonia com a Vida? O homem tem certa tendência para complicar o que é simples - para teorizar excessivamente, criar rótulos, estabelecer técnicas e padrões... Por exemplo: a mediunidade, em seu exercício, é reciprocidade de ideias, sentimentos e propósitos; desenvolvê-la

é desenvolver o espírito, em sua capacidade de amar, servir, traduzindo informações na vivência cotidiana... As vezes, alguns estudiosos dos fenômenos psíquicos dão excessiva ênfase ao que chamamos vibração, dissecando o funcionamento dos *chakras* e a importância do perispírito, reduzindo a mediunidade a um mecanismo que, aparentemente, nada tem a ver com as intenções do médium. Ora, Jesus nos recomenda buscarmos, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a Sua justiça, afirmando que os demais nos serão acrescentado... Há, na atualidade, repito, tendência à mecanização dos processos espirituais: técnica de relaxamento, técnica de meditação, técnica para se entrar em transe, técnica para se transmitir o passe... Estamos condicionando ao meio externo o que está condicionado ao mundo íntimo de cada um. Elaboram-se compêndios, apostilas, consulta-se a *Internet* - pessoas existem que passam horas e horas diante do computador, mas que não são capazes de ceder meia-hora por semana a determinada obra de assistência! Espiritismo "pé-no-chão" é o que se contrapõe ao Espiritismo acadêmico, já que a finalidade precípua da Doutrina é a de tornar melhores os seres humanos. Se eu não me relacionar com as pessoas à minha volta, aprendendo a trabalhar em equipe, não terei como avaliar os progressos que faço, em termos de convivência e solidariedade. O espírita

precisa ir a campo, expor-se nas frentes de batalha, freqüentar o centro, permutar experiências, aprender a ouvir "não", arregaçar as mangas e ocupar-se de tarefas consideradas menores...

Pausei por instantes e prossegui:

— Como Diretor desta Instituição, eu poderia me eximir de contato direto com os pacientes e funcionários, delegando poderes a auxiliares competentes, concorda? Mas a consciência me cobra estar, tanto quanto possível, com os que aqui se encontram recolhidos; eu não seria capaz de dormir, se não acompanhasse, de perto, a vida da Instituição... Não se trata de centralizar decisões! O problema é que eu, sendo qualquer um, preciso me sentir como qualquer um, porque, caso contrário, daqui há pouco, estarei entronizando a mim mesmo. Quero e preciso ter os meus pacientes particulares, as ocupações e os deveres que cada um aqui dentro possui. Deus me livre de isolamento no monte da teorização! Sinto falta de ir à cozinha, ao pátio, de verificar a limpeza dos banheiros, de conversar com os colaboradores mais humildes, enfim, até de aparentemente jogar conversa fora com os internos - eu preciso continuar me sentindo uma pessoa comum, que é o que sou! Muitos, quando assumem determinados cargos, modificam-se completamente... para pior. Tomam-se inacessíveis, iludem-se quanto à transitória posição

que ocupam, deliram, crendo-se missionários disto ou daquilo... Espiritismo "pé-no-chão" é o Espiritismo que, sobretudo, me faz consciente de minhas limitações, e não da dos outros! O espírita necessita de lutar com todas as forças disponíveis contra o seu próprio comodismo. Pode ser o mais eficiente médium ou o mais eloquente orador - ele não pode se afastar do que lhe permite continuar desenvolvendo a humildade. Certo, existem certas pessoas que nos torram a paciência... São nossos avaliadores, os testes que nos põem à prova a assimilação das lições estudadas. Temos que tolerá-los! Nada de respostas ásperas ou atitudes de superioridade. Em que um médium, um orador ou um dirigente pode ser superior aos companheiros que atuam com discrição no Movimento? Em absolutamente nada! O médium é um pobre coitado - não fosse a mediunidade, ele jazeria no ostracismo. O orador e o dirigente são espíritos que, no passado, se frustraram em suas tentativas de escalar o poder. É óbvio, existem exceções. A gente estuda o Evangelho e, na hora de aplicá-lo em nós mesmos, nos esquecemos de que Jesus convivia com os mais simples - Ele estava sempre no meio do povo, o Evangelho nasceu no meio do povo! O Divino Mestre se fazia acompanhar por um séquito de pobres, doentes, perturbados - homens, mulheres e crianças que, não raro, precisava alimen-

tar; nasceu entre pastores, em singela estrebaria, e foi imolado entre dois malfeitores. Vejamos igualmente, os exemplos do insuperável Chico Xavier - peço-lhes tolerância para o meu, talvez, excessivo entusiasmo, quando me reporto ao querido companheiro. Chico não se contentava com a mediunidade, ou seja, ele queria dar de si mesmo, porque o médium consciente sabe que, por seu intermédio, o mérito maior é dos espíritos. Por isto, ele "fabricava" tempo para visitas periódicas aos hospitais, à periferia... Certa vez, desencarnou, em Uberaba, um irmão de ideal espírita: ele foi para o velório e, durante horas inteiras, ficou segurando a mão da esposa que enviuvara - a gente tinha a impressão de que ele queria dividir com ela e com os seus filhos a dor daquele momento. Agora, os médiuns atuais, não... Ressalvo que sem crítica a nenhum deles. Os espíritas não podem perder a fraternidade entre si. Nada é mais importante do que dar amor, ainda que seja à uma única pessoa, anônima e desconhecida. Vamos, sim, para os Congressos e para as reuniões importantes nos Centros, todavia, ao serem encerradas, não olvidemos que o trabalho nos espera. É possível que alguém diga: — "Já superei esta fase; o meu compromisso com a Doutrina, agora é outro..." Em seu próprio benefício, ele não deveria pensar assim. Aqui, no Hospital, por exemplo, nós não dispensamos o concurso de uma

vassoura... Eu mesmo sinto necessidade de varrer o chão. Disputo uma vassoura aqui, com qualquer um... Não, a vassoura é minha, eu preciso dela como remédio para a minha cabeça; senão, daqui a pouco, eu vou começar a acreditar nas piedosas mentiras que dizem a meu respeito: — "O Dr. Inácio é isso, o Dr. Inácio é aquilo"... O Dr. Inácio é pó! E não estou querendo tirar uma de Chico Xavier, não! O Dr. Inácio não é nada, não é ninguém... Se não houver ninguém para me xingar - graças a Deus, não tem faltado! -, eu xingo a mim mesmo! Deus me livre de delirar, de começar a achar que sou o tal... As vezes em que vi Chico mais irritado, foram, justamente, aquelas em que ele rebatia os elogios que lhe faziam.

Como Eleutério e os outros não se retiravam, sentindo-me obrigado a esmiuçar explicações, continuei:

— É o que entendo por Espiritismo "pé-no-chão"... No Sanatório, quando me encontrava encarnado, ou - permitam-me - um pouco mais encarnado - todas as vezes em que era elogiado ou criticado, eu corria para o quarto de alguns pacientes crônicos, com os quais tinha o hábito de conversar. Chegava, sentava-me pelos pés da cama, punha um gatinho que estivesse por perto no colo e... deitava falatório. Quem me visse daquele jeito me suporia um louco a mais, no que não estaria de todo

errado. Ali, entre um cigarro e outro, passava vários minutos, tentando novamente me situar dentro da realidade. Olhava para o paciente que sorria para mim, esquadrinhava a situação, efetuava os meus cálculos, falava e falava e, depois, com um muxoxo, me levantava e ia embora. Quem acha que faz a caridade é um tolo... O bem que praticamos é bem a nós mesmos! Feliz daquele que tem, pelo menos, uma pessoa, um doente, um mendigo de rua, sob a sua dependência! A caridade é pretexto para que movimentemos o que existe de melhor em nós.

— Doutor - comentou Eleutério -, sei o que o senhor está dizendo. Fui um dos líderes dos antigos movimentos de "Cursilhos da Cristandade". Recordasse deles?... Eu palestrava para os casais e, eventualmente, para os jovens. Reuníamos-nos numa chácara ou num colégio e, durante dois, três dias, sempre aproveitando feriados e fins de semana, ficávamos ali. Era só teoria, Doutor, pregação e pregação!

— Cantarola e rezação!

— É ramos sectaristas.

— Raramente falavam em caridade, não é?

— Dávamos ênfase à fé e... combatíamos o Espiritismo.

— Entre um "Cursilho" e outro, ganhar dinheiro, frequentar altas rodas, clubes sociais, bacular padres...

— Envergonho-me e penitencio-me. Vaidoso, preparava as minhas pregações com esmero, frases de efeito, contos que se encaixavam no assunto...

— Aplausos e admiração dos subalternos, não é?

— Eu achava o máximo!

— Foi uma febre... Acabou-se tudo.

— A gente, os líderes leigos, usava uma pequena cruz na lapela; dentro do carro, no porta-luvas, o terço e o breviário...

— Se, à época, vocês tivessem se reunido para visitar um lar de idosos, um orfanato, a periferia, enfim, os necessitados do ponto de vista material, espiritualmente teriam lucrado muito mais, e, para a Igreja, os "Cursilhos" seriam mais vitalizadores.

Dando o assunto por encerrado, conclui:

— Se o Espiritismo não tomar cuidado, vai descambar no mesmo caminho. É curso demais e trabalho de menos! Congressos e simpósios, nacionais e internacionais, e as instituições ficando de lado, o trabalho voluntário sendo esquecido e a reforma íntima relegada a plano secundário - muita leitura, muita discussão e quase nenhuma ação efetiva no Bem!

## 16

**D**entro de minha programação semanal, estava agendado um encontro com trinta e cinco jovens - rapazes e moças - que, interessados por estudos alusivos à Doutrina, desejavam estar comigo para um bate-papo informal. Quando no corpo, por vezes costumava recebê-los no Sanatório - estagiários de diversos cursos, que me crivavam de perguntas as mais variadas.

Eu sempre me dei muito bem com a juventude, talvez - permitam-me a falta de modestia - pela jovialidade de meu espírito, que contrastava, a cada dia, com a decrepitude física que se refletia no espelho; sempre adorei um chiste, a brincadeira sadia, o diálogo descontraído que se ilustrava com uma anedota inocente, ensejando

a alegria - nada que soasse desrespeitoso, ultrapassando os limites do bom senso.

Acomodados no mesmo pequeno salão, à guisa de auditório, em que palestrara anteriormente, recebi-os com entusiasmo e, confesso, certa timidez.

— Dr. Inácio - disse simpática jovem, adiantando-se aos demais - todos ansiávamos por este momento. Muito obrigada por nos receber... O senhor é mesmo muito gentil e... fofo!

A turma gargalhou, e Berenice lascou-me um beijo na bochecha, fazendo-me ruborizar!

— É, Doutor - caminhou na minha direção simpático rapaz -, eu também...

— Não vá dizer que me acha fofo!...

— Por que não? - retrucou, desinibido, lascando-me um beijo na outra bochecha!

— Alto lá! Rendo-me! - falei, erguendo os braços. — Se todos vocês forem me beijar, não vai ter conversa...

— No final, pelo menos - argumentou outra jovem de sorriso cativante -, para ser justo, o senhor nos consentirá tirar uma lasquinha, não? Quando vovó souber que estive com o senhor...

— O meu fã-clube é de mamãe e de vovó para trás... Eu tenho idade para ser bisavô de muitos de vocês, mas, se *tem* algo que me desconcerta, é elogio de moça bonita, como a Berenice e a...

— Sandra, Doutor! - respondeu a neta da avó que é minha fã.

— Que discriminação, hem, Doutor?! - reclamou André. — Quer dizer que o senhor não gostou do meu jeito? É que estava sob o efeito do beijo da Berenice; sendo assim, só lhe dando outro...

E a turma, em algazarra, pediu em uníssono:

— Beije! Beije! Beije!...

André se aproximou e... lascou-me outro ósculo na bochecha!

— Bem, agora vamos conversar sério, depois desta... acalorada apresentação - solicitei.

O pessoal se acomodou, obediente, e, todos de prancheta nas mãos, se prepararam para anotar a menor vírgula do que eu proferisse.

— Em que lhes posso ser útil? - indaguei.

— Doutor, uma perguntinha - disse Cristina, se apresentando -: até onde o espírito reencarnante influencia na formação do novo corpo que ocupará na Terra?

— Que *perguntinha!*... Minha filha, para responder à questão proposta, falta-me gabarito, mas vamos lá! Não sou especialista na área.

— O senhor, por exemplo - tornou a inteligente garota -, sempre será, fisionomicamente, o mesmo Inácio?

— Deus me livre! Não me tire as esperanças... Estou cansado da minha cara. Espero herdar de vocês alguma coisa melhor. Eu, sempre assim, baixinho, desengonçado, nada atlético?...

— Uma gracinha! - apartou Sandra.

— Meninos e meninas - empostei a voz e, como pude, comecei a explicar. Todos fomos criados iguais, em todos os sentidos, e nos fizemos diferentes, através das experiências vivenciadas no curso dos milênios. A rigor, o nosso corpo perispiritual e, conseqüentemente, físico, é resultado de nossos pensamentos - nós é que nos esculpimos, obedecendo, é óbvio, ao molde da espécie humana. O corpo primitivo, que nos distinguiu como seres inteligentes, evoluiu a partir das espécies inferiores, em estrita obediência às Leis que regem a matéria. Todavia, desde quando começamos a pensar, começamos, igualmente, a interferir em termos de Genética - timidamente, de maneira inconsciente, fomos plasmando a forma, aperfeiçoando-a. Como veem, pelo menos comigo, o progresso tem sido lento...

O grupo ensaiou um sorriso e prossegui.

— Em meu favor, porém, tenho algo a alegar: quase todos os espíritos que reencarnam na Terra estão sujeitos às leis da hereditariedade... Os culpados pela minha feiúra são os meus ancestrais biológicos!

Descendo de uma árvore genealógica que, no que tange à beleza, em quase nada me beneficiou. No entanto, se perco por um lado, ganho de outro: pertenço a uma família de longevos, o que, em termos de aprendizado na reencarnação, representa muito.

— Que interessante! - exclamou Túlio, o menos repleto de atrativos exteriores da turma.

Alguns o glosaram e, para não perder o hábito, ironizei:

— Interessantíssimo, filho, para nós! Veja você que, do ponto de vista espiritual, o poeta estava errado: beleza não é fundamental! Se o fosse, Sócrates e Chico Xavier estariam perdidos!... Convenhamos que os dois não eram assim belos, como Apolo.

— Doutor - aparteou-me Marcela, tão graciosa quanto uma flor que desabrocha ao Sol primaveril -, quer dizer que a forma humana está em constante evolução? Aliás, como tudo que existe no Universo?

— Sim, aperfeiçoam-se os órgãos internamente quanto, externamente, se nos modificam os traços fisionômicos. O padrão de beleza! Vocês acham que podemos tomar a nós como referência do que é belo? - perguntei.

— Não - respondeu a menina dos olhos amendoados e cabelos castanhos claros que lhe

emolduravam o rosto meigo -; somos padrão de beleza para nós, comparando-nos uns aos outros, como comparamos um pássaro da mesma espécie a outro pássaro...

— Correto! Deus, a Fonte da Suprema Beleza, transcende toda forma e não possui parâmetro. O mais belo dos mortais, ao lado do menos simpático habitante de um planeta superior, será...

— ...um macaco! - demorou, mas apareceu o comediante da turma.

— Qual é o seu nome, filho? - perguntei.

— Inácio!

O grupo quase se arrebentou de rir, e eu, ali, com cara de professor perdido diante da classe.

— Não! Por favor, identifique-se corretamente.

— Doutor, o nome dele é Inácio mesmo! - confirmou Berenice.

— Então, se é assim, retiro o que havia pensado de você, xará! Meu Deus! Dois Inácios num espaço tão estreito quanto este? - retruquei, dirigindo-me à moçada. O carma de vocês é fogo, hem?!

— Inácio - repetiu, levantando o dedo -, vulgo Inacinho, com muita honra, Doutor, mais ainda agora.

— Pois é, a Vida, mesmo depois da morte, nos prega cada peça!...

Mais gargalhadas.

— Permitam-me continuar, resumindo. Em "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, que vocês devem ler, há interessante estudo sobre "Semelhanças Físicas e Morais". As perguntas 207 e 207-a, encontramos: *"Os pais transmitem aos filhos, quase sempre uma semelhança física. Transmitem-lhes também uma semelhança moral?"* - *"Não, porque se trata de almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças nada mais existe do que consanguinidade."* - *"De onde vêm as semelhanças morais que existem às vezes entre os pais e os filhos?"* - *"São Espíritos simpáticos, atraídos pela afinidade de suas inclinações."* Reflitamos ainda sobre a questão 217: *"O homem, nas suas diferentes encarnações, conserva os traços do caráter físico das existências anteriores?"*

— Muito curiosa esta pergunta! - observou Inacinho.

— Vejamos a resposta. *"O corpo é destruído e o novo corpo não tem nenhuma relação com o antigo. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo e, embora seja este apenas matéria, é modelado pelas qualidades do Espírito, que lhe imprimem um certo caráter, principalmente ao semblante, sendo, pois, com razão que se apontam os olhos como o espelho da alma, o que quer dizer que o rosto,*

**mais particularmente, reflete a alma.** (grifamos)  
*Porque há pessoas excessivamente feias, que, no entanto, têm alguma coisa que agrada, quando envolvem um Espírito bom, sensato, humano, enquanto há belos semblantes que nada te despertam, ou até mesmo provocam a tua repulsa. Poderias supor que só os corpos perfeitos envolvem Espíritos mais perfeitos que eles, quando encontras, todos os dias, homens de bem sob aparências disformes? Sem uma aparência pronunciada, a semelhança dos gostos e das tendências pode dar, portanto, aquilo que se chama um ar de conhecido".* O assunto em pauta - acrescentei - é vasto e complexo, em suas implicações. A "perguntinha" de Cristina nos oferece margem a estudos antropológicos e espirituais muito mais abrangentes. Cuidemos do espírito, que este, por sua vez, há de cuidar do corpo, impondo-se, tanto quanto possível, sobre a matéria. Por agora, em nossas incursões nos domínios da forma densa, fala mais alto o carma individual e as circunstâncias da vida de quem é chamado a viver em um orbe de provas e expiações, como a Terra. E, depois, precisamos considerar que a beleza exterior é, na maioria das vezes, possibilidade de queda para o espírito, que, sofrendo a tentadora influência do meio, sucumbe às propostas pertinentes à exploração da forma, sempre transitória.

— **D**r. Inácio - inquiriu Túlio -, o espírito, portanto, ao se candidatar a nova experiência no mundo...?

— ...deve preocupar-se com a saúde de seu novo corpo - preocupar-se, em suma, com o conteúdo e não com o rótulo... Existem crianças e jovens lindos, que, por exemplo, desenvolvem enfermidades que lhes comprometem a existência saudável, levando muitos à desencarnação prematura.

— Prematura?!

— É força de expressão, Túlio, já que nada nos sucede à revelia das Leis que nos governam.

— O que não é da Vontade de Deus?...

— Digamos melhor: o que não seria da Vontade de Deus... O Criador consente que a vontade da criatura prevaleça, transitoriamente, sobre

a Sua Vontade. Se assim não fosse, não teríamos livre-arbítrio e, conseqüentemente, não poderíamos ser responsabilizados pelo destino.

— Agora, sim - comentou Sandra -, as minhas ideias a respeito estão clareando.

— As minhas também - falou Berenice.

— O estudo da Genética, que, repito, não é minha especialidade, à luz da Reencarnação, é fascinante! Falamos em Sócrates e Chico Xavier... Conheci o médium de perto, tive a graça de ser seu contemporâneo. Quando mais jovem, com seus 18, 20 anos, ele era lindo - algumas fotos raras o comprovam. Os seus traços eram delicadíssimos. A partir dos 20, 21 de idade, ele se tornou estrábico e, praticamente, perdeu a visão do olho esquerdo - o que lhe subtraiu parcialmente a beleza. Tenho comigo que foi ação da Providência Divina, defendendo-o dos perigos aos quais, cumprindo uma tarefa de caráter público, estaria exposto. Nasceu belo, mas...

— ...não continuou belo!

— Exatamente, Túlio! Não obstante, foi favorecido com invejável saúde - desencarnou quase aos 93 de idade - e prodigiosa memória! Em outras palavras, equipou-se para o seu desiderato espiritual entre os homens. Ele descendia de uma família de longevos... A genética apurada, neste aspecto, juntou as qualidades de seu espírito extraordinário.

— Doutor - perguntou Inês, que, até então, não havia se manifestado verbalmente -, o corpo mental constrói o corpo espiritual, chamado "perispírito", que, por sua vez, se exterioriza no corpo feito de carne?

— Boa síntese, filha! Todavia o corpo mental ainda não é o derradeiro reduto do espírito, que, em sua essência, é desprovido de invólucros. O espírito, digamos, é uma luz que pensa e ama, transcendendo a toda e qualquer forma que possa ser concebida, agora e no futuro. A semelhança de Deus, o espírito é! Ponto-final.

Ante maior expectativa que se criara, com todos os integrantes do grupo efetuando anotações, prossegui.

— Podemos dizer que, em um planeta qual a Terra, palco de nossas milenárias experiências, o espírito aperfeiçoa a matéria, e a matéria concorre para o aperfeiçoamento do espírito. Voltando a exemplificar com Chico Xavier, ele necessitava de um corpo hígido - o que obteve, principalmente por parte da família de seu pai, direcionando, ou seja, atraindo os cromossomos, a carga genética da família, acumulada ao longo dos séculos. Não adianta o perispírito requisitar o que não existe... O corpo espiritual, conforme sabem, vem sendo chamado de Modelo Organizador Biológico.

— Dr. Inácio, desculpe-me interrompê-lo - tornou Inês -, nos filhos, a carga hereditária do pai prevalece sobre a da mãe?

— Nem sempre, mas, no caso de Chico, funcionou a "lei de compensação", já que, em termos de semelhança moral, ele é muito mais parecido com a sua mãe, D. Maria João de Deus. Digamos que Chico tenha sido filho do corpo de seu pai e do coração de sua mãe...

— Doutor - sabatinou-me André -, a Espiritualidade Superior pode intervir na formação do corpo em constituição, do espírito reencarnante?

— Não desrespeitando o carma de cada um, até certo ponto, sim. Vocês sabem, existem provas, inclusive físicas, que podem ser adiadas ou amenizadas, nunca, porém, suprimidas de todo, o que tão-somente compete ao espírito fazer, através de uma ação positiva que anule a negativa. A Lei é de Justiça, mas é também de Misericórdia. Existem fatores desencadeantes de certos problemas orgânicos que podem, por um período de tempo, ser adormecidos. Vocês já imaginaram, se fôssemos suportar todo o peso do carma acumulado, de uma só vez? Provavelmente, não teríamos forças para nos reerguermos... Para tanto, não precisaríamos ter errado mais do que erramos em vidas anteriores - temos débitos a quitar para muitas encarnações! Eu não sou *expert* em assuntos bíbli-

cos, mas deixem-me citar um trecho do Evangelho de Mateus, capítulo 9, versículos de 2 a 7: *"E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: **Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados,** (grifamos) Mas alguns escribas diziam consigo: Este blasfema. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Porque cogitais o mal em vossos corações? Pois qual é mais fácil, dizer: **Estão perdoados os teus pecados,** ou dizer: **Levanta-te, e anda? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados - disse então ao paralítico: **Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa.**** E, levantando-se, partiu para sua casa."* A autoridade moral de Jesus é incontestável. Falando ao paralítico, teria Ele, no entanto, o isentado das consequências do que fizera no pretérito. Sinceramente, creio que não. O provável é que o carma daquele homem tivesse se esgotado, ou, então, promoveu-se o que é conhecido, pelos juristas, por "comutação da pena"... *"Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa"*, equivale a: deixa de ser pesado aos teus, chega de mendigar, assume a responsabilidade que te cabe junto aos teus familiares... Ele não estava sendo "absolvido" para, outra vez, equivocar-se, incorrendo em faltas mais graves. "... *vai para tua casa*", quer dizer: não fiques na rua, expondo-te à queda que te paralisou as pernas!... Interes-

sante, ainda, o que o texto destaca: "*Vendo-lhes a fé...*" Ora, a fé de quem? Do paralítico? Não!... A fé dos que o conduziram à presença do Mestre - talvez de seus pais, de sua esposa, de seus filhos... Ele se consternou! Curou-o por intercessão dos seus. É claro, quem somos para sondar os meandros da Lei. São conjecturas que a intrigante passagem nos enseja.

— Quanto precisamos estudar e... pensar, não é, Professor? - disse Renato, um rapaz de inteligência a lhe coruscar nos olhos.

— *Professor*, onde? - gracejei. — Você é médium vidente, meu filho? Deve estar vendo algum espírito na sala...

— Escapuliu, Doutor! Não tive a intenção... Perdoe-me!

Aproximei-me da cadeira onde se acomodara e não resisti à vontade de despentear-lhe os cabelos alourados com a destra.

A turma caçoou, descontraiu-se e, sentindo-me, por instantes, de volta aos meus tempos de Faculdade, continuei.

— O Renato tem razão: a gente precisa estudar e pensar no que - digo-lhes sem o menor propósito de proselitismo - o conhecimento da Doutrina Espírita nos auxilia bastante. ínfima parte do que sei, devo aos bancos escolares; o resto, aprendi com a visão que o Espiritismo nos oferece da vida...

— Dr. Inácio - pediu Berenice -, poderia sumariar o tema? O meu corpo, por exemplo...

— Filha, você deve ter pensamentos lindos - você seria imbatível em qualquer concurso de beleza! Mas, antes que o pessoal *lá de baixo* me entenda mal...

— "Lá de baixo?" - interrogou André.

— É, o pessoal lá do "fundão", lá da Terra, daquela charneca para onde, um dia, teremos que voltar. Bem, feita a ressalva, deixem-me responder à nossa Berenice com toda a seriedade que me seja possível. O seu corpo, como o de qualquer um de nós aqui, é fruto da gênese de seu ramo familiar, mais especificamente de seu grupo de afinidades e da embriogenia de seu próprio espírito. Vejamos se melhor me explico. O Espírito Superior, quando reencarna, fecunda a matéria, e o espírito de evolução comum fertiliza-nos com as suas idéias e, também, é óbvio, se procria, deposita no patrimônio genético da Humanidade os seus gens de natureza superior. Vocês estão entendendo? - perguntei, preocupado.

— Estamos! - responderam.

— Há uma investigação em andamento na Terra, muito interessante - ela é perfeitamente viável, para que a Reencarnação se comprove cientificamente. Os espíritos podem, de uma encarnação a outra, conservar a mesma impressão digital! No

entanto os obstáculos materiais à referida pesquisa são grandes, de vez que as gerações passadas não arquivavam, com detalhes, dados pessoais do defunto - quando muito uma foto em preto e branco, e olhe lá! Neste sentido, a caligrafia poderá igualmente ser estudada... Isto poderia ser feito por iniciativa das famílias, pois acontece com relativa frequência que o espírito, principalmente quando desencarna em terra idade, regresse, quase de imediato, ao mesmo grupo consanguíneo. Se se estuda a reencarnação deste ou daquele com base nos sinais de nascença, nas cicatrizes, outros fatores físicos poderão ser relacionados.

— Doutor, quer dizer que, quando um Espírito Superior reencarna e procria?...

— ...não precisa ser nem Superior, André, mas um pouco acima da média... Vocês já notaram que, de certa maneira, é raro que espíritos diferenciados tenham prole? Por que será? Eu não vou ousar responder a esta questão. Não é por conta de sublimação de sexo, não!

— Ah, Doutor! - bagunçou Inacinho. — E porque é duro aguentar mulher e filharada... Não complique!

Como afinado coral, as moças puxaram as vaías que ecoaram no recinto.

# 18

**C**onsultando o relógio, vi que me restava pouco tempo, em vista de outros afazeres inadiáveis. Percebendo que os minutos estavam prestes a se esgotar, os jovens reclamaram da brevidade de nosso bate-papo, solicitando que eu lhes permitisse mais algumas indagações.

— Por mim - disse-lhes -, ficaria o dia todo com vocês, mas, infelizmente, não posso; teremos, no entanto, outras oportunidades semelhantes... Disponho, nesta manhã, de mais meia-hora.

— Doutor - adiantou-se Berenice aos companheiros -, o senhor poderia nos falar algo sobre a "Parábola do festim de bodas"? Creio que esteja relacionada com o assunto, não é?

— Será um ótimo desfecho - concordei.  
— Deixem-me lê-la para vocês e para que eu mesmo areje as ideias.

Abrindo um exemplar de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no capítulo XVIII - "Muitos os chamados, poucos os escolhidos", comecei a ler com voz pausada.

*"Falando ainda por parábolas, disse-Ihes Jesus: O Reino dos Céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas de seu filho, despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram ir. — O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. — Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. — Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes terem feito muitos ultrajes. — Sabendo disso, o rei se tomou de cólera e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade.*

*"Então, disse a seus servos: O festim das bodas está inteiramente preparado; mas, os que para ele foram chamados não eram dignos dele. — Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos quantos encontrardes. — Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa.*

*"Entrou, em seguida, o rei, para ver os que estavam à mesa, e, **dando com um homem que não vestia a túnica nupcial** (dei ênfase a este trecho), disse-lhe: Amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial? O homem guardou silêncio. — Então, disse o rei à sua gente: Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes; porquanto muitos há chamados, mas poucos escolhidos".*

- Mateus, capítulo XXII, vv. 1 a 14.

Salvo melhor interpretação - comecei - a "Parábola do festim de bodas", em sua primeira parte, fala da indiferença dos homens ao divino convite: *"Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo,*

*outro para o seu negócio* ". É o que tem ocorrido, conosco, ao longo dos séculos: alegamos mil ocupações para não atendermos, de imediato, ao chamado - estamos tão absorvidos pelos negócios da vida material e de tudo que nos fala aos sentidos... A verdade é que não estamos dispostos a renunciar às ilusões. Ninguém comparece a uma festa vestido de andrajos ou na condição de penetrar; ele será barrado à porta... A deferência do convite nos exorta a certa decência, pelo menos no que se refere à vestimenta.

Na Parábola, o rei é o Criador, que nos chama, através de seus mensageiros, para os esposais do Filho, que é Jesus Cristo, em sua divina aliança com a Humanidade.

O que devemos entender por *túnica nupcial*? A identificação exterior e, conseqüentemente, interior, de quem se coloca à altura da celebração... Bons e maus foram chamados. Jesus falava aos judeus, que consideram como pagãos as demais nações; eles se criam o povo escolhido!... Vejamos a antevisão do Mestre. Os judeus, até hoje, relutam em aceitá-lo na condição de Messias... Paulo de Tarso, quase contemporâneo do Cristo, foi aos gentios - simbolicamente, foi um dos servos do rei enviado às encruzilhadas... O convite se generalizou à Humanidade, como, aliás, continua generalizado.

Agora, ser convidado para a festa, não significa estar preparado para comparecer. O rei estava à espera da chegada dos convidados - a festa não seria organizada; ela já estava organizada - o banquete estava pronto para ser servido: *"Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas!"*

Observei pequeno intervalo e retomei a palavra.

— *"Vinde às bodas!"* "...muitos há chamados, mas poucos escolhidos"!... O Senhor - está implícito na Parábola - nos concede tempo para a confecção da veste com a qual devemos comparecer à festa. Vejamos que todos foram admitidos à mesa - estavam prontos para cear! Um deles, no entanto, que poderia ser qualquer um de nós, atreveu-se a comparecer, consciente de que burlava os bons costumes. *"O homem guardou silêncio"*, quando interpelado pelo rei. Ora, ele sabia que estava dando uma de penetra... Teve tempo, como os demais, de se preparar, de confeccionar o seu traje de gala, e não se preparou. É claro, é o tipo de traje que não pode ser usurpado a alguém ou tomado emprestado, *porque confeccionado sob medida* - frisei.

Ante o interesse dos garotos, animei-me a prosseguir.

— O convite para as bodas, primeiro, foi formulado de forma individual e depois, coletivamente. O banquete continua preparado e, de geração a geração, o convite se repete. Aliás, pela reencarnação, temos sido chamados sucessivas vezes... É tempo que não acaba mais! Numa encarnação, arranjamos uma desculpa; noutra, qualquer pretexto nos serve. A Paciência Divina é inesgotável, mas o bom pai é aquele que corrige o filho; depois de todos os recursos pedagógicos esgotados, cassa-se o **livre-arbítrio** e impõe-se o **determinismo** da Lei.

Procurando uma interpretação mais específica para a questão da *veste nupcial*. Trata-se, sem dúvida, também, de alusão ao *corpo espiritual*, ou *perispírito*. Sabemos que, quanto o corpo físico, o perispírito é dotado de densidade e possui peso específico. A nossa condição íntima se reflete na tessitura do corpo que nos envolve. A Parábola que estudamos comporta diversos ângulos de interpretação. Citemos, aqui, Simão Pedro, no capítulo 1, versículo 20, de sua Segunda Epístola: "... *nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação*". Mas, avançando, a Parábola igualmente faz menção clara ao tão propalado êxodo que ocorrerá - já está ocorrendo! - entre os espíritos encarnados na Terra, ou vivendo à sua órbita

- sim, porque o exílio atingirá também a comunidade desencarnada. *"Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes..."* As trevas exteriores não existem substancialmente. Deus é Luz e, por isto, a Vida é Luz. Entendamos "trevas exteriores" como uma projeção das trevas interiores ou da obscuridade que o espírito imperfeito traz no íntimo. O homem lançado às trevas exteriores é o homem reconduzido ao seu próprio meio! Significa, ainda, que é inútil tentar ludibriar a Justiça Divina.

Tratemos, pois - disse, concluindo -, de coser, através de nossas atitudes e pensamentos, a *túnica nupcial...* Não é apenas uma questão de filosofia, mas de física. O espírito sempre se sentirá atraído pela sintonia que estabelece com os demais e a eles se agrupará. Portanto, rapazes e moças, agulha de costura e linha nas mãos... Cosam com mestria, a sua própria vestimenta! O Evangelho é o "figurino" que nos deve inspirar... A pessoa sem dúvida, é o artífice de si mesma, o construtor de seu próprio corpo! Esqueçam o corpo de carne, que é a parte mais periférica do que somos. O corpo humano nos fornece uma ideia do quanto precisamos trabalhar pelo aperfeiçoamento - ele é um retrato do que ainda somos! Espero que vocês estejam compreendendo. Para nós,

espíritos libertos das injunções da matéria mais densa, o perispírito representa o que, para os encarnados, representa o corpo físico - ocorreu apenas uma permuta de célula por átomo, mais nada!

Quando, ao terminar, fiz menção de sair, a turma me abordou e, devo dizer-lhes com constrangimento, um a um, solicitaram-me que lhes autografasse a camiseta. Sandra, a neta da senhora que é minha fã, pediu-me um autógrafo adicional à sua avó, no que aquiesci com alegria, escrevendo: — Só mesmo um coração de avó para compreender e amar um homem como eu!

Sandra, com os olhos repletos de lágrimas, abraçou-me e... lascou-me um beijo na bochecha!

— Até mais ver, turma! - despedi-me. Agora, como é mesmo que vocês jovens dizem?...

— Fui! - respondeu Inacinho.

— Pois eu lhes digo: Fui e já era!

O pessoal sorriu e vali-me da estratégia para sair em definitivo, abanando-lhes a mão. Vários me jogaram beijos que, desconcertado, retribui.

— Meu Deus! - caminhei pelos corredores, murmurando - Há, sim, esperança para a Humanidade... Quando esta nova geração tomar corpo no mundo, substituindo os que, feito ervas daninhas, agarram-se ao poder, tudo há de melhorar!

— Doutor - interceptou-me Manoel Roberto, subtraindo-me aos meus devaneios -, o senhor teria tempo para...

— Não, não tenho - respondi. — Mande arrumar a minha tralha, que vou pescar, e morra, outra vez, quem tiver de morrer... Deus me livre! É só trabalho, trabalho... Quero mais é uma baranca de rio, os pássaros cantando no arvoredado, o zumbido das abelhas na colmeia... Como, certa vez, uma senhora disse a Chico Xavier: "Para ser espírita, a gente tem que ter muita saúde"!

— Doutor, é que...

## 19

— **É** *que, Manoel* - emendei, como se estivesse falando sério -, você se promoveu a meu patrão e... pronto! A sua função é arranjar serviço para mim. Penso que deve ficar o dia inteiro matutando, não é?

— Doutor, o senhor está mesmo aborrecido comigo?

— E não deveria de estar? Olhe bem para a minha cara e veja se eu estou de brincadeira.

Lançando-me um olhar mais atento, o amigo respondeu, aliviado:

— Está! O senhor, às vezes, me assusta... Encena tão bem, que eu chego a acreditar em suas broncas.

Disparei a rir e abracei Manoel, perguntando:

— Que é que houve? A minha sina é trabalhar mesmo... Lidando com espíritas e gente doída, o que é quase a mesma coisa, o pessoal não quer que eu me sinta mentalmente algo afetado. Ora! É praticamente impossível!...

— Temos aí um Pastor?

— De que igreja? Anglicana, luterana?...

— Da chamada "Universal"...

— Daquele Bispo trilhonário? Meu Deus! Poupe-me, Manoel! Por que não disse a ele que reencarnei? Sei lá! Inventasse qualquer coisa... Certamente, não se trata de uma consulta...

— Ele agendou-se como paciente, Doutor.

— Procura-me, então, como médico?

— É o que deu a entender.

— Vamos lá!... Quem sabe, esteja com uma crise de consciência, por saquear os fiéis. O tal do Dízimo... Eu ainda hei de instituir isto por aqui. Doações para o Hospital, neça, nada! Eu não sei como isto aqui está sobrevivendo - é um verdadeiro milagre!

Dirigi-me ao consultório, dei uma ajeitada com as mãos nos poucos fios de cabelo, elevei, quanto possível, o pensamento a Jesus, solicitando que perdoasse as minhas blasfêmias, mentais e verbalizadas, e pedi a Manoel que fizesse entrar o paciente.

— Por favor, sente-se - procurei deixá-lo descontraído. — Como é o seu nome?

— Augusto e, durante anos, fui um dos braços-direitos do Bispo da Igreja que ajudei a fundar...

— Está consciente?

— De que estou *morto*? É claro. Tive um câncer pulmonar e, em três meses, deixei o corpo. O senhor pode dialogar abertamente comigo.

— Então, em que posso servi-lo? Algum problema de saúde?...

— Não, nenhum; estou bem. Algumas sequelas que, sei, não de passar.

— Por que está aqui?

— Porque o respeito, Doutor, e levo a minha fé a sério. Estamos expandindo a igreja...

— Aqui, neste Outro Lado?

— Sim; não podemos desamparar os nossos adeptos... A "Universal", embora relativamente jovem, conta milhares de seguidores que, todos os dias, desencarnam. Não podemos deixá-los à mercê de outras crenças religiosas, concorda? Precisamos nos organizar.

— E onde é que eu entro nessa história?

— Preciso conversar com alguém. Eu não penso em dinheiro, Doutor; sou um homem idealista...

— Coisa rara!

— Os meus pais eram da Igreja Católica, ultraconservadores. Quando fui para a "Universal"... O senhor sabe: os falsos profetas estão em toda parte, inclusive, também no Espiritismo.

— Filho - solicitei -, deixemos, pelo menos nesta conversa nossa, a Doutrina à margem. Você veio falar de si, não é?

— Desculpe-me, Doutor - disse educadamente.

— Seja, peço-lhe, objetivo.

— Alguns de nós se desviaram - tornaram-se profissionais de fé e, de há muito, estão extrapolando, inclusive a liderança.

— Refere-se ao Bispo?

— Vários inimigos ocultos pretendem arrebatar-lo, após o seu desenlace, e não podemos deixar que isso aconteça! Caso contrário, a nossa instituição estará ameaçada de extinção!

— Você não ignora a sentença expressa por Jesus em Mateus 16.27: "**A cada um segundo suas obras**", fundada no Salmo 62.12.

— Cercou-se de pessoas inescrupulosas, e a sua mente tem sido influenciada. Veja, todavia, os nossos templos: abarrotados de seguidores!...

— ...sendo extorquidos...

— Permita-me discordar. Sem dinheiro, Doutor, nada se faz no mundo. Gasta-se tanto com facilidades!... Por que as pessoas não podem dar a Deus?

— Vocês não têm obras sociais - argumentei.

— As nossas obras são direcionadas ao espírito; as obras sociais devem ser tocadas pelo Governo... Templos grandes e suntuosos, impressionam, Doutor. As pessoas precisam desapegar-se... Fazemo-las entender que é dando que se recebe. Mas não vim para discutir tal assunto.

— E nem é minha intenção.

— Não podemos nos dispersar, Doutor - definitivamente, não! Porém não tem sido fácil nos reagruparmos... Construimos alguns templos nas proximidades da Crosta, todavia um pouco mais para cima...

— Ainda não entendo onde entro nessa história.

— Queremos a sua ajuda.

— A minha?! Em que sentido? Meu filho, eu não concordo com o modo como vocês conduzem a coisa...

— O Bispo é nosso.

— Inteiramente!

— Precisamos de que o senhor e os seus amigos nos auxiliem, quando chegar a hora dele...

Não podemos, sozinhos, lutar contra tanta gente, a espreitá-lo nas paragens de Além-Túmulo.

— Vocês querem que o resgatemos?

— E o entreguem a nós, que, então, cuidaremos dele. Para a continuidade da "Universal", ele representa muito. Pense, Doutor, na imensidão do rebanho a desgarrar-se... Esse pessoal não está preparado para o Espiritismo. Seria justo deixá-los à mercê do materialismo? Que é preferível? Os padres...

— Com honrosas exceções, não têm feito diferente - eu sei disso.

— A Igreja Católica locupletou-se ao longo dos séculos... De que crime nos acusam? Não mandamos ninguém para a fogueira, não desvirtuamos moças e rapazes... Pregamos a Bíblia numa linguagem moderna.

— E a questão do dinheiro?

— O senhor volta a insistir neste ponto! O dinheiro tem sido a perdição da Humanidade; melhor, pois, que esteja a serviço da Fé... Os jovens, com dinheiro nas mãos, vão para as drogas. Quantos, pelo poder da Fé em Jesus Cristo, temos livrado dos vícios, até mesmo, digo-lhe, filhos de alguns espíritas! O Espiritismo, reconheço, é uma doutrina avançada demais para a mentalidade do povo em geral; e, depois, essa questão de falta de

hierarquia os têm levado a constantes dissensões...  
A cadeira de Chico Xavier ficou vaga!

— Reconheço que ficou...

— Sinceramente, eu não sei a razão de tanto preconceito contra nós... Existem erros? Existem.

— O Bispo...

— Doutor, perdoe-me, o Bispo está fora de discussão.

— Acima do bem e do mal?

— A margem... Eu o conheci, em seu idealismo; as pressões sobre ele sempre foram enormes... Sabe quantos somos hoje? Milhares de pastores, no Brasil e no Exterior! Tudo tem conspirado contra nós: as religiões tradicionais, os meios de comunicação, os pretensos intelectuais... Todos os dias, em nossos templos, centenas se curam das enfermidades de que vinham morrendo à míngua nas filas dos hospitais. Mercenário por mercenário, o que o senhor me diz dos médicos, é claro, com honrosas exceções? Quantos, no Espiritismo mesmo, *Bezerras de Menezes* o senhor apontaria?

— Você quase me convence...

— Sei que não.

— Augusto, você acredita no que diz?

— Sem convicção íntima, eu não teria argumentos, ainda mais diante de alguém como o senhor.

— Não intente envolver-me...

— Doutor, o senhor curou minha avó.

— Eu nunca curei ninguém.

— Então, foram os seus espíritos. O meu pai me contou que levou vovó a Uberaba em completa perturbação... A família ficou-lhe muito grata. Não duvide de meus respeitos pelo senhor.

— A sua avó, com certeza, era médium...

— Ouvia vozes frequentemente.

— E vocês? Por que não se tornaram espíritas?

— Morávamos no interior de Goiás, em um pequeno sítio. O único livro que tínhamos em casa era a Bíblia. Se o senhor, à época, nos tivesse doutrinado...

— Não é o nosso método.

— Discordo; talvez por este motivo, estatisticamente, cresçam com lentidão...

— Não fazemos proselitismo.

— Respeito, mas discordo; o Bem não pode retrair-se assim...

— Crença religiosa é algo de foro íntimo.

— Quando já se possui discernimento...

— Curioso...

— Quê?

— Você, na condição de Pastor, não citou até agora um único versículo da Bíblia!

— É o meu estilo e... uma das críticas internas que sofro, por elementos mais radicais da "Universal".

— No que tange às críticas recebidas, nos identificamos.

— Eu sei quase tudo sobre o senhor e o seu trabalho...

## 20

**A**pós mais alguns minutos de diálogo, percebi que era inútil tentar demover o Pastor de suas ideias; ele estava convicto de sua posição e firme no propósito de criar núcleos da Igreja a que pertencia no Mundo Espiritual.

— Então, Doutor - perguntou-me -, como ficamos? Podemos contar com a sua intercessão? A nossa comunidade ficar-lhe-á imensamente grata...

— Augusto, eu não estou entendendo - tornei a ponderar. — Você admite a realidade da Reencarnação?

— O espírito não reencarna necessariamente; podemos protelar o instante de nosso regresso ao corpo... Antes, inconscientes do processo, nos submetíamos à Lei, agora, porém... É

- não vivermos tão próximos aos que estão em condições de procriar! A reencarnação pode ser controlada... É óbvio que, desavisados, muitos de nós não conseguirão evitá-la.

— Como, no entanto, evoluir? Ou vocês não pensam nisto...

— Doutor, queremos apenas e tão-somente viver... Somos imortais, não somos obrigados a ser perfeitos. A perfeição é algo praticamente inatingível... Não pudemos ficar na Terra - ainda não aprendemos a técnica da longevidade...

Escutando-o em seus argumentos, eu estava basbaque. O Pastor argumentava com calma, sem exaltar-se.

— Sim, não puderam ficar na Terra...

— Mas, enquanto pudermos, haveremos de ficar por aqui, quietos, acomodados, procurando ser felizes à nossa maneira.

— Porém, mais cedo ou mais tarde... A Lei tudo prevê: o corpo espiritual também se desgasta... Por isto, a chamada segunda morte é inevitável! Vocês, *morrerão - morreremos* todos, para que sejamos constrangidos a continuar mudando.

— Prefiro, por enquanto, não pensar nisso. Estamos dispostos a investir; contrataremos técnicos que nos auxiliem, ou melhor, que nos instruam, pois, sinceramente, não pensamos em voltar à Ter-

ra, a não ser para atendermos aos nossos propósitos... Quanto a subir, escalando planos superiores, veremos. Primeiro, queremos nos fixar por aqui...

Cruzou as pernas, respirou fundo, ajustou a gravata e, gesticulando moderadamente, continuou:

— É muita gente, Doutor, sob a nossa responsabilidade. Desculpe-me, mas a preferência dos que estão deixando a Igreja Católica é por nós - a "Universal" é um empreendimento que deu certo! Aliás, veja como são as coisas, estamos sendo copiados; esta tem sido outra preocupação de nossas lideranças... Igrejas similares se espalham por todos os lugares. É um dos motivos pelos quais precisamos ser os primeiros neste Outro Lado. Temos o direito! Conforme sabe, os espíritas não são maioria, nem diante das evidências a que se refere: Imortalidade, Reencarnação, Lei de Causa e Efeito... O Mundo Espiritual não é espírita!

— Essa frase é nossa - reivindiquei.

— Eu sei; permita-me tomá-la emprestada... Há quanto tempo o espírito reencarna e desencarna?

— Desde sempre - respondi.

— E até hoje não se convenceu!... O espírito vai ao mundo e volta, na mesma.

— O progresso é lento. Augusto! Vocês estão se opondo ao inevitável...

— Bem, podemos ou não contar com a sua intercessão? - perguntou. — Estamos preocupados com a sanidade mental dele; a pressão de espíritos sem quaisquer escrúpulos tem sido forte... Temos o dever de ampará-lo. O mundo sem religião, Doutor, qualquer que seja ela, será um barco à deriva.

— Se ele ou um outro de vocês necessitar de tratamento... Mais, de mim mesmo, não posso prometer. O Hospital em que trabalhamos permanece de portas abertas a todos os filhos de Deus!

— Não é o que queremos...

— É o que, sinceramente, posso oferecer. Nós mesmos, meu caro, aqui estamos nos tratando.

— O senhor, não!

— Eu, principalmente. Não me tome por aquilo que não sou!

— Modéstia sua.

— Não é, não. Graças a Deus, tenho consciência de minha patologia - sei que estou doente, e o tratamento, que, basicamente, consiste em trabalho, e longo. Felizmente, porém, não tenho delírios e alucinações... Menos grave, não é? Não sei por quanto tempo ficarei nestas paragens, mas estou pronto a me submeter aos Desígnios Superiores, quando me enviem a nova incursão na matéria densa.

— O senhor poderia subir...

— Subir?! Para onde?... Sem estrutura íntima, o espírito despenca de qualquer altura. Eu não sei que ojeriza é essa contra reencarnar-se na Terra. Ora, todo lugar é de Deus, e em qualquer ponto do Universo podemos nos realizar. Vivemos uma aventura linda!... O dia em que o homem perder o seu excessivo receio da morte, ele perceberá que caminha entre flores e estrelas. Aprender é maravilhoso! Deixar o corpo, pelo fenômeno da desencarnação, é uma operação tão simples!

— É, o senhor é um poeta, Doutor!

— Não sou, mas gostaria de ser; preciso desenvolver a sensibilidade e amar mais os meus semelhantes.

— Então?...

— Se algum de vocês necessitar de tratamento... Augusto, existem insanidades imperceptíveis, comportamentos que nos parecem lógicos... O pior doente é o que não admite a própria condição. Você se engana: as ideias que o Espiritismo veicula estão se propagando com celeridade; o homem, finalmente, aprenderá a viver e a *morrer*, para renascer em melhores condições. O nosso compromisso deve ser com a Verdade. De que nos adianta trazer Jesus tão-somente nos lábios? Não cometa a loucura de se opor à Evolução. Deus es-

tá suscitando apóstolos da Espiritualidade no seio da própria ciência materialista.

— Perdi o meu tempo! - exclamou, levantando-se aborrecido.

— Pois eu não perdi o meu; conversar com você me foi muito útil... Lamento, se o desapontei.

— Procurarei outro; podemos pagar e... Não adianta, o senhor não entendeu. Sabe quantos anos tem a Bíblia?

— Não; os capítulos que constituem o livro foram escritos em diferentes épocas... Séculos e séculos, com certeza.

— "O Livro dos Espíritos", de vocês, é de ontem! Não se iluda, Doutor. A oposição ao Espiritismo é de ordem moral e material; ele contraria interesses básicos do homem... Nem Jesus Cristo mudou a Humanidade! Deus somos nós mesmos - é a nossa vontade.

— Que pena, Augusto, que você pense assim! Que pena!

— Interessante - confessou -, quero sair e o senhor não me deixa; quero ofendê-lo e não consigo... Estou decepcionado, mas algo me atrai para o senhor...

— Vá em paz, meu filho! Vá em paz!

— De qualquer maneira, obrigado por me ter recebido...

— O tempo de que disponho é curto, mas venha, quando quiser; é só avisar o Manoel para que ele agende a sua visita...

— Melhor não, Doutor; estamos em campos contrários...

— Não! Não estamos. Somos irmãos em Cristo... A nossa aparente distância é falta de ajuste nas ideias.

— Passar bem! - disse, por fim, retirando-se como se os seus pés fossem feitos de chumbo.

— Até mais ver, Augusto! - respondi com certa tristeza no coração.

Quando o Pastor saiu de vez, fiquei a sós, meditando no estranho diálogo que com ele entabulara: — Quando é que, na condição de encarnado, eu suporia que tal realidade, além da morte, fosse possível? Que coisa!... A impressão que, às vezes, me assaltava é que somente agora, depois de milênios de evolução, o espírito começava a viver com noção das Duas Vidas, vividas concomitantemente - alguns espíritos, é claro, não todos; a maioria continuava ignorando-se...

Espiei pela vidraça da janela - antigo hábito meu - a movimentação dos internos em um dos pátios da Instituição e, de longe, pus-me a sondar o mundo íntimo deste e daquele. Poucos, pouquíssimos, cogitavam de sua existência ante-

rior, no Plano Espiritual, ou na Terra; para quase todos, a Vida estava acontecendo naquele exato momento - apenas naquele exato momento; nenhuma lembrança do antes, no corpo ou fora dele... E havia quantos milênios respirávamos nos domínios da razão!

Manoel Roberto, com delicadeza, descerrou a porta, desculpando-se por subtrair-me aos devaneios.

— Manoel, você é um perfeito cavalheiro; invejo a sua discrição de trato... Você nunca me aborrece ou me é inconveniente.

— Doutor...

— Estou falando sério.

— Acho que não...

— O problema é seu. Responda-me: você tem alguma lembrança de sua permanência anterior na Vida Espiritual?

— Pouquíssima coisa... Eu me recordo mais é do meu passado na Terra.

— Isto me intriga muito, Manoel. Quero me aprofundar nesta questão; preciso encontrar caminho para pesquisar o assunto... Amanhã cedo, necessitarei de que você me acompanhe, certo? Escolha uns dez dos mais lúcidos, homens e mulheres. Agora, por favor, sente-se.

— Eu?!...

— *Tem* outra pessoa aqui? Vamos! Sente-se, homem - quero entrevistá-lo.

— Doutor, tenho muito serviço...

— Qualquer instituição que dependa dos serviços de uma única pessoa está falida. Ninguém é insubstituível.

— **M**anoel - prossegui -, não podemos ser centralizadores: os homens passam, as instituições permanecem... Sei que não é o seu caso, pois sou testemunha de sua extrema boa vontade, mas... reflita comigo: o egoísmo não será responsável por esta nossa falta de memória, concernente a paisagens e situações que poderiam nos servir como ponto de referência mental, para que nos situássemos no tempo de outras vivências? Temos, infelizmente, vivido muito em função de nós mesmos, de nossas necessidades imediatas, atendendo ao momento, sem noção de vida que se eterniza. A cada dia, estamos passando, embora imperceptivelmente, avançando ou sendo deslocados pelas circunstâncias, que nos compelem

a sair do acomodamento... Assim como deixamos as nossas funções pela desencarnação, haveremos, mais cedo ou mais tarde, de seguir outros caminhos. Só realmente tudo possui aquele que a nada se prende! Permita-me interrogá-lo. Você, desde que aqui chegou, em 1965, se recordou de algum lance de existências pregressas?

— Espontaneamente, não, Doutor. Procurei informações, assim que pude.

— Teve fácil acesso a elas?

— Muito pelo contrário; não fosse pelo interesse demonstrado por um amigo...

— Onde você as obteve? Sabe muito bem que as coisas não funcionam assim... Quando encarnados, supomos que as recordações pertinentes ao passado afloram com facilidade no espírito liberto.

— Com a maioria, de fato, não é assim; tenho conversado com muita gente que não se lembra de nada - tem visões fragmentárias, incompreensíveis, que não elucidam... Por este motivo, neste Outro Lado, a tese da Reencarnação é questionada. Vou mais além, Doutor: mesmo a chamada "visão panorâmica"...

— Quando o espírito se encontra em processo de desvinculação definitiva do corpo...

— Não é fenômeno corriqueiro; alguns poucos, dos que pude escutar, disseram ter visto ce-

nas da existência que se findava se desenrolarem à própria percepção, conforme relatos de outros.

— A questão é de mente e cérebro; os centros da memória são fundamentais, e, é claro, a espiritualidade de cada um. Espiritualmente, o homem quase não respira, vive asfixiado, sob a sugestão de ideias materialistas, *programando-se* para viver do berço ao túmulo.

— O amigo a que me referi, Doutor, conduziu-me a departamento especializado, e pude ler resumidas anotações a meu respeito. Antes de viver no Brasil, pela segunda vez, vivi em Portugal e na Espanha; existências obscuras as minhas: em uma delas, comercializava pedras preciosas...

— É, você sempre gostou de um anel no dedo, com pedra imitando esmeralda...

— Na Espanha, fui cigano e... médium.

— Era só o que me faltava: um médium cigano!

— Raptei uma criança...

— Quem?

— O Aldo! Sim, depois meu filho.

— Não me diga!?

— Não quis me aprofundar... Interessante: à medida que lia os apontamentos, caía numa espécie de transe nada agradável. O passado...

— É melhor que, por um bom tempo, permaneça enterrado - o passado de todos nós!

— Foi como se um álbum fotográfico me tivesse sido colocado nas mãos... Extremamente desagradável. Depois, durante meses e meses, senti-me atormentado por pesadelos: via-me tentando escapar de morrer afogado num rio caudaloso...

— Você sempre teve medo de água - preferia perfume a um bom banho!

— As nossas preferências e inclinações...

— Os nossos hábitos, Manoel, revelam a nossa história pretérita; o passado se nos estampa nas tendências inatas...

— E como! Dou graças a Deus ter conhecido o Espiritismo; a minha existência finda foi, sem dúvida, a mais proveitosa...

— Sempre é assim e, sendo assim sempre, você imagina o que devemos ter aprontado, não tendo sido lá essas coisas na derradeira!

— Deus nos livre...

— ...e guarde!

— De maneira geral, o passado do homem...

— ...é sucata! Não dá mesmo para ficar lembrando o que se foi e o que se fez... Em maioria, os loucos, os atormentados, enfim, os obsidiados e os desequilibrados mentais, são os que não conseguem se harmonizar com a realidade interna; não supor-

tam o subconsciente!... Encenam tantos "fantasmas" que os assombram do porão da própria individualidade, em forma de remorso inconsciente, que chegam a ensandecer! A loucura não é provocada, senão por conflitos subliminares, que extrapolam. O pretexto é de natureza física, mas a causa é de ordem profunda; qualquer medicamento é mero paliativo, pois, enquanto o espírito não reparar o mal praticado, obtendo **o perdão da consciência**, não conhecerá a paz e nem retomará os movimentos livres para a frente - algo o prenderá à retaguarda...

— Doutor, somos todos mais ou menos loucos, não somos?

— Sim, com uma ressalva: vocês um pouco mais loucos do que eu...

O companheiro compreendeu o gracejo e prosseguiu explanando, retomando a seriedade que o assunto exigia.

— Quem não terá falido diante das Leis Eternas? Quem ainda não se insurgiu contra alguém, infelicitando-lhe a existência? Já fomos, Manoel, suficientemente bárbaros em vidas recentes, cometendo injustiças inenarráveis contra os semelhantes. O que fomos se sobrepõe ao que intentamos ser e, não raro, a personalidade antiga toma o lugar da individualidade que se levanta dos escombros de nossa desdita. Vivemos muito

mais pelo subconsciente, ou seja, das aquisições efetuadas no passado longínquo e recente. Trava-se, dentro de nós, luta espetacular, todos os dias: o Cristo nos conclamando ao futuro, e o visco de nossas velhas paixões nos impedindo de caminhar... Temos nos corporificado na Terra quase sem interregno entre uma encarnação e outra - por isto, pouco nos lembramos de nosso tempo de permanência no Plano Espiritual; em movimentos brutos, lentíssimos, descrevemos no chão que pisamos a trajetória do caracol, transportando o fardo de nossos erros e culpas... Quando o nível extrapola, enlouquecemos! Como você disse, somos, sim, todos mais ou menos loucos por indefiníveis complexos de culpa que carregamos. Se fôssemos nos recordar dos detalhes de nossos atos de crueldade contra os semelhantes!... O consciente, Manoel, é terreno de que carecemos tomar posse, reparando equívocos, minimizando situações que, muitos, infelizmente, agravam, não logrando do círculo vicioso em que se demoram por séculos e séculos. O Conhecimento Espírita, na Revivescência do Evangelho de Jesus vem quebrar essa cadeia de sucessivos enganos de nossa parte; a pouco e pouco, nos restaurará o equilíbrio e porá fim às nossas angústias existenciais. Todas as psicopatías - não importa a nomenclatura - se

fundamentam no desajuste da consciência, na peleja entre o Id, o Ego e o Superego, exteriorizados no eterno Eu. Precisamos, urgentemente, nos renovar em Jesus! Somente pela renovação de nossas ideias, na criação de novos hábitos, conseguiremos nos rearmonizar intimamente. Os nossos piores obsessores são as consequências de nossos desatinos; o espírito oportunista no mal, não se nos insinuará no psiquismo, se não lhe oferecermos brecha... Os que nos molestam por fora, não nos atingem; assemelham-se a falenas que vo-luteiam ao derredor da luz, ansiando por ela... O mal praticado a outrem cria vínculos de ordem mental, verdadeiros grilhões que nos acorrentam a difíceis complexos de culpa. Sempre caímos por nossa livre e espontânea vontade...

— Não podemos, então, ser induzidos por terceiros? - interrompeu-me o amigo.

— É claro! Todavia a decisão sempre nos cabe. Se nos ocupássemos tão-somente do bem, o mal não encontraria espaço para atuar. Não transferimos responsabilidade... A menor falta cometida, direta ou indiretamente, exigirá reparação. Não precisamos nos preocupar em punir a quem quer que seja, no sentido de fazer justiça com as próprias mãos. O delinquente se haverá com os tribunais humanos e com o divino. A pena é pro-

porcional ao grau de consciência do culpado. O que interpretamos por punição é processo reeducativo; segundo as Escrituras, Deus não quer a morte do pecador... Há, dentro de nós, uma zona intransponível, incorruptível, sempre imaculada: é Deus. agindo na consciência de cada um! A consciência é região intocada, que paira acima do inconsciente, do consciente e do superconsciente - é um universo à parte. Ali, nesse Divino Tribunal, as Leis de Deus pontificam: todas as vezes em que extrapolamos, ela nos constringe à indispensável corrigenda. A loucura, em suas variadas manifestações, é um conflito psicológico-espiritual, a refletir-se no quimismo do cérebro, aparentemente sadio ou lesionado. Os que sofrem concussões cerebrais, através de uma queda ou, por exemplo, de uma tumoração. desencadearam, eles mesmos, o processo em que se autopunem, ou melhor, se autocorrigem. Cirurgias ou medicamentos prescritos com êxito são agentes da Lei que considera quite a criatura antes em débito. O passe ou a doutrinação intercessória que sana problemas alusivos à obsessão de natureza cármica é o fim de um drama que, com certeza, se arrastava por muitos lustros!

## 22

— **M**anoel - perguntei, sob a atenção do distinto colaborador -, você se recorda de uma de suas vindas ao Mundo Espiritual?

— Doutor, sinceramente, menos ainda do que me lembro de minhas idas à Terra...

— Questão de identificação - respondi.

— Hem?!...

— Sim, a nossa identificação maior é contrária à nossa própria natureza - somos espírito e nos identificamos com a matéria... Meu Deus! Que tamanha inversão! Em nosso *habitat* natural, o Mundo dos Espíritos, somos menos ainda do que somos quando encarnados... Pior: não raro, sequer percebemos que trocamos de corpo e de cenário! Por este motivo, nos deparamos com tanta gente que não tem a menor noção do fenômeno da mor-

te, que protagonizaram há 10, 30, 50 anos ou mais. É absurdamente inacreditável! Convido a todos os neurologistas, psiquiatras e psicólogos espíritas a estudarem comigo o assunto, que é fascinante - a falta de lembrança da Vida no Mundo Espiritual!

— Doutor, eu não me acanho de dizer que estou, agora, em meu melhor estado de lucidez...

— Eu também! - exclamei, concordando.

— Começo a ter noção mais exata das coisas, organizando-as em minha cabeça. Estou desperto...

— ...ou semidesperto!

— O senhor tem razão: semidesperto...

— Para o verdadeiro despertar, nos falta muito chão, ou, em linguagem científica, muitos neurônios e sinapses - a nossa memória é fragmentária, ao contrário do pensamento, que é contínuo. Pensamos, mas não registramos...

— Não sei quantas vezes estive por aqui, nas Dimensões do Além.

— Se a criatura humana lida com a razão há 40.000 anos, no mínimo... umas 200 vezes!

— Que cálculo, Doutor!

— Em cada 1.000 anos, a metade pelo menos... Estou sendo generoso com você.

— 500 anos, em 1.000?

— Considerando, repito, generosamente, 100 anos de cá e 100 anos de lá...

— Santo Deus! 200 vezes?...

— Você acha pouco?

— E na Terra, então?

— O mesmo número de vezes: 200 encarnações! É claro, levando-se em conta que você é dos que alcançaram a láurea da razão há 400 séculos atrás.

— Se a gente for pensar em termos de números...

— Fica louco, varridinho! Não obstante, a matemática não mente.

— A minha esperança...?

— ...é que você tenha conquistado a razão somente há 20.000 anos; aí, dividindo por 2, o número de suas possíveis encarnações cairá para 100!

— Quer dizer que eu *morri*...?

— ...no mínimo, 100 vezes - *morreu* e reencarnou! E, até hoje, seu safado, não aprendeu a *morrer* e muito menos a viver!...

— Essas contas estão certas?

— Não sei se está passando ou faltando um zero, mas... não altera nada!

— Tomar corpo 100 vezes, na Terra?!

— Dormindo! No seu caso, em média, 12 horas por dia, a metade do tempo.

— Doutor, eu nunca dormi 12 horas...

— Como "Manoel Roberto", não - eram só 9, 10 horas -, mas como o tal cigano...

— Não brinque, que o senhor me assusta!

— Não estou brincando não! O meu argumento é baseado na lógica. Em vidas anteriores. Manoel, você deve ter dormido quase a totalidade do tempo; por baixo,  $\frac{3}{4}$  do dia... Sendo que, no considerado  $\frac{1}{4}$  desperto, você bocejava.

— Doutor...

— Não me desminta! Você mesmo acabou de concordar que a última foi a sua primeira encarnação, desfrutando relativa lucidez... *Tem gente* - a esmagadora maioria! - que vive na Terra tendo os olhos arregalados, mas que, espiritualmente, os traz mais fechados que os olhos de um defunto - só enxerga o que está *morto*, estático, parado, ou seja, a matéria! Sequer cogita do dinamismo do mundo atômico; a única coisa que sente pulsar é o coração, assim mesmo quando ele tropeça dentro do peito...

— Há pessoas que, psicologicamente...

— ...estão dormindo, sonhando ou, mais provável, tendo pesadelos!

— A Matemática...

— ...é pior que a Filosofia! Se formos colocar tudo na ponta da caneta, as 200 vezes se multiplicam por 10, fácil, fácil.

— 2.000 vezes!

— E as desistências e tentativas, Manoel? Os abortos provocados e espontâneos de que pode

ter sido vítima; as desencarnações em tenra idade, por inanição e ausência de outros cuidados; a média de vida do homem no corpo, que, nos primórdios, não excedia 30 anos, exposto às hostilidades do meio ambiente...

— Mas, Doutor, 2.000 vezes é demais!

— Faça um abatimento: deixo por 1.000!...

— Mesmo assim...

— ...é um número fabuloso! Vá gostar de reencarnar não sei onde!... Você sabia que, segundo estimativas, "nos últimos três ou quatro milhões de anos, o volume do cérebro na linhagem dos hominídeos passou de 400.000 a 1.500 mil"? Significa que, a cada 100.000 anos, o cérebro cresce 2 gramas!!!

Efetuei pequena pausa e observei, prosseguindo:

— Solicito permissão ao nobre colega e confrade, ainda no corpo, prestando relevante serviço à Causa, Dr. Núbor Facure, para citar um trecho de sua magnífica obra "O Cérebro e a Mente": *"Desde o aparecimento do **Homo erectus**, há 1,7 milhões de anos, até o **Homo sapiens** atual, o cérebro praticamente dobrou de volume, passando de 800 mil para 1.500 mil a 1.800 mil, o que significa um crescimento aproximado de dois gramas de substância cinzenta a cada 100 mil anos. Nesse mesmo período,*

*houve transformações muito menos significativas, no restante do corpo. Foram 15 mil séculos [Manoel, veja este número! - exclamei], de mudanças que atuaram mais no cérebro do que em qualquer outro órgão da economia humana.*

*"Na escala animal mais remota, a projeção do desenvolvimento cerebral é mais marcante ainda [continua o grande neurologista uberabense, radicado em Campinas - São Paulo]. O cérebro de pouco mais de dois gramas de um peixe está a 400 milhões de anos distante do cérebro humano... "*

— Doutor, eu fui "peixe"?

— Com certeza, um lambarizinho, que não valia a isca que você usava, nas suas fabulosas pescarias, quando na última encarnação!... Antes, porém, você foi um "ser" unicelular, e, antes ainda, uma... moita de capim! Não interrompa, Manoel, o Dr. Núbor! *"O cérebro de pouco mais de dois gramas de um peixe - repeti - está a 400 milhões de anos distantes do cérebro humano e, mesmo assim, a fisiologia dos neurônios que movimentam as barbatanas do peixe segue os mesmos princípios do que nos faz expandir o peito para soltar um grito.*

*"Na corrida das transformações biológicas, o cérebro aumentou 60 vezes, do mamífero mais inferior ao chimpanzé, e outras 3 vezes dos*

*chimpanzés aos humanos. São 300 mil gerações de chimpanzé até nós "*

— É desanimador!

— É maravilhoso!...

— Quer dizer que o nosso cérebro está em expansão?

— Pelo menos, o meu está; quanto ao seu, tenho as minhas dúvidas...

— A tendência natural?...

— É o homem perder os apêndices, todos, sem exclusão de nenhum, hem!

— A Mente Divina?...

— ...é do tamanho do Universo...

— A mente humana, ou seja, o cérebro, do qual os mais inteligentes utilizam cerca de 10% apenas, é do tamanho de... Ora, Manoel, é tão inexpressivo, que fica difícil até imaginar!

— E o homem se acha um...

— ...uma besta quadrada!

— O que dissermos, então, do coração, do sentimento?

— Agora luziu alguma coisa, aí, dentro dessa caçarola... Desculpe-me: cachola!... As palavras rimam e são parecidas... Do ponto de vista fisiológico, o cérebro é o único órgão em crescimento no corpo humano; os demais órgãos estão se minimizando, inclusive o músculo cardíaco,

que, aliás, pode ser substituído - o que jamais acontecerá com o cérebro!

— Quanto à humana capacidade de amar?...

— Ah! Se, pelo menos, a humana capacidade de amar se nivelasse à capacidade de raciocinar! Tenho para comigo, Manoel, que o Amor é a chave para todos os arcanos do Universo e da Vida! Quem se antecipa no Amor, torna mais curto o caminho para a Perfeição. Por isto, para nós outros, amar deveria ser, pelo menos, uma questão de inteligência...

— Quantos miligramas o senhor acha que o nosso cérebro deve pesar, para - digamos - nos considerarmos espíritos tangenciando a Perfeição?

— 8.000!

## 23

— **O** que equivale a 8 quilos!  
- exclamou Manoel, na  
sequência do diálogo que  
entabulávamos.

— Dizem nossos Maiores que, na verdade, precisamos adquirir o peso da luz, para alcançarmos os cumes do Aperfeiçoamento Espiritual.

— Não é mesmo de admirar, Doutor, que as nossas lembranças concernentes a pregressas existências sejam tão poucas, o senhor não acha?

— Inclusive as que se referem à nossa permanência no Plano Espiritual, no intervalo de uma encarnação a outra. Quanto mais recuarmos no tempo, menos memória...

— E a reencarnação, de certa maneira, pode ser considerada uma volta ao passado, não?

— Considerando que somos o futuro do homem na Terra, sim. Em relação aos espíritos que povoam Dimensões Superiores, **estamos vivendo no passado**; por este motivo, existem espíritos que conseguem antever o futuro, já que estiveram nele...

Interrompi o raciocínio e, voltando ao que me interessava, perguntei ao companheiro:

— Você não tem a menor lembrança de uma estada sua no Mundo Espiritual - qualquer fragmento de recordação?...

— Reminiscência positiva, não. Quando dei por mim...

— ...estava encarnado de novo!

— Quando comecei a trabalhar no Sanatório, não sei, o contato com a Doutrina... Foi como se, aos poucos, o meu cérebro se desentorpecesse. A cada palestra que ouvia, a cada sessão mediúnica de que participava, a cada livro que lia...

— Você lia pouco; lembro-me de minhas brigas com você neste sentido...

— A Maçonaria também me ajudou, no que tange ao despertar...

— A influência do meio é decisiva!

— Não fosse, porém, o convívio com a mediunidade de D. Modesta e outros médiuns... O senhor sabe, no Sanatório respirávamos Espiritis-

mo o dia inteiro; e, depois, os quadros obsessivos com que lidávamos...

— Raro o dia em que um doente não incorporava, não é?

— Tudo começou para que, em minha cabeça, as peças dispersas se juntassem, promovendo o desaparecimento de certos hiatos...

— Aí...

— Aí, Doutor, pela vez primeira, em séculos e séculos, pude sentir a proximidade da desencarnação e, quando ela chegou, fui espectador consciente - tanto quanto possível - do fenômeno. Testemunhei o meu próprio desprendimento do corpo, vendo-me destacar da vestimenta física... Contemplei e, de certa maneira, participei, ao mesmo tempo, das duas realidades; há um momento no desenlace em que, verdadeiramente, nos sentimos nos Dois Lados da Vida...

— E depois?

— Experimentei certo torpor, relativa confusão de ideias, mas as informações arquivadas em meu cérebro e, sobretudo, a consciência do dever cumprido...

— Relativamente...

— ...relativamente - que as coadjuvava, me ensinaram o domínio da situação. Sem pensar que estivesse surtando, pude ver a senhora minha mãe,

Marta Maria, ao meu lado, D. Modesta, que fazia o obséquio de me recepcionar no limiar da Vida de Além-Túmulo, nosso caro Dr. Henrique Krüger...

— Que privilégio, hem?!

— Curioso, olhei em volta, constatando que, praticamente, não houvera saído da Terra...

— Como ainda não saímos!

— Creio, Doutor, que também seja algo que nos confunda: a estreita semelhança entre o mundo físico e o que lhe é imediato...

— "E o que lhe é imediato" - frisei -; ótima ressalva, pois, inicialmente, o espírito recém-liberto não ascende a Planos Mais Altos, quando não se precipita às regiões no interior da Crosta.

— Em resumo, foi assim.

— Cada região espiritual, como cada país, tem as suas características. "*A vida continua*" não é mera expressão de crença. Antes de o Brasil ser descoberto e conseqüentemente povoado, a Dimensão Espiritual correspondente se mostrava desabitada; os nativos da terra, quando desencarnavam, praticamente não se ausentavam da taba, reencarnando quase de imediato. Os europeus, particularmente os de origem portuguesa que aqui desencarnavam, unindo-se aos espíritos que, sob a égide de Ismael, designado por Jesus como protetor da nova Terra, imigravam para cá, ante as

perspectivas de nova fonte de trabalho redentor; colonizaram o espaço...

— André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier, na obra "Nosso Lar"...

— Hummm! Vejo que as minhas broncas para que você lesse um pouco mais surtiram efeito: não foram de todo inúteis. Na obra citada, o autor espiritual elucida que "Nosso Lar" é antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI. "A princípio, enorme e exaustiva foi a luta, segundo consta de nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento. Há substâncias ásperas nas zonas invisíveis à Terra, tal como nas regiões que se caracterizam pela matéria grosseira. Aqui também existem enormes extensões de potencial inferior, como há, no Planeta, grandes tratos de natureza rude e incivilizada. Os trabalhos primordiais foram desanimadores, mesmo para os espíritos fortes. Onde se congregam hoje vibrações delicadas e nobres, edifícios de fino labor, **misturavam-se as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares,** (grifamos) Os fundadores não desanimaram, porém. Prosseguiram na obra, copiando o esforço dos europeus que chegavam à esfera material...

— Duas grandes frentes de trabalho colonizador!

— ... apenas com a diferença de que, por lá, se empregava a violência, a guerra, a escravidão, e, aqui, o serviço perseverante, a solidariedade fraterna, o amor espiritual".

— Como as coisas se encaixam!

— E, se você me permite, Manoel, ainda recorrerei a excelente texto de "Brasil - Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de Humberto de Campos, onde nos deparamos com a explicação da presença dos africanos no País do Cruzeiro. *"Ismael - diz o notável escritor - sente que luzes compassivas e misericordiosas lhe visitam o coração e parte com os seus companheiros, em busca dos planos da erraticidade mais próximos da Terra. Aí se encontram antigos batalhadores das Cruzadas, senhores feudais da Idade Média, padres e inquisidores, espíritos rebeldes e revoltados, perdidos nos caminhos cheios da treva das suas consciências polutas. O emissário do Senhor desdobra nessas grutas do sofrimento a sua bandeira de luz, como uma estrela d'alva, assinalando o fim de profunda noite. "*

— Que sublime, Doutor!

— Deixe-me continuar. *"Irmãos - exorta ele comovido -, até ao coração do Divino Mestre chegaram os vossos apelos de socorro espiritual. Da sua esfera de brandos arrebóis cristalinos, or-*

*dena a Sua misericórdia que as vossas lágrimas sejam enxugadas para sempre. Um ensejo novo de trabalho se apresenta para a redenção das vossas almas, desviadas nos desfiladeiros do remorso e do crime. Há uma terra nova... "*

Interrompi, agora, eu mesmo, a expressiva narrativa, solicitando maior atenção do amigo que mostrava lágrimas nos olhos.

— Veja, Manoel, que lindo: *"Há uma terra nova, onde Jesus implantará o Seu Evangelho de caridade, de perdão e de amor indefiníveis. Nos séculos futuros, essa pátria generosa será a terra da promessa para todos os infelizes. Dos seus celeiros inesgotáveis sairá o pão de luz para todas as almas; mas, preciso se faz nos voltemos para o seu solo virgem e exuberante a construir-lhe as bases com os nossos sacrifícios e devotamentos. Ali encontrareis, nos carreiros aspérrimos da terra que depura e santifica, a porta estreita para o Céu de que nos fala Jesus nas suas lições divinas. Aprenderéis, no livro dos padecimentos salvadores, a gravar na consciência os sagrados parágrafos da virtude e do amor, na epopeia de luz da solidariedade, na expiação e no sofrimento. Sabei que todas as aquisições da filosofia e da ciência terrestres são flores sem perfume ou luzes sem calor e sem vida, quando não se tocam das claridades do sen-*

*timento. Aqueles de vós que desejarem o supremo caminho venham para a nossa oficina de amor, de humildade e redenção."*

— Convite irrecusável!

— *Muitos, porém, se mostraram impermeáveis e insensíveis - redargui. Todavia, "nas estradas escuras e tristes da angústia espiritual, viu-se, então, que falanges imensas, ansiosas e extasiadas, avançavam com fervorosa coragem para as clareiras abertas naquela mansão de dor e de sombra. "*

— E vieram...

— *Sim, muitos outros, porém, estagiando, primeiro nos países da África, de onde, na condição de alimárias humanas, foram deportados para o Brasil. "Essas entidades [escreve Humberto de Campos] evolvidas pela ciência, mas pobres de humildade e de amor, ouviram os apelos de Ismael e vieram construir as bases da terra do Cruzeiro. Foram elas que abriram os caminhos da terra virgem, sustentando nos ombros feridos o peso de todos os trabalhos."*

Emocionados, Manoel Roberto e eu limpávamos discretas lágrimas e, por longos minutos, permanecemos em silêncio, auferindo de suas bênçãos.

**N**a manhã seguinte, acompanhado por Manoel, comecei a investigar alguns de nossos internos prestes a receberem alta. Eram pacientes que, quase recuperados de todo, já nos auxiliavam em diversas atividades do Hospital.

O primeiro com quem conversei foi Adolfo, homem dotado de grande perspicácia intelectual, que se tratava conosco havia mais de dois anos de insidiosa psicopatia, que o levava a periódicas crises de depressão.

— Adolfo - disse-lhe -, você me responderia algumas perguntas? Estou interessado em seu depoimento.

— De muito bom grado, Doutor! - respondeu, de curiosidade atilada.

— Qual a sua formação profissional e religiosa?

— Professor de Filosofia e... descrente.

— Ainda descrente?

— Hoje, com uma leve inclinação para o Espiritismo teórico, não-prático.

— Não-prático?...

— É! A mediunidade é muito suscetível de equívocos; em geral, os médiuns distorcem tudo... Admiro a filosofia espírita e chego a pensar, inclusive, pela lógica de seus postulados, que ele é um ideal inatingível, ou seja, perfeito demais para as criaturas falíveis que somos.

— Tem lido algo, ultimamente?

— Conforme o senhor mesmo me orientou, o "Novo Testamento" e "O Livro dos Espíritos". Eu não sei... Será que o gênio de Allan Kardec não influenciava aquelas meninas, as irmãs Baudin - Caroline e...

— ...Julie!...

— ... que cooperavam com ele?

— Desculpe, mas essa sua hipótese negativista é invalidada por uma simples evidência: o mestre lionês não poderia ter provocado o fenômeno das "mesas", concorda? As comunicações mediúnicas antecedem o seu interesse por elas, que começou a estudá-las a partir de 1854, culmi-

nando com a publicação de "O Livro dos Espíritos", em 1857. E, depois, dezenas de sensitivos, que não residiam em Paris e tampouco na França, emprestaram sua colaboração ao Codificador.

— Do ponto de vista teórico, repito, o Espiritismo me empolga, mas no campo da mediunidade prática... Aqui mesmo, Doutor, no Hospital, conversando com pessoas que afirmam ser médiuns - é uma loucura!

— Conversaremos sobre isto, uma outra hora, Adolfo. A Mediunidade é tema que requer muitos estudos. Diga-me: você tem, ou já teve, alguma reminiscência de vida anterior?

— O senhor diz...?

— ...de vidas passadas?

— Quem me dera! Se assim acontecesse, o meu problema de cepticismo crônico estaria resolvido!... Não, Doutor, não me recordo de absolutamente nada. O passado, se é que existe, se me apagou da memória... Não me lembro nem de experiências mais recentes. Sei que alguma coisa aconteceu, mas não possuo elementos para tirar conclusões definitivas.

— Não se recorda de que, ainda há pouco, esteve na Terra, na condição de espírito encarnado?

— Sonho ou realidade, Doutor? - eis a minha dúvida. O senhor está certo, e eu, equivocado?

Compreenda, não estou colocando em questão a sua sanidade... Não é fácil crer na Reencarnação.

— Lembra-se, pelo menos, de ter estado em um meio ambiente semelhante ao em que agora se encontra? Não estou me referindo ao ambiente hospitalar...

— Não, não me lembro - respondeu, tático. — Admito, sim, que estamos noutro plano existencial, mas daí a inferir que encarnamos e desencarnamos, sucessivas vezes... Desculpa-me, Doutor, porém preciso ser honesto e coerente.

— Você então admite que não mais nos encontramos na Terra?

— Mentalmente, não! Podemos, até por lá ou por aqui, continuar, sem percebermos... O homem, de fato, é produto de seus pensamentos acumulados. É o que me aborrece e me deprime, Doutor: não ter certeza das coisas à minha volta... Psicicamente, estou cansado.

— Não se esforce tanto!

— Preciso equacionar o mistério... Acho que a vida de cada um é projeção de sua própria mente.

— Em parte, estou de acordo. E o que me diz de suas afeições queridas?

— Dias atrás, Doutor, visitou-me um tio meu, que eu sei ou imagino ter *morrido*; ele é ou era, não sei, irmão de minha mãe...

— Você foi ao velório dele?

— Fui...

— Observou o corpo dele estirado no caixão, certificando-se do sepultamento e tudo mais?

— Sim!

— E... não se convenceu?

— Doutor, eu estou doente?

— Está. Aliás bem melhor, é verdade, porque antes você vivia ensimesmado...

— Se estou doente, como posso, eu mesmo, confiar em mim?

— Acha que eu mentiria para você?

— Não, o senhor é um homem sério, no entanto... Eu gostaria de ter a sua convicção.

— O que tenho é mais que convicção: é certeza! - respondi sem qualquer vacilo.

Adolfo abaixou a cabeça e o seu semblante anuviou-se. Decorrido algum tempo, voltou a falar.

— O senhor me concederá alta?

— Não tenho motivo para mantê-lo recluso. É claro que o seu tratamento deverá continuar. Imagino que, em contato com outras pessoas, outros espíritos, fora do ambiente hospitalar, as suas chances de mais ampla recuperação serão maiores.

— Crê mesmo que já vivemos anteriormente?

— Tenho certeza!

— Efetuou constatações?

— Efetuei, várias.

— Doutor, as religiões confundem a cabeça da gente... Li muito sobre todas elas, um pouco menos sobre o Espiritismo, é óbvio, pois o preconceito contra ele ainda é grande.

Neste ponto do diálogo, veio-me à lembrança o que Leon Denis escreveu em sua obra "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível", no capítulo VIII: *"Na Inglaterra e na América do Norte diz-se que certos espíritos ficam em dúvida e negam a necessidade de renascimentos na Terra. Esta contradição aparente é o principal argumento dos adversários do Espiritismo kardecista.*

*"Se examinarmos a questão de perto, um fato aparece de início: é que todos esses espíritos, opostos à ideia da reencarnação, pertencem no mundo ao culto protestante. "*

Lembrei-me, ainda, do que o próprio Kardec grafou em um dos números da "Revue Spirite", quando afirma que o preconceito racial é um dos maiores obstáculos à tese da Reencarnação, acrescentando que, por esta causa, a América do Norte relutaria em aceitá-la - os de raça branca não admitiriam que pudessem reencarnar com a epiderme de outra cor!

Adolfo, porém, o paciente com quem conversava, não se enquadrava em nenhum dos dois

casos - ele não era adepto do Protestantismo e nem possuía, em nível consciente, qualquer tipo de preconceito. Embora a sua acuidade intelectual e o seu relativo grau de cultura, Adolfo apresentava interstícios na memória, falhas resultantes de mecanismo de defesa do inconsciente, como pude observar no diálogo que se desdobrou.

— Diga-me - perguntei, cuidadoso -, existe algo em sua personalidade que o preocupa?

— Como assim?

— Alguma tendência que, porventura, experimenta em seus devaneios...

— Uma espécie de impulso?

— Um pensamento ou sentimento que é seu, que lhe parece estranho e, de certa maneira, alheio à vontade.

— Confesso-lhe, Doutor, que, por vezes, sinto ímpetos de matar, de agredir alguém...

— Embora a sua índole aparentemente pacífica?

— Quando dou por mim, estou com as mãos crispadas, os dentes rilhados, os olhos esbugalhados... Não se trata de um ódio definido, pois não vejo a imagem de ninguém! É uma indignação que extrapola, que, por instantes me enlouquece; sem dúvida que não hesitaria em matar, com as próprias mãos, quem me tivesse ultrajado a honra...

— "Ultrajado a honra?" - insisti.

— E o sentimento que se me associa, quando, em tais circunstâncias, a revolta me transfigura.

— Manoel... - recorri ao companheiro que me assistia, no intuito de maiores informações sobre as crises que Adolfo descrevia.

— O Dr. Hermógenes - esclareceu, em resposta - fez anotações em seu prontuário, que aqui está.

"O paciente, periodicamente, como que em espontânea regressão de memória, assume comportamento externo agressivo, que tenta controlar. Há indícios em sua personalidade, não manifestos, de possível (veis) violência(s) perpetrada(s). O paciente fala muito em honra e se transtorna - se altera emocionalmente -, quando toma conhecimento de casos de violência sexual. Há indicação terapêutica medicamentosa e, principalmente, espiritual de longo curso".

Logo abaixo, um adendo importante:

"Não é aconselhável a TVP (Terapia de Vidas Passadas) não espontânea."

— É grave, Doutor? - inquiriu-me.  
— O senhor, ao ler minha ficha, franziu o cenho...

— Não se preocupe, meu filho - desconversei -; o problema é a caligrafia desses médicos, que, em minha opinião, por seus garranchos, estão mais para médiuns psicógrafos...

— **A** previsão de minha alta está mantida?  
— Sim, desde que você não interrompa o tratamento; duas vezes por semana deverá visitar o Dr. Hermógenes, com o qual falarei a respeito.

Despedi-me de Adolfo e, enquanto caminhava, comentei com o dedicado Assistente:

— Às vezes, Manoel, não queremos assumir a culpa; não acreditamos que possamos ter feito o que fizemos. Eis nossa aversão pelo passado! A consciência, nem quando tenhamos razão, nos justifica em nossas atitudes de revide. É a Lei: perdoar sempre, não importa a gravidade do mal de que sejamos vítimas. É claro, existem atenuantes em favor de quem se põe tão-somente a re-

vidar, todavia, mesmo assim, quem responde mal por mal não conhecerá a paz. O negócio é sofrer, sem fazer sofrer, deixando que a Indefectível Justiça nos advogue a causa...

— Doutor, vou lhe fazer uma pergunta de homem do mundo: não nos será lícito, então, procurar justiça nos tribunais humanos?

— Segundo Paulo, o Apóstolo, "*nem tudo que nos é lícito nos é conveniente*". Trata-se, reconheço, de difícil opção; é uma decisão de foro íntimo. Eu não sei... Ao que consta, Jesus não disse nada em Seu benefício; hora alguma, Ele se proclamou inocente - *morreu* por nós, a Humanidade pecadora e por Barrabás... As vezes, meu caro, fico pensando: Se o Cristo tivesse sido posto em liberdade às custas da morte de Barrabás, Ele seria o Cristo? Não teria, naquele momento, maculado a pureza de Seu Espírito, já que, por causa Dele, estava em jogo a vida de um homem?

— Mas Ele não tinha o direito de se defender?

— Manoel, se as Suas obras não convenceram os juízes que O condenaram, que é que as Suas palavras poderiam ter feito? Pilatos lhe pergunta pela Verdade... Ora! Durante cerca de três anos, aquele Homem curara cegos, limpou leprosos, levantou paralíticos, ressuscitou mortos... Os maiores feitos que a História registra sobre a Vida

de alguém foram simplesmente ignorados! A Humanidade é cega e se torna insensível, diante do que lhe contraria os interesses. A crucificação! - outro não poderia ter sido o desfecho para a vida daquele Homem extraordinário, que **aceitou ser imolado no madeiro, para que o Seu silêncio permanecesse como eloquente apelo às consciências, através dos séculos.**

— Doutor, não que o senhor não tenha capacidade, mas as suas palavras me soam aos ouvidos como se tivessem sendo ditas por Irmão José, pelo Dr. Odilon...

— E você acha que mediunidade só funciona na Terra, de desencarnado para encarnado, e vice-versa? Ora, bolas! Não sou tão destituído assim de inspiração... Se o pensamento dos amigos aos quais você se referiu, não vem a mim, eu vou a ele! Temos mediunidade de encarnado para encarnado e, consequentemente, de desencarnado para desencarnado... Você, por exemplo, se não convivesse tão estreitamente comigo - parece um grude! - estaria perdidinho!

— Doutor, por favor, fale um pouco mais...

— De você? Falar mal de você? Ora, me é tarefa fácil e grata...

—Não, Doutor, de Jesus! Discorra, um tanto mais, sobre o que acabou de dizer; achei notável!... Se Ele, o Mestre, tivesse sido escolhido pela turba...

— Manoel, existem sutilezas nas quais a gente não consegue se aprofundar. Sem padecer a suprema injustiça, o homem não experimenta a alegria de ser justo, na vitória que alcança sobre si mesmo. Estou para dizer a você que, um dia, se não pudermos imitar Jesus, deveremos, pelo menos, copiar a atitude de Sócrates, condenado a ingerir a dose letal de cicuta pelos tiranos de Atenas. O grande filósofo recusou a liberdade que os amigos lhe ofereceram, subornando os guardas da prisão, alegando que não poderia contradizer-se, empreendendo fuga naquelas circunstâncias. Nos estertores, quando agonizava, ante o pranto desconsolado dos discípulos, balbuciou: *"Sócrates não está aqui, encerrado neste corpo; Sócrates agora é livre!..."* Haverá um momento, para todos nós, em que seremos compelidos ao testemunho solitário das convicções e dos valores em que pautamos a existência; todos, de certo modo, haveremos, no futuro, de conhecer algo semelhante ao Calvário, como Sócrates, ante a taça de cicuta; como Estêvão, o primeiro mártir cristão, lapidado em nome da fé; como Jan Huss, que foi levado às fogueiras da intolerância religiosa; ou, ainda, como aqueles que permaneceram anônimos nas páginas da História, mas que morreram aos pouquinhos por amor ao Ideal a que se consagravam...

Sem quase tomar fôlego, continuei:

— Barrabás, na ordem natural das coisas, não poderia ter sido sacrificado por Ele, que viera ao mundo a fim de ser sacrificado por criaturas como o conhecido malfeitor, que, mais tarde, sim, haveria de dar a vida pela Causa do Evangelho. Os cristãos que, durante 300 anos, foram martirizados não morreram por Jesus, mas pela Verdade que Ele personifica! Ninguém deve perecer em nosso lugar; a cruz que levamos aos ombros, se nos é instrumento de suplício, também o é de nossa redenção!... Não sei onde, nem quando, nem tampouco em que circunstâncias, mas todos, indistintamente, seremos convocados ao extremo testemunho, conhecendo a solidão que Jesus conheceu no Horto das Oliveiras, a traição, o abandono dos amigos, o opróbrio dos homens comuns e, por fim, a ressurreição, que representará, para nós, a emancipação de todo o carma.

Com a voz embargada, Manoel questionou:

— Doutor, até lá, atenuando as culpas a resgatarmos, não poderemos ir morrendo aos pouquinhos?...

— Antes de responder, permita-me citar belo poema de Maria Dolores, através de Chico, constante do livro "Mãos Marcadas" e intitulado "Butil de Luz".

*"Em teus dias de dor,  
Recorda, alma querida,  
Que a dor é para a vida  
Aquilo que o buril severo e contundente,  
Entre as mãos do escultor,  
É para o mármore sem forma...*

*Golpe aqui, golpe ali, outro mais e mais outro,  
Um corte de outro corte se aproxima,  
E o bloco se transforma  
Em celeste beleza de obra-prima.*

*Que seria da pedra abandonada, ao chão,  
Triste, bruta, singela,  
Se a vida não traçasse para ela  
Planos de construção?*

*Que destino o da argila esquecida e vulgar,  
Sem a temperatura humana,  
Que deve suportar  
Para ser porcelana?*

*Enxergaste, algum dia,  
Fora das leis da natureza,  
O trigo que não fosse triturado  
Para ser pão à mesa?*

*Se alguém te fere e humilha, ama, entende, perdoa  
E agradece ao trabalho, a angústia e a prova,  
Em que a vida imortal se nos renova,  
No anseio de ascensão que nos guia e abençoa...  
Alma querida, escuta!...  
Para seguir à frente,  
Em plena elevação  
Sempre mais alta e linda,  
Quem não chora, não serve e nem padece ou luta  
Parece tão-somente  
Um ser espiritual em formação  
Que não nasceu ainda!... "*

— Que maravilha, Doutor!

— Ponha maravilha nisso, Manoel! Quando tomamos consciência do dever a cumprir, despertando para a responsabilidade de viver, embora o homem-velho resista dentro de nós, reclamando-nos a posse, morremos gradativamente, dia após dia, para as ilusões que nos embalam há milênios. É como nos fala a poetisa: *"Golpe aqui, golpe ali, outro mais e mais outro, / Um corte de outro corte se aproxima..."* Para quem compreende a essência do Evangelho que abraça no Espiritismo, ninguém carece de efetuar cobranças ao comportamento, pois, quanto mais luz ao redor, mais nos enxergamos a escuridão em contraste

e perdemos o gosto pela disputa, pela polêmica estéril, porque sabemos que a vitória a ser alcançada é sobre nós e não sobre os outros, nossos companheiros de evolução, que, por sua vez, um a um, serão chamados à vivência dos postulados que abraçamos. Sinceramente, meu caro, eu não me considero um espírito com mais tempo para aceitar provocações... Não se trata de desconsideração pela opinião dos outros, mas de prioridade espiritual. De que me valeria sair vencedor em brilhante torneio de oratória ou numa queda-de-braços intelectual ou doutrinária com alguém, se eu sei que ainda trago o coração vazio de amor?! Eu não preciso saber mais do que sei, se conseguir amar mais do que amo! Respondendo mais objetivamente à sua pergunta: podemos e devemos, é claro, ir "morrendo aos pouquinhos", no exercício cotidiano da caridade, que combate o egoísmo; do perdão, que se nos opõe à vaidade e ao orgulho; da renúncia, que nos libera de todo e qualquer apego; da tarefa sacrificiosa, que nos disciplina os impulsos...

## 26

**D**esnecessário dizer que as conversas que tive com os demais pacientes foram semelhantes à que mantivera com Adolfo, ou seja, ninguém conservava lembranças que pudessem ser levadas em consideração de suas existências pregressas e, principalmente, de estadas no Mundo Espiritual.

— É impressionante, Manoel - comentei -, como nos retraímos, não temos ou não queremos ter noção do que somos; como fugimos da realidade que nós próprios engendramos! Não estou, é óbvio, censurando a quem quer que seja. Se Deus nos fez assim, certamente existem razões que desconheço para nos revelarmos tão alheios ao passado. E não se trata do passado remoto, mas do ontem! Se fosse comigo, devo admitir que

também não gostaria de que tais reminiscências aflorassem, e como não dá, em nível de consciência e responsabilidade, esquecer o que é ruim, recordando só o que é bom, o melhor talvez seja mesmo passar uma borracha em tudo... Como se, a rigor, tal procedimento fosse possível. Um dia, quando menos esperamos, aparece alguém, ou se cria uma situação, aparentemente do nada, que nos coloca em inexorável encontro com o que deixamos pendente... A gente esperneia, fala que não deve coisa alguma a ninguém, todavia invisível mão nos estende a promissória a ser quitada, com juros de mora e acréscimos legais decorrentes do rolamento da dívida...

Assim me pronunciando, partimos, sem esperanças, para o derradeiro paciente da lista que o antigo e renovado Assistente amigo preparara.

— Alice, minha filha - cumprimentei a interna que estava conosco fazia quase 5 anos -, como você está simpática... Ótimo! Está de olho em alguém, não é?

— Ora, Doutor, não me deixe envergonhada. A não ser pelo senhor, aqui não me interessaria por ninguém mais...

— Nem pelo Manoel Roberto? - perguntei, provocativo.

— Só se o senhor não existisse!

— Realmente, não dá para comparar... Sou obrigado a admitir que você tem bom gosto. No entanto, minha filha, o Senhor não quer que eu case - o Senhor quer que eu trabalhe e, desde que desencarnei, não tenho tido tempo para os assuntos do coração... O romance exige tempo e poesia dos que se enamoram. Poesia até que eu posso ter, pois, de quando em quando, cometo alguns versos que me satisfazem a frustração de ter nascido psiquiatra, e não poeta! -, mas tempo, sinceramente... Se você me perguntar que dia é hoje, quantas horas são, se estamos perto do almoço ou do jantar, terei que perguntar a nosso amigo aqui. Eu sou um homem insone!

— Que exagero, Doutor!

— Eu tenho que me defender, não tenho? Mas vamos, Alice, se você estiver disposta, ao que interessa. Colaboraria comigo, respondendo a algumas questões? Aqui, ninguém é obrigado a nada, desde que, primeiro, não queira fazer o que quer.

— Como todo o prazer! Pode perguntar.

— Minha filha, você está conosco...

— ...há 4 anos e 7 meses exatos, Doutor! Não sei como vim bater à porta do Hospital e é só do que me lembro.

— Mas nem sequer começamos... Como você sabe que desejo saber de suas lembranças?

O seu inconsciente já está se defendendo, antes de ser "atacado"...

— Favor! Não fale complicado, que não entendo patavina.

— Qual é a sua religião?

— Bem, eu era católica...

— Não é mais? Por quê?

— Por causa do senhor, de suas palestras...

— Tornou-se, então, espírita?

— Ainda não; o meu problema é crer na Reencarnação... Não duvido da sua palavra, mas essa história de já ter vivido e ter de viver de novo!... Para mim, é complicado; só de pensar no assunto, sou tomada de aflição e de pavor... Não, eu não quero - mesmo sendo verdade, eu não quero!

— Alice, aflição e pavor exatamente de quê?

— É um sentimento que não se define. Quando o senhor fala de Jesus, de amor pelo próximo, até mesmo de intercâmbio com os mortos, tudo bem...

— De intercâmbio com os mortos?

— Com os nossos entes queridos que empreenderam a... Como é que o senhor costuma dizer?

— ...a Grande Viagem! — Você não se recorda - faça um esforço -, ainda que vagamente, de algo que a vincule a um outro cenário, a uma outra época, a diferente situação da vivenciada agora?...

— Sinto desapontá-lo, mas não! E *tem* mais: eu não creio em quem fala que se recorda... Esse pessoal está pirado! Terra, Mundo Espiritual... Tudo é Terra, Doutor. Durante o dia, o Sol brilha; à noite, as estrelas luzem no firmamento... Comemos, bebemos e dormimos. Se, pelo menos, eu tivesse um ponto de referência, fora ou dentro de mim! Espíritos milenares... Fomos criados por Deus, está certo; agora, se nada ou pouco sabemos da Vida, que é que vamos saber da morte?... O Espiritismo, trata de uma crença, de uma bela crença religiosa consoladora - dá-nos esperança, e, afinal, quem pode viver sem esperança?

— Para você?...

— Estamos na Terra. No máximo, ocorre algo com a nossa mente que não sei o que seja. O senhor é um homem muito inteligente, Doutor - inteligente e bom. Eu o respeito, no entanto...

— Complete a frase.

— ... para mim, o senhor crê naquilo que gostaria que fosse realidade.

Deixei que silencioso intervalo se fizesse, olhei para o Manoel Roberto e, súbito, decidi arriscar, perguntando:

— Alice, você se submeteria à uma sessão de hipnose?

— Hipnose?...

— É! De regressão da memória... Concor-  
daria em participar?

— Com o senhor? - indagou, vacilante.

— Com uma pequena equipe: eu, o Mano-  
el e a nossa Modesta.

— Confesso que sinto certo receio.

— De quê? - interoguei, observando a re-  
sistência que seu inconsciente manifestava.

— Não sei ao certo; temo me perder de  
mim mesma , outra vez... O senhor se recorda da  
situação em que aqui cheguei, não?

— Afirmando-lhe que, neste sentido, não há  
perigo; recuaremos, ao primeiro sinal que nos ad-  
virta... Não cometeremos qualquer imprudência.

— Sendo o senhor a conduzir o processo,  
concordo. Para quando será?

— Amanhã mesmo - respondi, preocu-  
pado -; é só o tempo de contarmos Modesta...  
Peço-lhe que, a partir de agora, procure se man-  
ter relaxada e não se alimente em excesso. Tenha  
confiança!

— Doutor, permita-me perguntar: o senhor  
já submeteu alguém a experiência semelhante?

— Quando me encontrava encarnado, sim;  
uma vez ou duas...

— Encarnado?! Fala com tanta convicção  
e naturalidade... Se o senhor estiver certo, since-

ramente não sei por onde a minha cabeça andou, que de nada me recordo.

— Ou, talvez, não queira se recordar? - emendei.

— Se a gente, não raro, deseja esquecer o ontem, neste ponto sou obrigada a concordar. Se pudesse, apagaria da memória o pesadelo que foi a minha vida, até bater às portas desta casa, que me acolheu...

— O esquecimento do passado, Alice, se fosse um medicamento encontrável nas farmácias, muitos, a maioria, no corpo e fora dele, o tomariam em doses elevadíssimas, tão elevadas, que é possível viessem a esquecer, inclusive, a si mesmos.

— Diante dos dramas que conheço, não é para menos; aqui, no Hospital, a gente ouve cada história! - nada a ver com vidas anteriores, mas com o presente...

— É verdade, no entanto as experiências vivenciadas não podem ser suprimidas; o mal que perpetrarmos não é *esquecido* pela consciência, a não ser quando nos dispomos a deletá-lo, em definitivo, reescrevendo a própria história.

— Deletá-lo? Que significa o termo?

— É uma palavra que aprendi recente; estou, aos poucos, mergulhando no mundo da Informática... É impressionante, Alice, a correlação

entre o cérebro humano e a "memória" do computador: tudo fica registrado, mas, para ir à tela, necessita ser acessado, através do prévio conhecimento de uma senha. Amanhã, com a sua permissão, mexeremos nos seus arquivos mnemónicos...

— Tomara que descubra alguma coisa! - exclamou.

— Ora, você diz que não acredita...

— Acreditar, não acredito; no entanto como seria bom se fosse verdade! Muitas vidas... Somente assim, numa delas, eu teria esperança de me casar com o senhor - brincou.

— A figueira, que sou eu, por ordem do Senhor, está completamente seca, até às raízes. Prometo, porém, ajudá-la a encontrar um Clark Gable...

— O galã de "E o vento levou..."?

— Ele mesmo!

— Não quero. Eu prefiro o autor de "Onde Mora o Esquecimento?" - disse, referindo-se a uma de minhas obras.

— Quem será o maluco que nomeia um livro com um título deste?! - redargui, arrancando espontâneo sorriso da paciente, de quem, em seguida, me despedi.

## 21

**Q**uando saímos do quarto, Manoel me sabatinou.

— Doutor, o senhor está mesmo disposto a Submetê-la a uma regressão?

— Em nome da Doutrina e no intuito de beneficiar Alice, sim! Quem sabe, avivando-lhe certos campos da memória, conseguirá, doravante, caminhar com maior lucidez! Intimamente, uma força me impele a fazê-lo, e não sou de opor resistência às intuições em que observo certa lógica. Não se preocupe; procederei com cautela... Avise Modesta e peça-lhe o obséquio de estar conosco amanhã, à noite.

Manoel se afastou. Já eu, atravessando um dos pátios do hospital, fui interceptado por um dos internos, que, em delírio, me abordou.

— Doutor! Doutor!... Eu não sou eu! Quero o meu uniforme de volta!... Jogaram-me aqui, neste depósito de gente perturbada. Deixe-me sair!... Quem é o comandante? Quero falar com ele...

— E Jesus Cristo, meu filho - respondi, pousando-lhe a destra espalmada sobre a cabeça.

— Quero, então, que Ele me libere. Interceda, Doutor, interceda por mim... Eu não fiz nada: só ordenei que atirassem! Cumpri o meu papel... Doutor, que corpo estranho é este? Quem me pôs nesta camisa-de-força de carne e osso? Quero sair! Quero sair!...

— Você sairá; tenha calma!...

— Calma?! O tempo não passa... Escuto o dia inteiro uma voz que parece ser a minha, dizendo: "Preparar, apontar, fogo"! Dezenas tombam no paredão... Eu não disparei uma única vez. Homens e mulheres, amordaçados, caem uns sobre os outros... Onde estou? É um hospital do Exército? Devolva o meu uniforme... Eu sou major! O senhor quer me ver passar a tropa em revista?...

E saiu, punhos fechados, passos cadenciados e cabeça erguida, olhando para o vazio à sua direita, como se estivesse desfilando diante de soldados perfilados.

— Em alguns, nada; em outros, tudo - monologuei, estabelecendo paralelos entre os que,

praticamente, são forçados a se lembrar do passado e os que se opõem a tais reminiscências.

Quando estava prestes a concluir minha incursão pelo pátio destinado aos pacientes do sexo masculino, um jovem veio ao meu encontro, com a mão estendida.

— Uma esmola, pelo amor de Deus!... Ainda não comi nada hoje. Estou com fome... Uma esmola, Doutor, uma moedinha...

Verificando o nome escrito no bolso do roupão que vestia, disse-lhe:

— Leandro, meu filho...

— O meu nome é mesmo Leandro - prefiro que me chamem assim e não Leocádio... Eu não sou Leocádio! Este povo fica abusando de mim...

— Este povo, quem? - perguntei, penalizado, ante o jovem epilético que, em uma de suas crises, se jogara sob as rodas de um caminhão.

— Aqueles negros, Doutor, que trabalhavam para o Coronel Juca, meu patrão... Não obedeciam: tronco e chicote! Estou certo ou errado? Eu mesmo fazia questão de surrá-los naqueles dorsos fortes reluzentes ao Sol, retalhados pela minha vergasta!... Sangravam até à morte - falou, rilhando os dentes, como se estivesse a fazê-lo naquele exato instante.

— Leandro, você sabe onde agora se encontra? - questionei, procurando acalmá-lo.

— Ora, onde estou... Eu nunca saí de lá! Estou aqui, doente; dizem que é tifo... Assim que melhorar, voltarei. O Coronel Juca está pagando todas as minhas despesas, não está?

De repente, começou a gritar, se afastando:

— Não! Não!... Estão me enrolando num lençol e enterrando num buraco, rente à barranca do rio. Socorro! Socorro!...

Leandro havia, desde quase 100 anos atrás, sido Leocádio, implacável feitor de escravos. Desencarnara vítima de tifo e, no Além, caindo nas garras de muitas de suas vítimas, fora submetido a longo período de torturas e sevícias. Em decorrência de tal situação, o processo obsessivo, conjugando-se a terríveis dramas de consciência, desencadeou a epilepsia, que, desde a mais tenra idade, o obrigara a contorcer-se, qual estivesse sendo espancado em invisível pelourinho. Com pouco menos de 30 de idade, mendigo nas ruas de Belo Horizonte, atirou-se sob as rodas de pesado veículo, que lhe esmagou o crânio!

Dividido entre Leocádio e Leandro, vivia a fugir de si mesmo, atormentado pelo remorso que Guerra Junqueiro, grande vate lusitano, define como o "caçador de feras"... Em que personalidade, afinal, aquele espírito encontraria refúgio? Em tais circunstâncias, como se recordar do pe-

ríodo de intercorrência entre uma encarnação e outra? As experiências no corpo lhe haviam sido marcantes demais. De volta ao Mundo Espiritual, não se apercebia do fato e, provavelmente, em breve, seria localizado em nova existência física, como um doente que necessitasse ser isolado em quarentena. Para a consciência ferida e atormentada, não há melhor remédio de cicatrização e equilíbrio que o esquecimento na carne. Neste Outro Lado da Vida, para o espírito culpado a realidade se assemelha a pesadelo que não se interrompe; no corpo, o espírito, pelo menos, conta com a possibilidade de entorpecimento temporário, o que lhe faculta adormecer e sonhar...

Observando Leocádio/Leandro, a distanciar-se, gesticulando a esmo, sobre a soleira da porta em que me posicionara, deixei que o meu pensamento oscilasse entre outras inúmeras interrogações: — Meu Deus, qual tem sido a trajetória desse irmão infeliz, ao longo do tempo? Onde e com quem terá vivido? Que influências recebeu? Será que, alguma vez, teve pais que o amassem? Em que ponto se desgarrou do grupo familiar? Ensinaram-no a crer em Deus? Quantas vezes, com certeza, repetiu experiências de caráter negativo que tanto lhe complicaram o destino? Que ósculo materno o fará sentir-se querido, tendo início, assim, o seu reerguimento moral?

Que espírito abnegado aceitará recebê-lo, para que tenha oportunidade de assimilar outras influências? De quantas vidas necessitará para redimir-se perante seus algozes?...

Os meus olhos, contemplando-lhe o vulto, encheram-se de lágrimas e, naquele instante, reconhecendo quanto me competia trabalhar no possível despertamento espiritual dos integrantes do rebanho que o Senhor me concedera aos cuidados, abençoei-o:

— Deus há de compadecer-se de você, meu pobre irmão!...

— Falando sozinho, Doutor? - perguntou-me o amigo que me fazia uma visita-surpresa.

— Alceu! - exclamei. Não é possível...

— Sou eu mesmo, Doutor, *um tanto desencarnado*, mas sou eu.

— Que alegria, Professor! Que bom revê-lo!...

— Eu é que já andava saudoso... Deixemos de formalidades... Diante da imensidão da Vida, professor de que e de quem?

— Meu, pelo menos! Sim, você e o Fausto De Vito, de Português e outras coisas mais. Sinceramente, não sei como vocês davam jeito naqueles meus arrazoados para "A Flama Espírita"!... Mas, conte-me: como vão indo as coisas?

— Vim vê-lo e... despedir-me.

— Despedir-se?! Está viajando?

— De volta à Terra, Doutor!

— Tão cedo?!...

— Agosto de 1962... 44 anos! O senhor sabe... Preciso voltar.

— Você me parece em ótimo estado...

— Cuido-me, pelo menos por fora; por dentro, as coisas precisam sossegar ainda... Tenho que trabalhar dobrado e... não adianta ficar adiado. Esperar o quê? Temos que enfrentar, vamos enfrentar; e, depois, renascerei em um lar espírita... As minhas chances de êxito são consideráveis.

— Sinceramente, estou sem palavras. Você desaparece e, quando volta... Se for por falta de lugar, precisamos de você aqui. Ouvi dizer que as coisas por lá estão fervendo...

O companheiro sorriu e comentou:

— Sempre o mesmo combatente!

— Pernas trôpegas, braços arriados, mas estamos aí para o que der e vier. Alceu, você tem muito em seu favor - as crianças e os jovens que educou, o seu testemunho de fé...

— A consciência não concorda muito não! Resumindo, fiquei devendo... Ah!, desta vez, casar-me-ei, mas não terei filhos; só adotivos!

— E Professor de novo?

— E, ainda por cima, médium de incorporação...

— Que coragem a sua! Meu Deus! Professor, casado, filhos adotivos e médium de incorporação... Você está querendo resgatar tudo de uma vez? Só me falta dizer que...

— Sim, terei dois pequenos defeitos físicos, insignificantes, mas essenciais à minha reeducação.

— Alceu, você me intimida!... Eu não dou conta disso. Admiro a sua fibra!

— Conto com o seu auxílio. Por favor, não me esqueça... Amigos fornecerão ao senhor notícias do meu paradeiro. Estou confiante e determinado!

— Para quando será?

— Daqui a 30 dias, aproximadamente.

— **A**lceu - continuei argumen-  
tando, enquanto seguía-  
mos por extenso corredor  
conducente ao refeitório -, você é um homem de  
coragem: prestes a voltar, com esse entusiasmo e  
esse sorriso!... Ainda mais nas circunstâncias em  
que me diz que se dará a sua nova aparição no  
mundo. Que pequenos defeitos físicos serão?

— Um externo, outro interno; terei uma  
perna um pouco menor, o que me retirará, em par-  
te, qualquer atrativo de ordem física...

— O interno?...

— Um problema intestinal crônico, que,  
desde menino, me ocasionará desconforto.

— Defesas interessantes!... - concordei.

— Um mapa cármico que, caso saiba utilizar...

— Eu, quando voltar como você, daqui a... uns 300 anos - não antes disso -, vou precisar me imunizar contra tudo que seja derivado do fumo; espero que, até lá, as indústrias de cigarros e charutos tenham todas quebrado: uma praga qualquer há de acometer as plantações...

— Doutor, pelo que estou informado, em breve há de aparecer o cigarro sintético!

— Se é assim, o negócio é renascer sem pulmões... Aliás, aqui entre nós, certas sequelas persistem em meu corpo espiritual. Consultei um especialista, e ele me disse que, caso resolva reencarnar, necessitarei antes de rigoroso tratamento preventivo contra o câncer.

Acomodamo-nos em duas confortáveis poltronas e demos sequência ao papo.

— Alceu - perguntei a perna menor... Você solicitou tal providência?

— Solicitei e obtive, Doutor, graças a pequeno mérito acumulado na condição de servidor espírita. Fiz um requerimento, protocolei-o, explicando, tão detalhadamente quanto possível, os motivos de minha petição.

— E a inflamação crônica e dolorida nos intestinos?

— Eu já a tinha, não é? O senhor se lembra de minhas queixas...

— Sim, é verdade; cheguei a prescrever para você algumas vezes... Agora, me recordo. Os sintomas abdominais nunca desapareceram?

— Não, nem depois de *morto*...

— E *tem* gente que acha que o corpo expia todas as mazelas do espírito! Ah, se assim fosse!... A gente pediria logo para nascer com uma grande protuberância e... pronto!

— O estresse desencadeado pelos meus movimentos difíceis e certa angústia, até que aprenda a lidar com a limitação irreversível, agravará a... Como é o nome, Doutor?

— Atualmente, Síndrome do Intestino Irritável; em termos de sigla, SII, que, aliás, acomete milhões de pessoas em todo o mundo. A Natureza é sábia. Tem a ver com hábito alimentar, emoção, psicologia... O homem padece, fisicamente, a deseducação do espírito.

— É impressionante, como o corpo nos é reflexo da mente!

— Um pálido reflexo, Alceu... A Misericórdia Divina interfere! Você imaginou se o corpo físico, no ventre materno, se formasse a partir de nossos pensamentos mais recônditos? A Humanidade quase que só se constituiria de aberrações... Aliás, o corpo humano, em face da essência do ser, é uma aberração: somos pa-

rentes, próximos, do *Australopithecus*! A única diferença é que a queixada involuiu e a testa se projetou... Em muitos, inclusive, o rabo ainda aparece!

— O mesmo Dr. Inácio Ferreira irreverente de sempre!... Sinceramente, eu não sei em que o senhor pode mudar para melhor...

— Alceu, não me ironize, não tome o meu emprego: a concorrência está grande! Eu sou palhaço porque sou; tem gente, sem talento para palhaço, que força dividir o picadeiro comigo... Por que não trabalham de trapezistas, de malabaristas? O circo é tão grande!...

O amigo se descontraíu e, aproveitando o ensejo, indaguei:

— A paralisia infantil está praticamente erradicada no Brasil. Que problema o acometerá na perna?

— A causa será neurológica; a perna direita sofrerá uma atrofia - não acompanhará o desenvolvimento da outra...

— E qual será o fator desencadeante?

— Nada indaguei a respeito; melhor não saber, o senhor não acha? Pressinto que, talvez, seja uma queda para trás, em que baterei forte com a cabeça no chão...

— Pressente?

— Estranhamente, chego a visualizar o incidente...

— Você o visualiza? Como?...

— Vejo-me criança, esperneando e caindo dos braços da babá... É só o que vejo e... sinto.

— Sente?

— Todas as vezes em que visualizo o quadro, sim; dói-me bem aqui, Doutor - respondeu, levando a mão à altura do occipital, ao lado esquerdo.

— Os nossos dramas de consciência, no intenso desejo de reparar os equívocos que cometemos, acionam mecanismos mentais desencadeando as provas que nos oferecem oportunidade para tanto. É deste modo que se verifica o cumprimento da Lei. Não há necessidade de que ninguém nos puna, arbitrando as dificuldades que, na maioria das vezes, atribuímos ao acaso. Quando as defesas do inconsciente cedem, o próprio inconsciente lavra, em nosso favor, as sentenças de correção nas atitudes em que nos consideramos culpados. Quem, por exemplo, deve ser alvejado por uma bala perdida...

— Interessante, Doutor! Explique-me...

— O projétil disparado a esmo é como que magneticamente atraído por aquela pessoa, em cujo organismo deve se alojar, provocando o seu

súbito desenlace ou sequelas físicas que se lhe constituirão em carma por longo tempo.

— Pode, no entanto, ocorrer o imprevisível? Ou seja, alguém ser atingido, literalmente, de maneira acidental ou aleatória?

— Pode; porém, quando acontece, o óbito, em grande número de vezes, não se verifica. Tudo, é claro, há de depender do grau de comprometimento do espírito com a Vida. Espíritos comuns estão sujeitos às circunstâncias comuns de um mundo de provas e expiações. Viver, pois, na Terra, exige cautela e prudência; a vida no corpo de carne, para a imensa maioria, equivale à travessia de estreito desfiladeiro, repleto de perigos a cada passo...

Objetivando melhor elucidar a delicada questão, solicitei ao amigo que me permitisse recorrer a uma das questões de "O Livro dos Espíritos", quando o Codificador pergunta aos Sábios Instrutores: *"859-a. Há fatos que devem ocorrer forçosamente e que a vontade dos espíritos não pode conjurar? — Sim, mas que tu, quando no estado de espírito, viste e pressentiste, ao fazer a tua escolha. Não acrediteis, porém, que tudo que acontece esteja escrito como se diz. Um acontecimento é quase sempre a consequência de uma coisa que fizeste por um ato de tua livre vontade, de tal maneira que, se não tivesses praticado aquele*

*ato, o acontecimento não se verificaria. Se queimas o dedo, isso não é nada, senão a consequência de tua imprudência e da condição da matéria. Somente as grandes dores, os acontecimentos importantes e capazes de influir em tua evolução moral, é que são previstos por Deus, porque são úteis a tua purificação e a tua instrução ".*

— Vejamos se entendi - redarguiu Alceu -: alguém que tropeça e fratura a perna?...

— Falta de cuidado.

— Mas, se além de fraturar a perna, permanece coxo para o resto da vida?

— Considero duas possibilidades: **a)** a fratura como pretexto para a sua prova, ou expiação; **b)** levando em consideração o montante de nossos débitos, qualquer revés que venhamos a sofrer, mesmo não estando, *ipsis litteris*, programado, serve-nos para amortizar a dívida. Nenhuma experiência é inútil, e, a rigor, nada nos sucede à revelia das Leis que nos governam.

— O negócio, então, em um orbe de provas e expiações...?

— ...é gerar o maior número possível de efeitos positivos, para que eles se nos transformem em couraça de proteção. O efeito que se gera a partir de uma ação positiva é vacina, imunizando o espírito contra os agentes agressores oportunistas.

Quando a criança nasce, é vacina contra poliomielite, sarampo, enfim, todo aquele arsenal médico disponível no combate às afecções que lhe podem comprometer a saúde: difteria, tétano, etc... Durante a sua existência, é necessário que certas doses sejam reforçadas, pois a verdadeira Medicina procura trabalhar no campo da profilaxia. Ora, o espírito, igualmente, carece de proteger-se contra as possíveis agressões do meio externo...

— ...que, na verdade, lhe reflete o estado íntimo, não é?

— Antes de o homem começar a habitar a Terra, a Natureza era um reflexo da Mente do Criador, quando, porém, o *Homo erectus* principiou a atuar no meio ambiente, em sua condição de co-criador, tudo foi, gradativamente, sendo modificado - infelizmente, até o presente momento, raramente para melhor! Tanto é que, se o homem quiser saber da integridade de sua vida mental, bastar-lhe-á analisar as suas condições de vida em torno - em casa, no ambiente de trabalho, na sociedade...

## 29

**D**espedi-me de Alceu com afetuoso abraço. Emocionado, o valeroso companheiro, antes de sair pelo portão central da Instituição, próximo ao qual eu o acompanhara, virando-se, acenou-me em adeus.

Olhei para cima, escutando o ribombar de um trovão, prometendo borrasca.

— Chuva torrencial no Além-Túmulo - murmurei, fugindo à ventania que começava a soprar -; mais uma para os nossos irmãos da Terra digerirem...

Adentrei o meu gabinete de trabalho e, ainda sob a forte impressão do encontro com o velho amigo, experimentei íntima necessidade de orar, registrando em diminuto pedaço de papel a minha súplica.

Senhor - comecei, ouvindo o barulho do aguaceiro que desabava lá fora -, Tu sabes quanto tenho pelejado ultimamente, quanto, Mestre, tenho me esforçado, no intuito de servir-Te, sendo útil aos meus irmãos na carne... Dentro de meus insignificantes recursos, tenho feito o que posso, mas... ainda é tão pouco, Senhor! Por vezes, ou melhor, inúmeras vezes, sinto que me falecem possibilidades para cometimento de tamanha envergadura. Quem sou, afinal, para ousar o que ousa na atividade do intercâmbio mediúnico, mais por atrevimento de minha parte, do que propriamente por capacidade e mérito, que reconheço não possuir! Se não me amparares, Senhor, receio comprometer a Obra que nos é tão cara... Não me deixes! Venha, através de Teus prepostos, em meu auxílio, inspirando-me a palavra e a atitude. Sem Ti, eu me encontro sem caminho! És tudo a quanto aspiro em meu espírito, embora, inclusive, me envergonhe de contemplar-Te a Face Excelsa! Se, hoje mesmo, me surgisses diante dos olhos, eu não Te fitaria a Divina Luz, encolhendo-me no ponto mais obscuro que encontrasse, na esperança de que não me enxergasses a indigência notória... Espero, sempre, em Tua misericórdia e, por acreditar em Teu infinito amor, é que me animo a prosseguir no embate que me

consume quase todas as forças - aquelas, Senhor, que me restam, por não tê-las desperdiçado em vão com quimeras e ilusões... Não me consintas qualquer retrocesso, para que, uma vez mais, malbarate o tempo e menospreze a oportunidade de redenção com que me acenas, nas bênçãos da Doutrina que Te restaura o Evangelho no mundo. Aniquila em mim os interesses de ordem inferior, até mesmo aqueles que não consigo detectar, por se confundirem comigo na imperfeição em que me vejo. Desintegra, Senhor, os traços de orgulho e vaidade que fazem com que a minha vontade prevaleça sobre a Tua... Peço-Te e autorizo-Te a fazê-lo, mesmo que a revolta se me assome ao coração e eu blasfeme contra Ti! Se quiseres, ordena, e ainda hoje me submeterei aos Teus desígnios, exausto que já me encontro de sucessivos equívocos e quedas que me desalentam o espírito recalcitrante e insubmisso. Não me permitas, pois, excessiva liberdade de ação, antecipando-me nas decisões pessoais que, efetivamente, não sei tomar. Corrija-me, nem que seja através de circunstâncias desagradáveis, mas não Te ausentes de mim! Auxilia-me a renunciar a todo projeto que não seja Teu, a todo caminho que não seja o que me apontas, a toda intenção que, em mim, não seja genuinamente Tua... Desejo que saibas,

Senhor, que, sem Ti, a minha vida carece de sentido, e a última coisa que, conscientemente, seria capaz de fazer é magoar-Te o Magnânimo Coração! Todavia o que há de ser, frágil como sou, se não me estenderes a Tua mão salvadora, arrebatando-me ao precipício do mal, que me atrai e se me escancara aos pés invigilantes?! Sê, Mestre Amado, comigo, hoje e para sempre!

Quando soltei a caneta sobre o papel, clareza singular - teria sido reflexo de algum relâmpago na tempestade? - fez-se em meu recinto de trabalho e, por instantes, tive a impressão de que a minha pobre oração, no exato momento em que a concluía, obtivera indizível resposta do Alto.

Durante vários minutos, fiquei a cismar, tentando controlar as lágrimas que não conseguia conter. O Senhor sabia, como sabe, o que se passa em meu coração, e, por Ele, única e tão-somente por Ele, estava disposto a continuar, sorvendo, à derradeira gota, a minha solitária taça de fel.

Quando, por fim, me controlei, aproximei-me da janela, espiando, pela vidraça, a chuva, que amainava, deixando o firmamento, que, em contraste com o Sol da tarde, mostrava revêrberos de lindos matizes. Andorinhas azuis, esvoaçantes, efetuavam acrobacias, qual se assim, no altar da Natureza, prestassem a sua homenagem

ao Criador... Como são belas as tardes no Mundo Espiritual! Indescritíveis poentes de luz que nos infundem reverência ao espírito.

Daí a minutos, descerrando a ampla janela que me permitia observar o horizonte, respirei a longos haustos a brisa que, sucedendo o vendaval, carreava do campo a fragrância das flores e das árvores molhadas.

Coisas tão simples de se perceber e, no entanto, os homens, em maioria, mesmo depois de *mortos*, continuam insensíveis a elas, como se não fossem uma prova eloquente da existência de Deus! Eu estava convicto de que, embora pisando a mesma Terra, praticamente sob os meus pés, a Humanidade encarnada se agitava, no "interior" do Orbe, em disputas infindáveis, com raras exceções, incapaz de cogitar de futuro mais transcendente para si, além das expectativas que lhe medeiam a jornada do berço ao túmulo.

Absorto em tais reflexões, leve batida na porta me trouxe de volta à realidade em torno.

— Modesta! - exclamei, enquanto atendia.

— Inácio, mas que chuva belíssima... Estou com os pés encharcados - disse, preocupada em não molhar o tapete.

— Não diga tal heresia - graciei, estendendo-lhe uma toalha descartável... Espírito tomar

chuva, é o fim da picada! Você quer que o pessoal lá embaixo continue me malhando, não é?

— É simples: não escreva isso... Deixe-os pensar que somos feitos de plástico ou qualquer outro material impermeável ao frio e ao calor.

— Escrevo! - respondi.

— Então, aguente e não se queixe.

— Aguentar, eu aguento; agora, não me queixar, eu me queixo... Desejo, Modesta, que algum médium se lhe disponibilize, para que você possa escrever as suas impressões de Além-Túmulo.

— É praga?...

Ante indagação tão espontânea, copiando os nossos antigos diálogos na Terra, quando, como dois irmãos, nos púnhamos a arreliar, por bagatela, explodimos em sorrisos.

— Não! Não é! - respondi, controlando-me a custo -, mas é quase...

Nova crise de risadas nos fez sacolejar em unísono, fazendo Modesta, sempre uma dama, procurar se controlar nos excessos com que eu, definitivamente, não me preocupara.

— Fazia muito tempo que eu não ria tanto assim!...

— Se lhe faz bem, sorria mais, Inácio!

— O pessoal vai nos achar dois debochados - eu e você, sem decoro nenhum.

— Ora, você precisa fazer jus à condição de espírito leviano e zombeteiro que lhe deram!

— "Onde é que já se viu D. Maria Modesto Cravo às gargalhadas com o Dr. Inácio!..." - falei, empostando a voz à *la maniere* do Prof. Fausto De Vito, meu dileto amigo, quando se mete, como eu, a fazer comédia e a contar anedotas até bem-comportadas.

— Isto, Inácio, se não...

— Alto lá! Que esse palavreado é comigo: Se não disserem que nos embebedamos na Vida Espiritual e estamos aprontando arruaças, escrachando com a mediunidade, coisa e tal...

— Essa "coisa e tal"...?

— ...fica por conta da maledicência de cada um, que também não vamos entregar tudo mastigado. Deixemos o pessoal secretar o seu próprio veneno...

Modesta me fitou de maneira maternal e estendeu a destra sobre a mesa, segurando a minha, transmitindo-me apoio e conforto.

— Inácio - disse-me com enternecimento -, você é o filho que toda mãe gostaria de ter, o irmão que, com certeza, todo irmão pede ao Papai do Céu, o amigo que todo amigo espera, um dia, encontrar... Não deixe, nunca, de ser o que você é!

— Ainda que o quisesse, eu não conseguiria...

— Não! Agora é sério. Continue assim: simples e espontâneo, como você sempre foi e é - despojado de vaidades e ambições... Eu sou testemunha de sua grandeza de coração, da sabedoria que você disfarça com as suas brincadeiras - todas construtivas!

— Modesta, não me desconcerte!...

— Ouça apenas.

— Eu prefiro que me xinguem... Se existe alguma coisa para a qual eu não tenho jeito, é elogio.

— Mais do que ninguém, eu sei que você está sendo sincero.

— Às vezes, me pergunto se não será um defeito, travestido, em mim, de virtude.

— Não pense dessa maneira, Inácio; raros são os espíritos com a transparência de seus sentimentos e - por que não dizer - com a sua coragem.

— Não vou levar em conta nada do que você está me dizendo, Modesta, e... vamos ao que interessa, antes que o meu ego, inflado, estoure! Participará conosco da experiência a que Alice será submetida? - perguntei, mudando o rumo da conversa.

## 30

**É** claro que sim! - respondeu a companheira.  
— Estou aqui para isso.

— Entenda, não é por mera curiosidade... Não sou favorável à regressão de memória indiscriminada. Penso que poderemos auxiliá-la. Alice me parece suficientemente receptiva à hipnose, e, depois, justamente por nada se lembrar relacionado ao próprio passado, não corremos o risco de mistificação.

— Você a interrogou?

— Sim, trata-se de um espírito no alvorecer de suas faculdades, não fanatizado por esta ou aquela ideia religiosa. Se conseguirmos induzi-la ao sono hipnótico, poderá nos transmitir valiosas informações. Desculpe-me se a incomodo, Modesta; sei de seus

inúmeros afazeres, mas a sua presença lhe dará confiança e cooperação. Não estou interessado na vida anterior dela na Terra; pretendo concentrar-me em suas possíveis reminiscências relacionadas com o tempo de intercorrência entre uma e outra encarnação.

— De seu período de permanência no Mundo Espiritual.

— Exatamente; é o ponto que mais me intriga... Quase todos, os que cremos na Reencarnação, a ela nos referimos com certa naturalidade, especulando quanto à personagem que teremos animado no pretérito; porém pouco ou nada nos interessamos pelo significativo estágio efetuado nas Dimensões Espirituais. Ora, que é feito desse tempo? O período de estada do espírito no Além, em muitos casos, chega a ser maior do que aquele em que passa encarnado; o espírito troca de corpo, de meio ambiente, etc, mas não troca de cérebro - em alguma de suas circunvoluções, as experiências vivenciadas na condição de desencarnado não de estar registradas, você não acha?

— A sua observação é mais do que válida, principalmente, Inácio, se levarmos em conta que, para a maioria, a vida neste Outro Lado não sofre alterações de vulto.

O diálogo prosseguia interessante nesta linha de raciocínios, quando, fazendo-se anunciar, Manoel Roberto nos informou que tudo se encon-

trava preparado, com a paciente nos aguardando na sala em que procederíamos à experiência.

— Então, vamos - disse - e que Deus nos ajude!

Alice, trajando um longo roupão, saudou-nos, tímida, de confortável poltrona que lhe facilitaria o relaxamento.

— Filha, não tenha qualquer receio - encorajei-a. Ao menor sinal de desconforto psíquico para você, além dos naturalmente previsíveis, nós a traremos de volta. Relaxe e confie!

Pedindo a Manoel que diminuísse a luz, deixando o ambiente em penumbra, solicitei a Modesta o concurso de pequena prece em seu habitual tom de voz.

Em seguida, sentando-me em uma cadeira, colocada rente à poltrona, procurei, com as mãos, magnetizá-la, dispensando qualquer objeto de indução hipnótica visual.

— Alice, relaxe ainda mais e procure retroceder no tempo... Sinta-se flutuando, leve como uma pluma. Solte-se, qual um pássaro voando para fora da gaiola... Viaje nas asas de sua própria mente, deixando-se conduzir por ela...

A paciente, para minha surpresa, ante a complacência e a solicitude que demonstrou, adormeceu rápido e suspirou profundamente.

Impossível maior silêncio no recinto.

—Avance um pouco mais, Alice... Não tenha medo. Procure encontrar a si mesma. Observe ao seu redor... Com certeza, a paisagem é outra. Procure-se entre a névoa... Em algum lugar, você deverá estar.

De repente, contraindo-se, quase a transfigurar-se, a paciente começou a efetuar movimentos de pêndulo com o corpo.

— Acalme-se - apressei-me em dizer-lhe.  
— Onde é que você está? Descreva-nos o que vê... Não se aflija. Trata-se de uma viagem no tempo, nada mais do que isto. Estamos ao seu lado... Busque, sem receio, a sua identidade pretérita, em favor da memória integral.

— Vejo - narrou com a voz entrecortada - um barco sobre as águas do mar... Não, não é um barco; é... uma jangada. O vento é forte e não consigo controlá-la. Estou sozinha... Sim, aquela lá sou eu... Há uma transposição de... de...

— ...identidade!

— EL. Eu sou ela, e ela sou eu! Coisa estranha... A jangada parece que vai se partir em duas; seguro-me como posso... Dentro da minha cabeça não existe nada, apenas o medo - medo de morrer afogada... Não vejo praia, nem outro barco por perto, só a imensidão do oceano e... o firmamento em fúria. Meu Deus!...

— Como você se vê, Alice?  
— Cabelos negros e crespos, cortados à nuca...  
Estatura menor... Mulher valente! Pesco sozinha...  
— Qual a sua idade aproximada?  
— Não tenho 30... Sei que aparento menos idade da que realmente tenho - quase uma menina! Franzina, mas sei lidar com cordas e com redes... Ai! A jangada, a jangada...  
— Nada lhe acontecerá. Fale...  
— A jangada se desfez... Tento nadar, no entanto as ondas, as ondas...  
— ...estão bravias demais!  
— Um pedaço de madeira bate na minha cabeça... Socorro!  
— Acalme-se! Nada lhe sucederá... É importante, Alice, que você saiba de você!  
— Alice?! Eu não me chamo Alice... O meu nome é... Maria do Rosário! Estou perdendo as forças e afundando, afundando... Não escuto mais nada, a não ser a pressão das águas em meus ouvidos.  
— Nenhuma dor?  
— Não, nenhuma! Estou com sono, muito sono...  
— Não adormeça ainda! - pedi-lhe.  
— O vaivém das ondas do mar, agora calmo, me embala... A tempestade se foi. Que houve? Será isto morrer?...

— Apenas e tão-somente isto, Alice. Repare: o seu corpo está imóvel...

— Ao sabor das ondas, sobre as quais flutua de bruços...

— ...mas o seu pensamento, que é o seu verdadeiro "eu" permanece ativo!

— Sim, embora esteja com muito sono. Quem me resgatará? É uma região de tubarões...

— A você, coisa alguma eles poderão fazer.

— Meu Deus, eu não quero mais me ver! Estou deformada e... tão depressa! Quantas horas são? Não tenho a menor noção de tempo... Esperem! Esperem: estou saindo... Uma "pessoa" exatamente igual a mim...

— Igual a Maria do Rosário...

— ...está saindo, pairando sobre as águas! Olho com desdém o que ficou, ou seja, aquele corpo que não sou eu... Para onde vou, meu Deus?! Para onde vou?!

— Tranquilize-se, minha filha! - solicitei.  
— Respire com tranquilidade, tenha calma. Estamos aqui, com você.

— Eu vejo que sou eu, no entanto... ela não sabe.

— Maria do Rosário não sabe?

— Não! Não sabe. Ela está perdida, desorientada...

— Percebe alguém mais?

— Não, ninguém; apenas o mar, aquele corpo boiando, depois de ter afundado, e ela, que sou eu! Que é isto, afinal? Estarei viva ou morta? Para onde vou? Subo... Para onde vou? Tenho a impressão de que, de que...

— Fale, Alice, fale!

— ...é outro oceano, exatamente igual, porém de águas mais azuis e mais calmas. As ondas me empurram para a praia, e eu me deixo levar. Que sensação estranha!... Aquilo que era meu corpo desapareceu! As ondas como que, gentilmente, me depositam na areia... Ah!, que sono invencível!... Vou dormir!...

A paciente, tombando a cabeça para o lado oposto onde eu me posicionara, começa a ressonar. Por instantes, confesso-lhes, sinto-me sem ação para o próximo passo. Ela regredira a uma vida anterior - o que não era, exatamente, o objeto de meus estudos.

Erguendo a mão, Modesta recomendou-me esperar um pouco. 10 minutos se passaram, e Alice, devagar, foi refletindo serenidade no semblante, com a pulsação voltando à normalidade.

Quando quis intervir, a companheira pediu-me mais 10 minutos, o que considerei razoável.

— Deixemo-la, Inácio, descansar mais - sussurrou, como se estivesse intuindo o que haveria de acontecer.

Ao fim de exatos 20 minutos, a paciente, dando sinais de despertar, começou a bocejar e, então, Modesta concordou com a retomada do diálogo que fora interrompido.

— Alice! Alice! - chamei-a, enquanto, auxiliado por Manoel Roberto, voltava a magnetizá-la. Converse comigo... Sente-se mais segura? Onde você está? Pode descrever a paisagem?

— Estou... melhor. Quanto tempo se passou?

— Você não sabe?

— Não! Não sei... Talvez uns 20 anos!

— Que é que você estava fazendo?

— Dormindo e, por vezes... sonhando.

— Sonhando com quê? - perguntei, intrigado.

— Com a praia, com o Sol, com o mar... Sonho ou realidade? Não sei. Parecia tão nítido!...

— **N**ão via e não conversava com ninguém? - indaguei, procurando obter informações mais precisas.

— Ouvia vozes...

— Que é que elas lhe diziam?

— Não me lembro... Eu as esquecia quase de imediato.

— Alice - enfatizei -, você, na personalidade de Maria do Rosário, a jangadeira, que animou na vida anterior, estava no Mundo Espiritual.

— Mundo Espiritual?... Acho que não, pois não era Céu, nem era Inferno... Não sofria, nem era feliz; apenas existia...

— Observou a existência de casas, construções?

— Sonhei com várias casinhas à beira da praia - moradas de pescadores... Eu entrava e saía de muitas delas.

— Tinha sede e fome?

— As vezes...

— Comia e bebia...

— Às vezes!

— Como?

— Não sei dizer; as vezes, eu apenas cheirava...

(Segundo o Dr. Núbor Facure, na obra já citada anteriormente, "O Cérebro e a Mente", "*o réptil que se arrasta no chão ou o mamífero que especula com as narinas privilegia o olfato na identificação do alimento...*" Alice se revelava um espírito - digamos - de evolução um tanto tardia, com reduzida capacidade de natureza intelectual.)

— E se satisfazia?

— Sim; aliás, eu nunca fui de comer muito, mesmo porque o alimento me era escasso...

— Você se situava acima ou abaixo das nuvens?

— Abaixo, quase rente ao chão, todavia planava...

— Lembra-se mais de alguma coisa marcante?

— Houve um dia em que me senti mais fortemente atraída...

— Atraída?...

— Ah!, eu iria renascer! Fiz o caminho de volta... Senti-me pequenina, quase do tamanho de um grão de areia. Fui caindo, caindo... Um bem-estar indizível tomou conta de mim. Um berço líquido!

Olhei significativamente para Modesta e Manoel Roberto, compreendendo que a paciente se referia às condições intrauterinas.

— Que bom! Estou feliz!... Vou ser menina outra vez! Terei mamãe e papai...

— Você reencarnou?

— Renasci... Voltei no tempo e... me adiantei a ele.

— Como assim?

— Não sei explicar. Ah! Que acontegan-  
te! Como Deus é Bom!

— Você escolheu?

— Escolheram para mim.

— Quem escolheu?

— As mãos que me conduziram.

— E depois?

— Não sou mais Maria do Rosário - quer dizer: sou e não sou! Os meus cabelos negros e crespos agora são aloirados e longos... Chamo-me Alice! Gosto do nome...

Não convinha que a paciente permaneces-  
se sob hipnose por mais tempo.

Considerando que, naquela oportunidade, não me seriam possíveis maiores informações, dei início à operação que a subtrairia ao estado de transe, o qual durara uma hora e quinze minutos, aproximadamente.

— Alice, agora você despertará em paz, na mesma paz que está experimentando; acordará sem sobressaltos...Você nasceu, cresceu e... está aqui - de novo, está aqui, entre nós. A vida não cessa, minha filha! A morte é uma palavra inadequada para explicar fenômenos comuns. Não tenha medo!... Venha, venha caminhando em nossa direção. Abra os olhos, descerre-os lentamente, identificando o ambiente...

Com as pálpebras trêmulas e a pulsação um tanto acelerada, a paciente recobrou a lucidez, chamando-me pelo nome.

— Dr. Inácio! É o senhor?

— Sou eu, minha filha. Tranquelize-se! Estamos aqui: eu, Modesta e Manoel Roberto...

— Impressionante: eu viajei, Doutor! Que coisa! Nunca imaginei que fosse possível...

— Devagar, Alice! Devagar. Corra os olhos pela sala, respire pausadamente - sinta o seu corpo.

— Meu corpo? - perguntou com leve sorriso. — Minha forma atual - o senhor quer dizer.

— Que seja! - concordei, detectando efeitos benéficos para ela.

— Obrigada, Doutor! - disse, apertando-me a mão.

— De quê?...

— Algo aconteceu dentro de mim... Eu não vou esquecer, eu não posso esquecer. Ah! Que vida medíocre até então...

—A vida, minha filha, é sempre uma bênção!

— Eu sei - agora sei; expressei-me mal...

— A vida de um verme é um prodígio que ninguém consegue definir.

— Eu estava, vim, fui e...

— Tornou a vir!

— Ao Mundo?...

— Espiritual!...

— Tem certa lógica; um encadear incessante... No entanto, necessito de maiores evidências, Doutor. Quero estudar o assunto... O senhor me facultaria acesso a algum curso?

— Nossa Modesta cuidará disso.

— A experiência lhe foi útil? - questionou, enquanto Manoel lhe oferecia uma chávena de chá fumegante.

— Em parte, sim; confirmou-me certas teorias...

— Mas você precisa repousar.

— Maria do Rosário... Este nome não me sai da cabeça. Eu o pronunciei? Desde criança, minha mãe me fez devota de Nossa Senhora do Rosário...

— Filha, com o respeito que as suas convicções me merecem, em nossas múltiplas incursões no corpo de matéria densa, já animamos inúmeras personagens - vivemos em épocas diversas, pertencendo às mais diferentes raças, identificando-nos através dos variados nomes que recebemos... Maria do Rosário, Alice, Inácio, como eu, Manoel Roberto ou Modesta, como os nossos amigos, não passam de rótulos para a quase sempre mesma embalagem, segundo a individualidade de cada um; todavia, enquanto o conteúdo não mudar...

— Convém, minha irmã, que você descanse agora, não é? - interveio Modesta.

— A senhora tem razão. Estou bem; sinto-me melhor do que sempre me senti, mas preciso recuperar energias.

— Até que volte a adormecer, far-lhe-ei companhia, pois o Dr. Inácio e o Manoel precisam se retirar.

Diminuindo um pouco mais a intensidade da luz na sala que, igualmente, lhe servia de aposento, o bom colaborador acionou pequeno botão, e suave música ambiente se fez ouvir, convidativa ao sono repousante.

Sáímos e, notando-me calado, o companheiro tomou a iniciativa da conversa.

— Desculpe-me, Doutor, se o interrompo em suas reflexões...

— Elas não me conduziriam a parte alguma; não tem importância... Fique à vontade.

— O que o senhor achou? Acrescentou subsídios?...

— Em tese, salvo averiguações futuras, a conclusão a que cheguei é a seguinte: o grau de lucidez do espírito nas Dimensões Espirituais depende de seu estado de conscientização na Terra; em outras palavras: a interpretação da realidade externa que vivência, com menor ou maior intensidade, em qualquer quadrante do Universo, diz respeito à vida mental da criatura. Lamento, mas ao que parece, não estamos mentalmente preparados para uma estada mais longa nas regiões etéreas - o mundo físico é o nosso *habitat!* Quem não tem cérebro para a vida no corpo, não o terá para a vida diferente fora dele.

— Complicado...

— Questão pertinente à formação do ser! Como os meus pais costumavam dizer, "questão de berço"...

— De educação, enfim?

— De educação integral, profunda em todos os seus aspectos. Nada de intelectualismos de superfície ou de moralidade aparente.

— Doutor, traduza...

— Manoel, o pássaro faz seu ninho na árvore enraizada no solo, na depressão rochosa, às vezes rente ao próprio chão... Feito para voar, ele nasce e se desenvolve na Terra! O espaço é o seu *habitat* natural; de quando em quando, porém, ele precisa pensar, procurar alimento, fortalecer as asas... Espiritualmente, ainda somos pássaros, digamos, na chocadeira... O Orbe Físico é a nossa chocadeira, entendeu? No intervalo entre uma encarnação e outra, voamos um pouquinho, mas logo - filhotes quase implumes -, com receio da amplidão, voltamos para o ninho.

— Estou me sentindo dentro da casca de um ovo - um embrião de passarinho!

— Ainda se fosse de uma águia... Mas não: é de pardal!

— Doutor, ao mesmo tempo em que o senhor nos leva à altura, puxa-nos para baixo...

— Para que não tenham crise de vertigem... Não reclame! Você está preparado para viver com os anjos ou como os anjos?

— É claro que não!

— Então, cogite da angelitude, sem, no entanto, perder a sua humanidade.

**Q**uando cheguei ao meu gabinete, confesso-lhes que me sentia desgastado: o dispêndio de energias para induzir Alice ao sono hipnótico e a concentração no intuito de obter as possíveis informações haviam sido grandes. Precisava refazer-me, repousando por alguns minutos. Antes, porém, deparei-me com a correspondência sobre a mesa e, dentre as cartas que me chegavam às mãos, de missivistas de todos os lugares, do Além e da própria Terra, uma me chamou a atenção em especial.

— *"Dr. Inácio - escrevia o remetente — somos colegas e me identifico com toda a sua obra. Tenho aprendido muito com o senhor e quero cumprimentá-lo pela coragem...*

*Creio, no entanto, que cada capítulo de seus livros merece maior desdobramento ou, por outras palavras, mais amplo detalhamento, a fim de que os assuntos considerados polêmicos melhor se esclareçam. Seria isto possível? A velocidade das informações nos deixa um tanto atônitos, e receio que não estejamos preparados para recebê-las. Daí, as controvérsias e incompreensões que o seu importante trabalho tem originado. Qual a sua opinião a respeito? Estimaria ouvi-lo. "*

O médico encarnado tecia outras considerações elogiosas que prefiro omitir.

Embora cansado, resolvi, pegando papel e caneta, responder de imediato, aproveitando as ideias que se me faziam claras.

— *"Caro colega - comecei a redigir - agradeço suas palavras de incentivo e o respeito pelo insignificante trabalho deste seu irmão. Não! Não considero que esteja fazendo algo, além de cumprir com o meu próprio dever. Você tem razão, quando se refere à necessidade de maior detalhamento de certos assuntos... Sinto-me, no entanto, inabilitado para fazê-lo, junto ao companheiro que me serve de intér-*

*prete às considerações. Quem sabe, daqui a pouco, há de aparecer alguém que, na condição de médium ou não, se disponha ao tentame, concorda? Em mim e no amigo de que me sirvo mediunicamente, sobram apenas boa vontade e o imenso desejo de sermos úteis à Causa que abraçamos. A Doutrina é dos espíritos, desencarnados e... encarnados. Quem sabe, você mesmo, reunindo melhores condições que as de que dispomos no momento, possa algo escrever, dando a este ou àquele o embasamento científico e, conseqüentemente, lógico que muitos estão a esperar? A mediunidade vem se sutalizando de tal maneira, que, para se considerar médium, ninguém carece de exercê-la ostensivamente. As duas Humanidades, a física e a extrafísica, estão a cada vez mais estreitamente entrosadas - trata-se de um processo irreversível, que nem mais uma nova Santa Inquisição, com o número de fogueiras acesas elevado à 100.<sup>a</sup> potência, conseguirá reverter. O espírito, definitivamente, tem-se emancipado de fanatismos e preconceitos, e a verdade é que o Espiritismo se encontra hoje espalhado por toda parte do mundo.*

*"Tenho procurado transmitir-lhes apenas o que constato, sem que, na maioria das vezes,*

*repito, disponha de recursos para o desenvolvimento de teses, tão a gosto das mentes perquiridoras. O nosso esforço humilde é o do semeador anônimo que lança a semente ao solo, na expectativa de seu desabrochar. Se estivermos logrando fazer com que os que nos lêem meditem sobre as realidades da Vida Espiritual, as quais mesmo nós, os desencarnados, pouco conhecemos, nos daremos por satisfeitos. Quando passo do singular para o plural, deixo implícito que, ao contrário do que muita gente pensa, não estou agindo à revelia de companheiros mais experientes, que, neste Outro Lado, estimo escutar em suas ponderações. Nunca fui tão irresponsável ou leviano assim, a ponto de, sobre assuntos tão sérios e complexos, pensar apenas pela minha própria cabeça.*

*"Quanto a estarem ou não os homens preparados, ou seja, os espíritas, aos quais mais particularmente nos dirigimos, tenho a dizer-lhe o seguinte: se não estivéssemos prontos ou receptivos à luz que do Alto se projeta em nossos ensombreados caminhos, mesmo com ela esplendendo à nossa volta, não conseguiríamos divisá-la. A Doutrina, dentro de seu natural dinamismo, carece de acompanhar*

*o avanço da Ciência. É claro que não nos cabe nada provar - o propósito da Terceira Revelação é o da Restauração do Evangelho! —; não obstante não podemos simplesmente nos omitir, deixando que tudo aconteça através do labor de terceiros, de estudiosos e pesquisadores que não tenham o nosso comprometimento doutrinário. Onde os novos Crookes, Bozzano, Aksakof, Flammarion, Hernâni Guimarães Andrade e tantos outros, que se notabilizaram pelos seus estudos e publicações em favor da tese imortalista? A ciência espírita não deve ser relegada apenas e tão-somente aos que vivem fora do corpo, como se a Revelação se restringisse à capacidade dos desencarnados. Todos somos chamados à liça, e os espíritas verdadeiramente comprometidos com a Causa não devem se acomodar, na expectativa do que a mediunidade possa lhes oferecer. Em síntese: **a responsabilidade pelo progresso do Espiritismo na Terra nos cabe em partilha!***

*"Agora, antes de encerrar, desejo tocar num ponto fundamental. Por mais nos fascinemos pelas informações a respeito da vida noutras Dimensões, não olvidemos que o nosso compromisso primeiro deve ser com a da renovação íntima! De nada nos va-*

*le saber, sem aplicação do que sabemos à própria existência. No testemunho da fé, a exemplificação é mais importante para o despertar das consciências adormecidas que a teorização brilhante e irrefutável de seus postulados. No Brasil - principalmente no Brasil -, a Doutrina carece de continuar como fiel guardião dos princípios evangélicos! O Espiritismo, ou o Novo Espiritualismo, conforme dissemos, está em toda parte, porém dissociado de Jesus Cristo, o que, convenhamos, lhe haverá de ser irreparável equívoco, pois, assim, o que conseguirá será a reedição de antigas filosofias que sempre pregaram a Imortalidade e a Reencarnação.*

*"Espero que a minha resposta à sua gentil missiva, esteja à altura de seus questionamentos. Não se deixe impressionar pelo meu título acadêmico ou pela minha longa vivência no campo da Psiquiatria. Abdico do pouco que sei, pelo muito que preciso aprender a amar.*

*"Você ainda, na carta que me endereça, pergunta sobre o estilo que adoto -pelo meu "ousado estilo", segundo as suas próprias palavras - indagando se se trata de uma técnica de provocar, etecétera e tal. Não, eu não sou de fazer tipo; eu sou assim mesmo*

*e - reconheço - às vezes passo da medida... Nunca tive, porém, a intenção de ofender — tanto é que permaneço de consciência tranquila. O meu intuito sincero é o de auxiliar. Lamento que pessoas me interpretem mal, todavia, quanto à isto, nada posso fazer. Se eu fosse diferente, não seria eu! É claro que, um dia, pretendo mudar... para melhor. Até lá, porém, vocês terão que me aguentar, como os tenho aguentado; e, cá entre nós, aguentar espírita não é fácil... Ô turminha custosa, os irmãos que o Senhor nos deu! Exigente, moralista, presunçosa... Bem, vou deixar que você complete a lista por mim, o que, tenho certeza, não lhe será difícil, com base no excelente conhecimento que todos possuímos a respeito de nós mesmos.*

*"Um abraço do amigo que devota particular estima..."*

Assinei, envelopei, coleí e enderecei a carta, que, de uma forma ou de outra, competia a mim fazer chegar às mãos do destinatário.

Em seguida, tirando o surrado jaleco e os sapatos, deitei-me de cabeça e tudo na cama, cruzando as mãos sobre o tórax, procurando relaxar. A cabeça fervilhava de ideias novas, matutando como

haveria de encontrar meios para transmiti-las, via mediúcnica, aos irmãos na carne. Não percebi quando peguei no sono e, por prodígios que não sei explicar, me vi fora do corpo, caminhando em lindo cenário da Natureza - árvores frondosas e estradas sinuosas, margeadas por flores, pássaros de plumagem nunca vista por mim cantando, no entardecer de um dia maravilhoso!... Súbito, suave foco de luz se aproxima, movimentando-se em pleno espaço.

— Que será?... Quem será?... - perguntei mentalmente.

E aquela "luz que falava", para minha surpresa respondeu:

— Dr. Inácio, sou eu!

O timbre de voz inconfundível era o de Chico Xavier.

— Chico, é você? - indaguei, sentindo o coração aos saltos.

— Sou eu mesmo, Doutor!

— Que é que você acha de tudo isto? - perguntei, deixando implícito em poucas palavras todos os anseios que me possuíam o espírito.

Compreendendo o propósito da indagação, ele me respondeu:

— Precisamos continuar...

— "Precisamos"?

— Sim, precisamos!

— Apesar dos pesares?

— Por Jesus, todo pesar é sempre alegria.

— Eu exagero ou excedo em algum ponto?

— Não!

Ante o magnífico ponto luminoso que começava a subir, exclamei, como se quisesse retê-lo:

— Chico!

— Meu filho, não esmoreça!... Enquanto você agir com o coração, estaremos juntos!

Movimentando-se em aceno de adeus, a "luz que falava" ascendeu na atmosfera, perdendo-se no firmamento azulado da tarde que se transfigurava em noite.

Aos meus ouvidos, ficaram soando aquelas palavras definitivas:

— *"Enquanto você agir com o coração..."*

**Sim, era preciso, sobretudo, amar - fazer as coisas com amor e por amor a Jesus!** As palavras de Chico me davam a certeza de que, enquanto o amor me inspirasse na tarefa, eu poderia ser útil, e a Misericórdia Divina não me consentiria resvalar nas próprias imperfeições.

# 33

— **C**omo vai passando? -  
perguntei ao paciente  
recém-chegado da Terra.

— Quase do mesmo jeito - respondeu,  
abatido e ofegante, ainda mostrando as pernas  
edemaciadas. O senhor poderia me dizer onde es-  
tou? Aqui é o Hospital das Clínicas?

— Não é o hospital em que, por várias ve-  
zes, estive internado.

— O senhor não me é estranho? Tenho a  
impressão de que o conheço... Como se chama?

— Inácio.

— Inácio Ferreira?

— Até segunda ordem.

— Então... Estou *morto*?

— Que é que você acha, Luciano? - indaguei, chamando-o pelo nome.

— Eu estava péssimo: velho, cansado, doente e...

— O *e* é importante - redargui, incitando-o a falar.

— ...descrente, além de revoltado! Estava passando da hora...

— Um minuto a mais no corpo de carne é uma bênção indizível. Qual a razão de sua amargura?

— Sei lá!... Falta de humildade - prosseguiu, dispneico. Gênio terrível, o meu, reconheço; eu não me tolerava... Fracassei em quase tudo!

— Você era médium, não? Consta aqui de sua ficha...

— Fui... Larguei; não quis mais.

— Estudava a Doutrina?

— Pouco - muito pouco. Doutor, eu não sou muito bom da cabeça; sinto ímpetos quase incontrolláveis... Até a minha família me encostou. Era explosivo, difícil...

— O aprendizado é lento.

— Eu nem merecia estar aqui... A rigor, o meu lugar seria nas trevas.

— Deus é Misericordioso.

— Fui espírita, médium e...

— Não omita o *e* Luciano.

— ...vacilante na fé; incorporava os espíritos e não acreditava neles - queria acreditar, mas não conseguia...

— Eu o conheci, no Sanatório.

— Fiquei *internado* lá por mais de 50 anos... Doutor, qual a minha doença? Nem eu me suporto... Que é que há de ser de mim?

— Primeiro, precisamos reverter o quadro; trataremos dos efeitos e da causa... Existe diferença entre dor e sofrimento. Podemos minimizar-lhe a dor, porém deixar de sofrer é mais com você mesmo; ou seja, no combate à causa, você terá que nos ajudar...

— O sofrimento não é proporcional à dor?

— Nem sempre; há gente que extrapola, fazendo a dor ficar maior do que realmente é...

— Eu achava que o Espiritismo fosse resolver tudo na minha vida. O senhor imagina: quando fiquei velho e incapaz, a mulher me mandou embora - colocou-me num táxi e endereçou-me a um asilo...

— Estou lendo aqui em seu histórico... Pelo menos, Luciano, você não foi para a rua; não me consta que você tenha desencarnado à míngua...

— Quase!

— Faltava-lhe comida, remédio, cama limpa, roupa passada e lavada?

— Faltava-me afeto...

— Isto era mais com você... Plantou para colher?

O paciente, começando a chorar, não respondeu.

— Tenha calma; a lição lhe foi dura, mas necessária... Tenho certeza de que, doravante, começará a mudar.

— Será que sou louco? - perguntou, controlando-se.

— Todos, sem exceção, temos um certo grau de insanidade; a loucura é patologia do espírito...

— Se eu soubesse...

— Soubesse?!

— ...que tudo é verdade, conforme a Doutrina diz.

— Você sabia...

— Não, acho que não; se realmente soubesse, eu teria mudado... A minha crença era de superfície. O Evangelho não entranhou em mim; eu fui um espírita sem Evangelho...

— O que você está dizendo é importante.

— Tentei, tentei, mas não dei conta de ser bom... Desisti de lutar comigo mesmo; espiritualmente, eu me entreguei...

— De qualquer modo, pelo menos, você sabe que está *morto*... Milhões ignoram isto!

/

— É claro que *morri!* Eu estava péssimo: coração inchado, rins não funcionando direito, diabético e...

— Conclua, Luciano.

— ...sei que o senhor está *morto!* E evidente, com tal clareza de percepção, eu nunca fui; no máximo, enxergava vultos - nunca vi um espírito de corpo inteiro! Incorporava e tudo mais, todavia, no fundo...

— Acreditava tratar-se de alucinação?

— É por aí... Que oportunidade perdida, meu Deus! O meu problema foi falta de humildade.

— Foi?...

— Continua sendo, não é? Eu tinha uma certa arrogância, Doutor, ou melhor, tenho... O que fazer para corrigir-me? Da minha falta de humildade decorria tudo: revolta, violência, grosseria... Falava o que não devia, me arrependia, mas, em seguida, tornava a falar. Afastei todo o mundo de mim... Até os velhos do asilo me evitavam a presença.

— Continue - incentivei-o, enquanto lhe verificava a pulsação e as pálpebras descoradas.

— Ah! Eu tenho vontade de desistir de tudo...

— Impossível.

— Condenados a viver para a eternidade! Agora compreendo por que *tem* espírito que se cristaliza no mal...

— É pura perda de tempo; ninguém se oporá às Leis Divinas eternamente... A nossa natureza não é má!

— Concordo, no entanto, como é difícil!...

— Seja mais claro - solicitei.

— Difícil, Doutor, ser bom! O senhor não acha?

— Acho.

— Então!...

— É que estamos mais próximos de nossa animalidade; ainda ontem, Luciano, éramos antropófagos... Deixamos de comer carne humana, passamos a comer carne animal. Progredimos. Em mais alguns séculos, seremos vegetarianos.

— Eu preciso ser mais humilde...

— "Mais humilde"? - frisei, intencionalmente.

— Um pouco do que nada sou.

— O nosso reerguimento começa com a admissão da queda. Quem não se admite no chão, dele não se levanta um centímetro sequer!

— Quero remédio para a cabeça, Doutor!

— Assim que você puder, vou lhe dar uma vassoura...

— Vassoura?!

— É assim que começa, Luciano. Humildade é conquista de quem serve em silêncio.

— Sem nenhuma queixa, nem quando fomos abusados?

— De preferência; aliás, sem que seja humilhado, ninguém consegue ser humilde...

— Tem que engolir sapos?

— Sapos, cobras, lagartos, escorpiões, aranhas...

— Como faz falta alguém como o senhor conversar com a gente. O senhor é sincero...

— Mas não sou santo! De quando em quando, exorcizo os meus demônios e...

— Doutor, *o e é* importante - disse-me, revelando bom humor.

— ...é cada demônio criado! O bicho já sai de tridente e tudo, pronto para atazanar!

— Não acredito, não; o senhor me parece tão calmo...

— Faço uma força danada; vivo de vassoura nas mãos... E acredite: deparo-me com cada sujeira!...

— O senhor escreve para o mundo, não escreve? Lembro-me de ter visto alguns livros seus, lá no asilo.

— Luciano, eu detesto a palavra *asilo*.

— É lar...

— Pois então, meu filho. *Asilo é* coisa de política... Se se trata de instituição espírita, é lar! Rabisco,

sim, para o mundo, nas horas vagas, minhas e dos médiuns de que me sirvo; garatujo alguma coisa...

— E...

— Luciano, *oeé* essencial.

— ...sai tudo direitinho?

— Vou lhe dizer uma coisa que nunca disse a ninguém: sai melhor do que eu posso! Conto, para tanto, com o auxílio de muita gente. *Morri* e, como escritor, melhorei.

Enquanto o paciente assimilava a resposta, considerei.

— Preciso ir. Você permanecerá acamado durante mais um tempo. Deseja ler alguma coisa? Antes da vassoura, um livro está indicado.

— "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Doutor. Quem sabe, agora, eu consiga lê-lo com outros olhos e...

— E...?

— ...e outro coração! - exclamou, enxugando lágrimas que lhe escorreram nas faces.

— Pedirei que alguém lhe traga um exemplar.

— Quando poderei, pelo menos, caminhar?

— A sua cabeça e o seu coração é que irão dizer.

— Não me deixe recair!...

— Cuide-se, porque eu não posso com o seu peso!

# 34

**A** minha preocupação naquela manhã era com Alice e, assim que pude, apressei-me em visitá-la em seus aposentos.

— Como vai, minha filha? - cumprimentei-a, confesso, um tanto preocupado.

Com expressivo brilho no olhar, ela respondeu-me, tranquila.

— Nunca me senti tão bem; tenho a impressão de que alguma coisa, que não sei definir, aconteceu comigo, em meu cérebro, com os meus pensamentos... Sinto-me, Doutor, mais madura e de espírito integrado na realidade. Dormi profundamente e acordei com ótima disposição. O tratamento a que fui submetida...

— A sessão de hipnose...

— ...é surpreendente! - exclamou.

— Sempre que conduzida com critério, os resultados são positivos. Não deve, repito, ter indicação indiscriminada. Arriscamos com você - confiei no amparo do Alto e, pelo menos, vejo-a, de fato, como jamais a vi, desde que chegou. Estou aliviado, mas, sinceramente, não pretendo repetir a experiência.

— Doutor, diga-me: os seus objetivos foram colimados?

— No que tange às suas melhoras, o êxito é notável: se não soubesse que você é você, imaginaria estar conversando com outra pessoa! Pode não crer na Reencarnação, mas você... renasceu. Até a sua voz me soa diferente aos ouvidos...

— E quanto ao que, especificamente, queria descobrir? - insistiu.

— Necessito estudar um tanto mais, no entanto certos pontos ficaram claros para mim, como, por exemplo: poucos de nós, espíritos ainda ligados à evolução do Orbe Terrestre, estamos preparados para a compreensão da realidade inteira da Vida.

—A "realidade inteira"? Não compreendo...

— A mente é única, todavia o que registramos com o cérebro perispiritual não se fixa, com facilidade, no cérebro físico, e vice-versa. Tudo, é evidente, se arquiva - experiência alguma se anula -, mas, enquanto não desenvolvermos os centros da memória...

— E uma pena que eu não possa ajudá-lo, Doutor! - falou, pesarosa.

— Não se preocupe. Tudo é providencial. Eu é que sou mesmo apressado...

— Quero lhe pedir desculpas.

— Armim?! Ora, Alice!...

— Se lhe faltei com o respeito, o senhor me perdoe.

— Que é isso, minha filha!?

— Eu sei que já lhe dirigi palavras insinuantes...

— A culpa não é sua, nem minha: é do meu charme!

Sorrimos e, percebendo que Alice principiava a trilhar novo caminho, despedi-me, alegando outros afazeres para aquele resto de manhã.

Logo que atravesssei amplo corredor, deparei-me com a figura sempre alegre de Odilon Fernandes, que, daquela vez, se fazia acompanhar por Paulino Garcia.

— A sua presença, Odilon, nesta casa, não desconsiderando os demais, é óbvio, é semelhante à luz ansiosamente aguardada por quem vive nas sombras!

— Sempre se superando nos exageros, Doutor!...

— Se não acredita, o problema é seu e nada posso fazer, não é, Paulino?

— É claro! - concordou o inteligente pupilo.

— Venham para o escritório ou, antes, desejam comer algo? O almoço será servido em minutos: suco de cenoura com abóbora, um bife de pétalas de rosas - tudo sem o menor tempero! Ah! De sobremesa, chá verde - sem nenhum açúcar ou adoçante artificial! Também, quem mandou desencarnar... Aproveitem o cardápio, que, no dia de hoje, é especial; nos outros dias da semana, estamos treinando a turma a só se alimentar dos elementos atmosféricos... A chiadeira é geral, mormente por parte dos recém-chegados. Explico a eles que um bom pedaço de carne é energia concentrada, mas não adianta. O que reclamam é uma coisa pavorosa.

— Lá no "Liceu", Doutor - falou Paulino -, comida é só uma vez por mês...

— Não faça uma revelação dessas, meu filho, que ninguém há de querer ir para lá! Odilon, você quer desenvolver a mediunidade desse povo à custa de jejum? Uma vez por mês?!

— Um prato de "caldo reconfortante" que, na verdade, ninguém sabe de que é feito...

— Garanto que é *fluido* - vocês estão comendo *fluido*! A receita deve ser uma receita de

nada com coisa alguma... Eu conheço o Odilon: ele está tratando vocês a ectoplasma!

Paulino e Odilon sorriram e, por decisão unânime, fomos para o meu gabinete ou consultório, que também é meu dormitório, nem sei que mais.

— Odilon - disse, retomando a seriedade, enquanto os amigos se acomodavam -, ontem, realizei uma experiência com uma de nossas pacientes, submetendo-a à regressão através da hipnose. Os resultados terapêuticos foram consideráveis, todavia, no que tange a uma de minhas atuais preocupações...

— A falta de lembrança do espírito, que vai ou vem da Terra, de seu estágio no Mundo Espiritual.

— Exatamente. Alice se recordou de uma existência anterior quando, então, se chamava Maria do Rosário; mas, nada registrou de substancial nos intervalos de uma encarnação a outra - há um branco em sua cabeça! Ultimamente, nenhum outro assunto me intriga tanto, como você sabe.

— Doutor - ponderou o Mentor -, as razões são aquelas com as quais o senhor já atinou. Daqui para a frente, se tudo continuar como imaginamos...

— Nem pense o contrário, Odilon!

— Se a Humanidade não se envolver numa guerra que também nos afetará, os traços de reminiscências de vidas pregressas hão de se tor-

nar cada vez mais evidentes - muitos, inclusive, se lembrarão de sua estada nas Dimensões Espirituais, descrevendo, espontaneamente, tais experiências. O conhecimento do Espiritismo concorrerá para isso... E importante desencarnar e reencarnar com conhecimento de causa. O homem tem chegado a uma situação deplorável à Vida Espiritual, e isto há séculos e séculos, em que a essência do ser vem sendo relegada a plano secundário, na exaltação dos valores materialistas. Que se há de fazer? O cérebro carece de estímulos para se desenvolver... A criatura que não cogita da própria espiritualidade, tranca-se voluntariamente em um quarto escuro. A luz interior não se acende de fora para dentro! E preciso deixar o espírito se expandir... Doutor, neste Outro Lado, como na própria Terra, os que dormem estão alienados; raros com alguma consciência de si mesmos!... Tomemos a nós por medida: antes do conhecimento espírita, como supúnhamos a Vida? Se o Espiritismo não nos tivesse acordado, onde estaríamos? A mente é um órgão programável! Vivemos conforme pensamos, e o que pensamos é o que enxergamos - nada mais, nada menos. Por este motivo, desencarnados e encarnados precisamos trabalhar integrados: escolas do Além na Terra, a se continuarem no aprendizado incessante! Poucos, infelizmente, são aqueles adeptos da Dou-

trina que lhe compreendem a finalidade eminentemente educadora. Àreas imensas de nosso cérebro perispiritual jazem inexploradas; por assim dizer, os lobos frontais, que, além de sua atividade motora, estão ligados à aquisição de memórias, armazenando vivências, necessitam ser "colonizados", o que, Doutor, ainda nos custará indefinido número de encarnações...

Emendando um raciocínio no outro, Odilon prosseguiu quase sem pausa:

— É nossa função conclamar o espírito a mais altas noções de vida eterna, para que, gradativamente, as *sinapses espirituais* se lhe ramifiquem na mente e o seu cérebro, por fim, se lhe integralize na plenitude do ser. Conforme sabemos, a Evolução não dá saltos - pode ser apressada, mas não induzida a pular etapas! O Espiritismo, na revivescência do Evangelho, norteia a criatura com segurança nas sendas evolutivas, fazendo-o avançar no campo moral. A inteligência sem a bondade é o gênio do mal. A perversão intelectual é o obstáculo mais difícil para o espírito que deve iluminar-se. Ativar no homem encarnado a memória do Bem é tarefa que necessitamos executar em regime de urgência. O homem, inclusive, anda esquecido de que é filho de Deus! Não há lapso mnemónico mais comprometedor de sua felicidade...

— Você tem razão, Odilon - observei ante o bom senso do companheiro -; de fato, o esquecimento de sua origem divina é um desastre para o espírito...

— O que é, Doutor, a lembrança de uma ou mais existências na carne? De que nos vale saber o que fomos e o que fizemos ontem, se relegamos a bendita oportunidade do hoje a plano secundário? Enquanto repisarmos experiências equivocadas, o futuro melhor não existirá para nós. O tempo que só avança por fora não nos conduz ao porvir! Quantos enfermos são tratados pelo senhor, que, no aspecto mental, estão vivendo como viviam há séculos? Em muitos, a inadaptação ao binômio espaço-tempo é tamanha, que deverão ser situados a outras esferas, compatíveis com a sua realidade interior. Compreendendo o seu esforço, válido em todos os sentidos, todavia o que o homem precisa mesmo é se identificar, em profundidade, com a Paternidade Divina. O resto, conforme costuma dizer, será sempre o resto, mero detalhe que haverá de chegar por consequência.

— Falou e disse, bem como me deixou sem argumentos! - exclamei.

— Mas, Doutor, vimos convidá-lo, eu e Paulino, para uma visita a um Instituto de Reencarnação, dos mais modernos e mais bem equipados que já conheci. Gostaria de ir conosco?

## 35

— **É** claro que sim! - respondi com entusiasmo.  
— Será uma visita breve. para nossa elucidação e - quem sabe? - de nossos irmãos na Terra. A técnica da reencarnação se apura a cada dia e...

— ...convém mesmo, Odilon, que os nossos confrades, ante as novas conquistas da Ciência, saibam disso. Muitos questionamentos me têm sido endereçados a respeito. Há muita gente que pensa que as coisas não evoluem no Lado de Cá.

— Exatamente.

— Permita-me, no entanto - solicitei -, retomar o assunto anterior, pois, para mim, você tocou num ponto fundamental. Ainda estou sob o impacto das reflexões que me foram ensejadas. É

verdade... O homem bebe e come, na Terra e no Além, às expensas de um Poder que ignora!

— Tem moradia, implementos físicos e sensoriais de manifestação, ou seja, corpo adequado ao meio em que vive, respira o ar das minas de oxigênio que se formam na atmosfera, adormece cansado e acorda com as energias refeitas, sem se perguntar o que lhe sucedeu durante o sono e...

— ...mesmo assim, não se lembra de agradecer ao Divino Provedor da Vida!

— As evidências da existência de Deus saltam-lhe aos olhos, em tudo quanto o rodeia, e o que ele sabe fazer é tão-somente questionar e exigir mais provas. Ora, a criatura que nega o Criador anula em si mesma toda capacidade de conjecturar. Se o grande rio cortasse o seu fio de ligação com o riacho que o alimenta e o riacho, por sua vez, rompesse o vínculo com a fonte que o sustenta, por certo ambos haveriam de perecer! Enquanto o homem vacilar em admitir a sua origem divina - toda a Criação se liga ao Criador por uma espécie de cordão umbilical -, ele permanecerá olvidando o que lhe é essencial à vida.

— A Terapia Regressiva? - indaguei, insistindo.

— Tem, sim, Doutor, a sua valia; não nos esqueçamos, porém, de que muitos interpretam a reen-

carnação pelo prisma do materialismo. **Quantos os que afirmam que o fenômeno da memória é molecular, pertinente ao cérebro, e não à mente?**

— Há pouco tempo, conversei com um paciente que me assombrou. Ele me disse que aceitava a tese da Reencarnação para os elementos que constituem o corpo - ele voltaria a encarnar, mas através dos átomos dissociados de seu corpo, que entrariam na constituição de outros organismos, minerais, vegetais e animais. — "Doutor - explicou-se com convicção -, está claro que nada desaparece; tudo continua a existir... As moléculas de que somos feitos se desagregam com a morte e, por um tempo, pairam no espaço, até que, de novo, se sintam atraídas para um novo corpo em formação. Parte de mim viverá, sim, num dos peixes do oceano, numa ave de rapina, no cristal em formação, na seiva que alimenta a árvore ou, até mesmo, num corpo humano - eis o que vocês chamam de Reencarnação!"

— Meu amigo - tentei argumentar -, concordo em que as células possuem memória de função, circunscrita às suas atividades no campo bioquímico da Vida, mas, não de inteligência e moral; a célula que, por exemplo, participa do universo celular de um irracional, a rigor não é a mesma que integra o organismo de um homem... Os princípios da Evolução também funcionam

para os seres microscópicos. Por este motivo, a Ciência não vem logrando êxito no campo dos transplantes, tentando adaptar órgãos de animais em corpos humanos - mais fácil é que órgãos artificiais, como globos oculares eletrônicos, membros mecânicos, rins fabricados e mesmo coração, venham, de futuro, a serem utilizados com sucesso. O elemento celular possui uma identidade que, às vezes, não lhe permite sequer transplantar-se para desempenhar as mesmas funções num outro organismo - é o chamado fenômeno da *rejeição*, que a Medicina vem tentando contornar com medicamentos e apoio psicológico ao receptor.

— E ele, que disse? - perguntou Paulino, interessado.

— Afirmou que o fenômeno de adaptação, ou de transição, é da Natureza. Em suma, não consegui demovê-lo de seus pensamentos. Chegou ao cúmulo de dizer que eu era reencarnacionista porque o meu cérebro se constituía de neurônios que, no passado, pertenceram a pessoas que acreditavam na Reencarnação conforme creio...

— Deus me livre! - exclamou o jovem companheiro.

— *Deus me livre*, digo eu. Vejamos a que ponto chega o sofisma das trevas! Para ele, a Reencarnação se reduz a uma lei biológica, e não espiritual.

— Pois é, Doutor, os irmãos que assim se sugestionam, quando desencarnam, sobrevivem de mente esquizoide, acometidos por patologias que, temporariamente, os induzem à perda da forma humana - transfiguram-se em ovóides! Se submetemos um deles à regressão hipnótica, simplesmente não terá do que se lembrar, como se tivesse perdido a individualidade. O caso é de grande complexidade e requer muito estudo.

— Melhor, Odilon, que visitemos o Instituto...

— O Instituto Reencarnacionista "Allan Kardec"!

— ...você não acha?

— Sim, vamos - concordou o Benfeitor.

Exercitando a faculdade de voitar, em breves instantes estávamos diante de lindo prédio de arrojadas linhas arquitetônicas, que, em seus três andares, ocupava uma quadra inteira. Imenso jardim, constituído das mais belas espécies de flores e de árvores-anãs, o circundava.

O *hall* de entrada, que se acompridava até quase à via pública, conduziu-nos a ampla e arejada sala de recepção, onde, ao adentrá-la, todos podiam ler em letras uniformes: "*Nascer, morrer, viver; renascer sempre e progredir sem cessar -tal é a Lei*".

Sem demora, o Dr. Rander e a Dra. Helena vieram ao nosso encontro, saudando-nos com alegria.

— Sejam bem-vindos! Estávamos a esperá-los. Para nós é uma grande honra, tê-los conosco - disse o médico ainda jovem.

— Temos acompanhado o trabalho de vocês, junto aos nossos irmãos na Crosta - salientou a simpática doutora.

— Venham! Vamos conversar um pouco, antes de visitarmos o Instituto. Não reparem, que estamos passando por pequena reforma, ampliando as dependências. O trabalho tem aumentado, consideravelmente.

— A cada dia - acrescentou a Dra. Helena, enquanto os seguíamos a confortável sala, com diversas mesas e cadeiras -, mais pessoas têm-se interessado pela Reencarnação Planejada.

— A senhora poderia detalhar? - solicitei, enquanto nos acomodávamos.

— Trate-me, Doutor, sem formalidades; afinal, pelo menos na aparência, sinto-me tão jovem quanto o senhor...

— Então - redargui -, igualmente não me chame de *senhor*; dê-me a ilusão de que possuo a sua juventude.

A Dra. Helena sorriu e explicou:

— Sim, entendemos por "Reencarnação Planejada" os espíritos que, conscientemente, optam pelo seu regresso ao corpo físico, delineando tarefas e atividades que lhes redundarão em maior aproveitamento.

— É evidente - aparteou o Dr. Rander -, que a lei do carma é soberana: a partir de sua ação é que o planejamento se faz, objetivando, principalmente, evitar-se novas complicações; os que reencarnam de maneira aleatória sujeitam-se a inúmeras circunstâncias adversas, em todos os aspectos.

— O Instituto, estudando, minuciosamente, o caso de cada um, propõe e discute com o interessado a melhor providência para que o futuro reencarnante não malbarate a oportunidade. O nosso esforço, reconhecemos, ainda é tímido, mas vem surtindo efeitos benéficos; muitos de nossos cadastrados vêm superando dificuldades nas quais esbarraram sistematicamente...

— O serviço é gratuito? - perguntei à médica.

— Inteiramente; vocês sabem: o espírito, para sobreviver, necessita cada vez menos. Possuímos diversos convênios com outras instituições e não nos faltam recursos.

— Quantos são os que trabalham diretamente?

— Entre médicos, biólogos, psicólogos e terapeutas diversos, que se revezam em dois turnos,

530, sem contarmos os integrantes das equipes de apoio no setor da religião, constituídas, é óbvio, em maioria, por adeptos do Espiritismo; ao todo, contamos com 1.300 servidores - respondeu o Dr. Rander.

— Existe muita procura? - insisti.

— Inclusive de membros de outras crenças: católicos, budistas... Já tivemos um que era adepto da Igreja Batista, porém, adepto da Reencarnação, vários livrepensadores, sem relacionarmos os que, à revelia, são encaminhados para cá.

— "A revelia"?! - perguntei, com ênfase.

— O Instituto, como qualquer hospital no gênero, possui um departamento voltado à assistência de pacientes mais graves, destituídos de discernimento. Com a anuência dos familiares, que nos dão permissão escrita para tanto, cuidamos deles também.

— Eu me recordo - falei - de que, no "Sanatório", antes da internação de alguns necessitados de tratamento, solicitávamos da família ou dos responsáveis uma autorização por escrito.

— Lidar com o destino alheio é de alta complexidade! - exclamou a Dra. Helena, corroborando a assertiva do colega.

— Esses pacientes destituídos de discernimento... - interessou-se Paulino, pedindo mais amplos esclarecimentos.

— ...em maioria, são doentes mentais ou espíritos indisciplinados: vítimas de longos e insidiosos processos obsessivos, jovens que ainda não se curaram do vício das drogas, suicidas, *bons-vivants* que não desejam assumir compromissos mais sérios, acompanhando o ritmo evolutivo do grupo familiar...

— **B** *ons-vivants?* - questione-  
nei, admirado.

— É, Doutor, dezenas e centenas, para não dizermos milhares, que, há séculos, "não querem nada com a dureza"; espíritos amolentados no caráter, para os quais a reencarnação não tem funcionado a contento, no que tange às oportunidades de crescimento espiritual.

— Então, esse departamento, desculpe-me, deve estar entupido de gente!

— De fato, estamos em reforma por conta disso; nos últimos dois anos, principalmente, a procura quadruplicou... Temos uma longa lista de espera. A reencarnação aleatória, para os espíritos desinteressados da própria redenção, raramente funciona. É claro, nenhuma experiência é perdida, todavia...

— Eu sei como é, Doutora; aliás, estou pensando em firmarmos um convênio... Não seria interessante, Odilon? - indaguei do companheiro que não perdia a mania de ficar calado.

— Excelente, Doutor! - concordou. — Há uma afinidade muito grande entre o trabalho que vocês desenvolvem...

— Poderíamos encaminhar alguns pacientes para o senhor - gracejou o Dr. Rander.

— Não! Eu é que estou pensando em encaminhar pacientes para vocês - rebati, sério. O hospital não comporta mais ninguém; todos os dias, são levas e levas de espíritos chegando...

— Amplie, Doutor! Faça como nós.

— Rander, não temos mais terreno...

— Construa noutra lugar.

— Odilon, por favor, me socorra!... Ofereça o "Liceu"!

— Doutor, no "Liceu"...

— Eu sei: 10 médiuns ou candidatos a médiuns valem por 100 doentes! Como sempre, embora escapando pela tangente, você está certo. Mil vezes lidar com gente louca... Não está mais aqui quem se queixou.

— Dra. Helena - apartou Paulino -, a senhora...

— *Você* - corrigiu.

— ...você acha que a maioria das reencarnações em um orbe como a Terra, dá-se de maneira aleatória?

— Boa pergunta! Não, a rigor não, levando-se em consideração a escolha indireta, através de nossas atitudes. De Jesus Cristo para cá, ninguém pode pretexto ignorância das Leis Divinas; conhecemos o essencial, que é o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo... Existe espírito que vive fugindo do Evangelho, para não assumir responsabilidade! Agora, o que chamamos de *escolha direta* ou consciente é de reduzido número; pouquíssimos são os que avaliam as suas necessidades espirituais básicas, antes de cogitarem de nova encarnação - voltam ao planeta, pensando apenas e tão-somente em usufruir, tudo fazendo para se esquivarem à Lei de Ação e Reação.

— E logram o seu intento? - tornou o pupilo de Odilon.

— Sabemos que não, mas adiam, por tempo indefinido, o seu acerto de contas. Entram e saem do corpo, sem o menor senso de responsabilidade. Sofrem, no entanto, colocam o prazer acima da dor. Um exemplo: um jovem que se entrega ao vício, à vida marginal, não sofre? É evidente que sim. Quem poderá dizer que não? Um jovem criado sem pais, incerto quanto ao próprio

futuro, que não pode estudar, que, ainda criança, é corrompido... Que é que ele faz? Em vez de procurar trabalho digno, edificar um lar honesto, etc, afunda-se no prazer - consome mais drogas, bebe, pratica mais sexo, tatua o corpo inteiro, aliena-se nos sons estridentes de uma guitarra eletrônica e, assim, acaba encontrando a morte, que o transfere para estas paragens, sem em quase nada transformá-lo.

— Esses espíritos utilizam o prazer como anestésico?

— O intuito é de entorpecimento das faculdades. Contudo, não conseguirão impor-se ao curso progressivo da Vida, que abarca toda a Criação. O prazer superlativo acaba levando a dor ao seu ápice e, então, esmorecido, o espírito começa a experimentar as consequências de seus desmandos e excessos.

— Estamos, Paulino, como você não ignora - comentou Odilon, sempre esclarecedor -, nos ultimados preparativos para que o Orbe Terrestre seja guindado a melhores condições de vida para todos, no milênio que se inicia. Estamos, sim, esperançosos de que, dentro de mais duas ou três gerações, antigas mazelas humanas se minimizem, com os espíritos recalcitrantes se submetendo, por fim, aos inalienáveis valores da existência. Con-

venhamos em que, cada espírito que venha a se remover, voluntariamente, da nossa casa planetária, significará, para os que nela remanescerem, à época do anunciado exílio coletivo, fracasso parcial dos que se empenham na renovação daqueles que tutelam... Recordemos Jesus, nas anotações de Mateus, capítulo 18, versículos 12 e 13: *"Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura, a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram "*.

— O nosso caro Dr. Odilon Fernandes, fala com propriedade - acentuou o Dr. Rander. — Corta-nos o coração a situação de familiares e amigos que aqui conduzem entes que lhes são extremamente amados, oferecendo-se, com frequência, para reencarnações sacrificiosas junto a eles, com o propósito de auxiliá-los a se reerguerem moralmente; são avós, pais, irmãos, cônjuges - enfim, integrantes da parentela espiritual que, de certa maneira, se sentem responsáveis pelos equívocos que alguns membros do clã cometeram...

Enquanto o médico explanava, veio-me à mente o que o próprio evangelista Mateus registrou no capítulo 9, versículos de 10 a 13: *"E su-*

*cedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos. Ora, vendo isto os fariseus, perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com publicanos e pecadores? Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim, os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa:*

*Misericórdia quero, e não holocaustos;  
pois não vim chamar justos,  
e sim, pecadores [ao arrependimento]. "*

— Ainda há pouco - contou a Dra. Helena - atendemos uma irmã de hierarquia espiritual diferenciada, que seguirá ao Orbe, renascendo como filha de afeto querido do passado, que a conceberá na adolescência... A futura genitora está com 14 de idade, residindo na periferia de grande cidade, quase sem amparo da família consanguínea que a acolheu. Infelizmente, a carência moral e material, quando se conjugam, favorece a promiscuidade, e a menina vem sendo vítima de constantes abusos, de quem lhe explora a ingenuidade. Vejamos: antes que se engravide, favorecendo a reencarnação de um desafeto do pretérito ou de uma entidade indiferente ao seu destino, a irmã a que nos referimos deseja se antecipar, mesmo sabendo os perigos a que ela mesma estará exposta...

— Tentamos, inutilmente, demovê-la do projeto, argumentando que o risco há de ser muito grande - salientou o Dr. Rander.

— É óbvio que ela se manteve firme?

— Agradeceu-nos a preocupação e não tivemos mais como discutir, já que é possuidora de méritos para reivindicar o que pretende.

— Será uma criança linda nos braços de outra criança, espírito que, definitivamente, não lhe está à altura da nobreza de caráter e sentimentos - observou Helena, exclamando -: os homens, na Terra, desconhecem do que o verdadeiro amor é capaz!

— Reencarnará na favela? - inquiriu Paulino.

— Filha sem pai e, muitas vezes, sem pão, à mercê da Misericórdia Divina, que haverá de socorrê-la, para que ela socorra a filha que lhe será mãe - respondeu a Doutora com os olhos marejados. Quando confiamos em Deus, movimentamos, entre os homens, forças ignoradas que operam prodígios de natureza sublime.

— Conseguirá o seu intento? - indagou ainda o jovem amigo.

— No mínimo, evitará que o espírito pelo qual se sente responsável continue a se projetar ladeira da leviandade abaixo, concedendo-lhe

tempo para que algo assimile das virtudes que até hoje não assimilou. Embora a distância que os separa, sendo espíritos afins, existe, sem dúvida, chances de êxito no empreendimento, senão total, pelo menos parcial.

— O Evangelista Lucas escreveu no capítulo 15, versículo 7: *"...haverá maior júbilo no Céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento"*! - pontuou Odilon, que prosseguiu. — Não foi outro o propósito do Cristo ao vir até a nós: veio buscar o que andava perdido! O Céu, sem aqueles que amamos, não faz sentido. Muitos dos espíritos capelinos, dos que não foram exilados na Terra, se corporificaram, através dos séculos, em nosso Orbe de Provas e Expições, vindo ao encalço daqueles que o coração não esquece... É da Lei que o Amor não descansa, enquanto se escute um único soluço no Universo! A glorificação está em amar e servir, mas não em ser amado e servido. Há espíritos que trabalham pela coletividade, e outros que se empenham no resgate de um só. Estando a expirar no madeiro, a preocupação de Jesus era com Judas, o companheiro que tão enormemente se equivocara...

O Mentor, cuja palavra se faz ouvir com respeito, inclusive por nobres representantes dos Planos Superiores, acrescentou:

— Quem estende proteção à uma criança desvalida, não sabe o que investe na redenção de si mesma, e o socorro espontâneo que atrai na superação das provas que lhe permeiam a existência. Aquele ou aquela que coloca um filho que não lhe pertence sob sua tutela ordena trégua aos próprios obsessores, que se sentem derrotados em toda a sua argumentação de ódio e de vingança!

**C**onvidados por nossos anfitriões no Instituto, começamos justamente a percorrer as enormes dependências destinadas a espíritos carentes, alas imensas, em que muitos já se encontravam dormindo, em processo de restringimento do corpo espiritual. Interessante que os leitos perfilados iam diminuindo gradativamente de tamanho, até se transformarem em minúsculos berços...

— Como se opera - perguntou Paulino - o fenômeno de miniaturização do perispírito? Imagino que entidades necessitadas não participem diretamente do processo em que se adaptam a nova existência no corpo.

— Digo-lhe que, em linhas gerais - respondeu o Dr. Rander -, quando não se opõem

mentalmente à redução perispiritual, resistindo à reencarnação, não é difícil, de vez que, então, se mostram predispostos. Sugestionados pela ideia de renascimento, basta-lhes, não raro, leve indução para que comecem a perder a consciência de si mesmos.

— E os que resistem?

— Carecem de trabalho sugestivo mais longo, demandando diversas etapas, em que a magnetização se alia a expedientes de natureza química, que neles atua em nível cerebral.

— Os hormônios ditos de crescimento - observei -, têm as suas propriedades modificadas...

— A plasticidade do corpo espiritual favorece a operação - redarguiu a Dra. Helena, especialista no campo hormonal. Vejamos que, no próprio adulto em idade avançada ocorre uma desidratação geral, com evidente perda de peso, massa muscular, etc... Não fosse o arcabouço ósseo a sustentar-nos a forma, nos reduziríamos, em estatura, consideravelmente. O perispírito, qual ocorre ao corpo de carne, também é constituído de elementos sutis que evoluem na atmosfera... Quando da reencarnação, o espírito candidato a necessária experiência permanece restrito ao corpo mental, à feição da árvore que, na semente, jaz em estado latente.

Quase ao fim daquela ala que visitávamos, localizada em andar subterrâneo, dezenas de corpos mentais pulsavam, prontos, ao que fomos informados pelo Dr. Rander, a serem implantados no ventre materno a que seriam destinados.

— Estou - falei - recordando, maravilhado, a simbologia que se oculta no nascimento de Moisés: *"Não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche e, pondo nele o menino, largou-o no carriçal à beira do rio"*. - Êxodo, capítulo 2, versículo 3. Estas crianças, aqui, em cestos de junco... Não serão depositadas nas águas do Nilo e nem serão faraós, mas flutuarão no líquido amniótico e, ao nascerem, haverão de ser criaturas comuns, em busca da redenção, como Moisés, esquecidos de sua própria origem espiritual, da qual poderão, ou não, se lembrar mais tarde.

— Desculpem-me a insistência - aparteu Paulino -, mas, como fica a reencarnação em face dos métodos conceptivos atuais?

— Seja mais explícito - pediu o Dr. Rander.

— A fecundação "in vitro", o congelamento de embriões?...

— Você tocou num ponto importante - respondeu o médico, atencioso. Os modernos métodos de concepção da ciência terrestre não

colidem, na prática, com o mecanismo da reencarnação. Convém dizer que são os homens que nos copiam e não nós a eles...

— É o que Kardec ensina...

— ...que a ligação do espírito ao corpo começa, para ele, no instante da concepção. De maneira genérica é assim: o espírito se une ao corpo molécula a molécula...

— Então?...

— A reencarnação, em seus processos, possui nuances que o homem está longe de conhecer. Não podemos admitir que um espírito permaneça ao lado de seu futuro corpo congelado, por 5, 10 ou maior número de anos! Seria ilógico! Significaria "emparedar" o espírito por tempo indeterminado...

— Aí, sim - aduzi -, reencarnar seria uma "fria"...

— Nos primeiros minutos e horas, após a fecundação, funcionam a lei da hereditariedade e a automação dos princípios que regem a vida na matéria; necessariamente, o espírito reencarnante não está magneticamente imantado ao corpo em formação.

— Se essa for a sua prova, até pode estar...

— Sim, Doutor - continuou Rander - como é o caso dos desencarnados que "se sentem" ligados à forma que deixaram - a desencarnação,

em si, ocorre no momento do óbito: o coração cessou de bombear o sangue e o cérebro ficou sem oxigenação, irreversível processo de desvinculação se inicia...

— Deixa-me entender - solicitou Paulino -: não há estrita necessidade de que o espírito se ligue ao seu novo corpo no momento da fecundação?

— Não! Os Espíritos Superiores não acompanham, *pari-passu*, o desenvolvimento do corpo físico que haverão de ocupar; de maneira consciente, eles interferem nos fenômenos embriogênicos de formação... Por exemplo, Jesus não se submeteu à reencarnação pelas vias normais: hora alguma, o Mestre perdeu a consciência de Si!

— De fato, fica difícil entender Jesus mergulhando em gradativo esquecimento... Todavia Ele reencarnou!

— Reencarnou, porém não se submeteu aos estágios comuns a nós outros - enfatizou a Dra. Helena.

— Nesta linha de raciocínios - perguntei -, a chamada "pílula do dia seguinte" é abortiva?

— Nem sempre; para a maioria, não...

— O seu uso não deve ser incentivado?

— Não! Se existem outros métodos contraceptivos... A "pílula do dia seguinte", por mais polêmico seja o tema, é conquista da Ciência, na

minimização de certos problemas impostos exclusivamente à mulher.

— Como?! - arguiu Paulino.

— Em casos de estupro! A mulher, vítima de violência sexual, tem todo o direito de optar.

— Isso vai dar "pano pra mangas", mas concordo. O homem precisa largar de ser machista! Fosse ele o estupro, eu queria ver! Ora, transita um falso moralismo entre nós, os espíritas. Imaginemos se, de repente, um estranho nos invadissem a casa e se apossasse de tudo que nos é mais caro ao coração - não estou me referindo a bens materiais! Que faríamos? Eu, sinceramente, chamaria a polícia, se não conseguisse enfrentá-lo e valendo-me dos meus bíceps, pô-lo-ia para fora a tapas...

— Doutor! - interveio Odilon, o meu "controlador de voo".

— Odilon, no mínimo, a mulher que engravida por estupro tem que ser ouvida. Se o seu sentimento maternal falar mais alto, ótimo para ela e, possivelmente, para o espírito reencarnante, que pode ou não lhe ser simpático. Agora, dogmatizar!... Desculpe-me, mas eu sou contra. O espírito que procure outra mãe ou, quem sabe, até a mesma, em ocasião mais propícia. A mulher não pode, a vida inteira, arcar com o ônus de uma sociedade machista e de falso moralismo.

— Doutor, deixe clara a sua posição - ponderou o Mentor.

— Sou contra o aborto indiscriminado, mas, em certos casos, sou defensor do direito da mulher em decidir sobre o seu próprio corpo - devemos-lhe respeito!

— Falávamos sobre a "pílula do dia seguinte"...

— Pois é, Paulino - argumentei -, você já imaginou como a tese reencarnacionista se esculhamba, se desmoraliza, se entendermos as coisas tão estreitamente? Hoje, um espermatozóide espertalhão fecunda um óvulo desavisado, pronto: o espírito se liga... Amanhã cedinho, a mulher ingere a tal pílula: o espírito se desliga... Alto lá! Não estamos reencarnando mais, como reencarnávamos na época da pedra lascada! As técnicas alusivas à reencarnação evoluíram e continuarão a evoluir.

— Em "O Livro dos Espíritos" - destacou Odilon -, Kardec deixou questões passíveis de estudo em reflexões mais acuradas, como, por exemplo: *"772. Nossas diferentes existências corpóreas se passam todas na Terra? — Não, mas nos diferentes mundos. **As deste globo não são as primeiras nem as últimas, mas as mais materiais e distanciadas da perfeição**"; "180. Ao*

*passar deste mundo para outro, o espírito conserva a inteligência que tinha aqui? - Sem dúvida, pois a inteligência nunca se perde. Mas ele pode não dispor dos mesmos meios para a manifestar. Isso depende da sua superioridade e da idade do corpo que adquirir"; "183. Passando de um mundo para outro, o espírito passa por nova infância? - A infância é por toda parte uma transição necessária, mas não é sempre tão estúpida como entre vós"... (grifamos)*

— Você se referiu a uma questão que sempre me intrigou - disse, interrompendo o amigo -; trata-se da resposta dos Espíritos à pergunta 180: "*Isso depende da sua superioridade e da idade do corpo que adquirir*". Que me diz?

— Oh! O senhor e seus assuntos polêmicos...

— Não sou eu! É "O Livro dos Espíritos"! Que se deve depreender: "*...e da idade do corpo que adquirir*"?

— Nos mundos superiores, a reencarnação, em seus métodos, diverge dos que se caracterizam num mundo de provas e expiações.

— Por favor, explicita.

— Subentende-se que o espírito possui maior independência sobre o corpo que ocupará.

— "*A infância (...) não é sempre tão estúpida como entre vós*"!

— Doutor, a turma não tem cabeça...

— É! Eu sei; se não tem para menos...

Sorrindo de meu diálogo com Odilon, o Dr. Rander e a Dra. Helena convidaram-nos a prosseguir com a visita ao Instituto.

— O Paulino está acostumado, mas vocês não reparem. O Odilon é o meu carma; ou melhor, como diz o caipira, a minha *carma!*

**A**brindo breves parênteses, neste capítulo, com intuito de fornecer aos nossos leitores mais material de reflexão em torno do que foi dito no capítulo precedente, recorro à questão 356 de "O Livro dos Espíritos": *"Há crianças natimortas, que não foram destinadas à encarnação de um espírito?"* A resposta é incisiva: — *"Sim, há as que jamais tiveram um espírito destinado aos seus corpos: nada devia cumprir-se nelas. É então somente pelos pais que essa criança nasce"*.

Salvo melhor critério de análise, depreende-se que:

1 - Conforme os Espíritos afirmam na questão 354, a vida intrauterina *"é a da planta*

*que vegeta. A criança vive a vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal, que completa, ao nascer, com a vida espiritual. "*

2 - Em muitos casos, há apenas concepção de natureza física, ou seja, o gameta masculino fecunda o óvulo, que naturalmente se desenvolve, sem a presença de vida moral e intelectual.

3 - Portanto a "pílula do dia seguinte" nem sempre é abortiva. Concordemos que existe, sim, uma questão ética a ser discutida, que não se restringe à fecundação em si.

4 - No que tange aos anencéfalos (organismos que se formam sem cérebro), conclui-se que semelhante prova é pertinente aos pais. O cérebro, ou o encéfalo, é a representação física da mente, que é o espírito. Um corpo sem cérebro significa um corpo sem espírito. Vejamos as questões 346 e 346.a de "O Livro dos Espíritos": *"Que acontece ao espírito, se o corpo que ele escolheu vier a morrer antes de nascer?" - "Ele escolhe outro. "; "Qual pode ser a utilidade dessas mortes prematuras?" - "As **imperfeições da matéria, na maioria das vezes, são a causa dessas mortes**", (grifamos)*

5 - O espírito reencarnante, sem respaldo de natureza espiritual, pode frustrar-se em sua tentativa de renascer, devido às "imperfeições da matéria", ou, por vezes, à leviandade dos que lhe possibilitariam ganhar corpo.

6 - O espírito, sendo imperfeito, sujeita-se às circunstâncias de um mundo de provas e expiações, inclusive aos excessos cometidos pela mãe, no estado de gravidez. Um defeito congênito ou uma lesão cerebral pode não corresponder, necessariamente, a carma específico. Não obstante, tudo concorre para o aprendizado do espírito, já que nada nos sucede de maneira inútil.

7 - Atentemos para o conteúdo explícito e implícito da pergunta 348, da Obra Básica: "*O espírito sabe, com antecedência, que o corpo por ele escolhido, não tem possibilidade de viver?*" — "*Sabe, algumas vezes; mas, se o escolheu por esse motivo, é que recua ante a prova*", (grifamos) Existem espíritos que, eles mesmos, optam por um corpo que não vingará. Note-se que a pergunta é se "o espírito sabe, com antecedência"... Quais os motivos que os levariam a tal comportamento? Como o espírito "sabe"?...

8 - As crianças autistas (autismo: fenômeno patológico caracterizado pelo desligamento da

realidade exterior e criação mental de um mundo autônomo) são, na maioria das vezes, espíritos que rejeitam a reencarnação - não lograram êxito ao "forçarem" o seu próprio aborto... Quase sempre, não há entre elas e os familiares laços de simpatia.

9 - O espírito carece de se empenhar no sentido da conquista de mérito, a fim de que, ao se conduzir à reencarnação, atraia, espontaneamente, para si as benesses da Lei, através dos "agentes" que a fazem cumprir.

10 - O remorso e o sentimento de culpa são fatores desencadeantes do carma, fragilizando o ser e, conseqüentemente, as defesas do organismo.

11 - Em que pese à nossa natureza imortal, muitos espíritos se afligem, ante a impossibilidade de consumarem os seus projetos reencarnatórios. Vamos à questão 332: *"O espírito pode abreviar ou retardar o momento de sua reencarnação?"*  
- **"Pode abreviá-lo, solicitando—o pelo seu anseio e pode também retardá-lo, se recuar ante a prova, porque entre os espíritos há também indiferentes e poltrões; mas não o faz impunemente, pois sofre com isso, como aquele que recua ante o remédio que o pode curar".** (grifamos)

12 - Dentro do natural dinamismo da Terceira Revelação, todos os pontos doutrinários são passíveis de desdobramento - de estudo, de análise, de reflexão. Toda a Verdade não se acha explicitada em Kardec, que teve o bom senso de firmar que o Espiritismo será científico ou não sobreviverá. Inadmissível uma ortodoxia espírita!

13 - O dogmatismo de natureza ética conduz ao fanatismo; a inflexibilidade intelectual, à intolerância.

14 - A Fé Espírita terá na Ciência um aliado e não um adversário, posto que é Raciocinada.

15 - A vitalidade do Espiritismo, no entanto, sempre repousará na grandeza inamovível do Evangelho de Jesus, com base no *"Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei!"*

16 - A Ciência foi dada ao homem na Terra por expressão da Verdade Divina, que a ela se revela gradativamente.

17 - Na obra "O Consolador", da lavra mediúnica de Chico Xavier, questionado se *"tem o Espiritismo absoluta necessidade da ciência terres-*

tre? ", respondeu Emmanuel: *"Essa necessidade, de modo algum, pode ser absoluta. O concurso científico é sempre útil, quando oriundo da consciência esclarecida e da sinceridade do coração. Importa considerar, todavia, que a ciência do inundo, se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do Espiritismo, cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria das características morais do homem"*, (grifamos)

18 - Ainda na mesma obra, destacaríamos trecho da resposta do referido Benfeitor à questão 219: *"...o Espiritismo em seus valores cristãos não possui finalidade maior que a de restaurar a verdade evangélica para os corações desesperados e descrentes do mundo. Teorias e fenômenos inexplicáveis sempre houve no mundo. Os escritores e cientistas doutrinários poderão movimentar seus conhecimentos na construção de novos enunciados para as filosofias terrestres, mas a obra definitiva do Espiritismo é a de edificação da consciência profunda no Evangelho de Jesus Cristo"*, (grifamos)

19 - No prefácio do livro "Nos Domínios da Mediunidade", escreveu Emmanuel: **"Químicos e físicos, geómetras e matemáticos, erguidos à con-**

**dição de investigadores da Verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como consequência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer, por falta de matéria, a base que lhes assegurava as especulações negativistas ". (grifamos)**

20 - E acrescenta o lúcido Benfeitor: "*Os laboratórios são templos em que a inteligência é concitada ao serviço de Deus e, ainda mesmo quando a cerebração se perverte, transitoriamente subornada pela hegemonia política, geradora de guerras, o progresso da Ciência, como conquista divina, permanece na exaltação do bem, rumo a glorioso porvir*", (grifamos)

21 - Mormente no campo da Medicina, a Ciência desponta em resposta às conquistas efetuadas pelo espírito humano, minimizando-lhe as provações pertinentes às "imperfeições da matéria"; tais provações, doravante, haverão de se transferir do físico para o psicológico, constringendo o homem a descobrir-se pela introspecção inevitável.

22 - Inútil, pois, que o espírita, a pretexto de efetuar a defesa de uma suposta pureza dou-

trinária, adote postura retrógrada, opondo-se aos avanços da Ciência.

23 - O Espiritismo não deve incorrer no equívoco cometido pela Igreja, quando, de maneira irreversível, ela se dissociou da Ciência, estagnando-se no tempo e no espaço.

24 - A título de ilustração, transcrevemos abaixo curioso diálogo que se passou entre Carl Sagan, professor, desencarnado, de Astronomia e Ciências Espaciais na Cornell University e cientista visitante no Laboratório de Propulsão a Jato do Instituto de Tecnologia da Califórnia, com um dos líderes espiritualistas de maior destaque na atualidade.

*"Quando discuto Teologia com líderes religiosos, pergunto frequentemente qual seria a sua reação, se um dogma central de seu credo fosse refutado pela Ciência. Quando fiz esta pergunta ao atual Dalai-Lama, o 14.º, ele me deu, sem hesitar, uma resposta que nenhum líder religioso conservador ou fundamentalista daria: "Nesse caso, disse ele, o Budismo Tibetano teria de mudar".*

*— Ainda que fosse um dogma realmente central -perguntei — como a reencarnação?*

— "Ainda assim" — ele respondeu.  
— "Entretanto - acrescentou com uma piscadela -  
vai ser difícil refutar a reencarnação".

25 - Vejamos em "O Livro dos Espíritos",  
no capítulo "Considerações e Concordância Bí-  
blicas Referentes à Criação", o que, em seu últi-  
mo parágrafo, escreveu o Codificador: "**As ideias  
religiosas, longe de se perderem, se engrande-  
cem, ao marcharem com a Ciência; este o único  
meio de não apresentarem ao ceticismo um la-  
do vulnerável**", (grifamos)

Isto posto, continuarei narrando, com palavras  
sucintas, a visita que Odilon, Paulino e eu fazíamos ao  
Instituto de Reencarnação "Allan Kardec", avançada  
clínica especializada e escola em que inúmeros pro-  
fissionais e estagiários trabalham, em estreita conexão  
com as conquistas científicas do homem na Terra, que  
inspiram e tutelam em suas pesquisas, a bem dizer ain-  
da primárias, em face do que nos reserva o futuro.

Sendo conduzidos pelo Dr. Rander e pe-  
la Dra. Helena, chegamos a um recinto em que  
15 entidades, prestes a reencarnarem, estudavam,  
sob orientação de psicólogos, os pontos frágeis  
da personalidade, sobre os quais deveriam se con-  
centrar, a fim de lograrem o êxito esperado.

— **E**stes aqui - apresentou-nos o Dr. Rander - são nossos amigos: Inácio Ferreira, Odilon Fernandes e Paulino Garcia. O Dr. Inácio possui larga experiência no campo da Psiquiatria e do Conhecimento Espírita.

— Nem tanta assim! - retruquei.

— Gostaríamos, Doutor, se possível, ouvi-lo em breve preleção aos nossos irmãos.

— Eu, talvez, viesse a assustá-los...

A classe sorriu, descontraindo-se.

— Não mais do que nos assustamos a nós mesmos - observou um dos 15, espirituoso -, agora, que estamos nos conhecendo um pouco melhor, nestas aulas de *anatomia* que nos dissecam o cadáver do homem-velho...

— Já que insistem - respondi, assomando pequeno tablado.

Pigarreei, limpando a garganta, e, durante vinte minutos falei, sem interrupção ou censura. O Odilon não podia interferir: pegaria mal - o que se segue.

— Minha gente, reencarnar é mesmo uma *barra*... Louvo a coragem de vocês! A coisa, *lá em baixo*, está fervendo; convém que não se inteirem das últimas notícias: não leiam jornais, não assistam à televisão, não escutem as fofocas... Os fofoqueiros mentem quando se trata do bem, não quando se trata do mal; deturpam a verdade, mantendo-se fiéis à mentira. Portanto, não os ouçam, que até eles, espíritos de imaginação fertilíssima, não inventam, quando se referem às lutas que o homem vem enfrentando na Terra, no alvorecer do Terceiro Milênio da Era Cristã. O mundo, vocês sabem, continua o mesmo: um Orbe de Provas e Expições, muito distante da condição de Regeneração, com a qual, encarnados e desencarnados, nos engabelamos mutuamente... Vocês estão partindo para um campo de batalha! Não quero desanimá-los, mas não me ocorre agora outra imagem: o cenário é de guerra - de guerra moral generalizada... Corrupção, tentação, obsessão... É *ãõ* que não acaba mais: aflição, ingratição, perseguição, traição... Não, não se encolham na

cadeira. Vocês não concordaram com a sugestão do Dr. Rander, para que eu lhes falasse? Eu não viria aqui para mentir a vocês... Preparem-se! Se a intenção for a de reencarnar com outro objetivo que não seja a de se melhorarem com Jesus Cristo, é preferível que adiem o regresso, pois, em breve, haverão de voltar a estas paragens, tendo complicações cármicas terríveis! Se vocês já solicitaram "medidas de proteção", como, por exemplo, feiúra, uma perna manca, corpo sem atrativo físico nenhum, nariz adunco, prognatismo, ou seja, mandíbula projetada sob o maxilar, sudorese excessiva, careca precoce, etc, etc, acrescentem mais algumas: eu sugeriria um pouco de surdez... É, não riam. Surdez e miopia: eis por onde a tentação costuma nos pegar - pelos ouvidos e pelos olhos! Uns óculos com lentes "fundo de garrafa" são uma proteção e tanto!... As vezes, a discriminação por ser surdo afasta da criança muita gente mal intencionada. Outra coisa: evitem, tanto quanto puderem, a política... Oremos pelos nossos irmãos políticos; acostumam-se ao poder de tal forma, fascinam-se tanto, que, sinceramente... É raro o político que não cai! A ninguém se aplica com maior propriedade a advertência de Jesus: *"Ai do mundo por causa dos escândalos! Pois é necessário que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo venha!"*. Fugam a toda espécie de fanatismo,

mormente o religioso; a ser religioso fanático é preferível ser ateu... Principalmente o espírita, quando se fanatiza, ninguém aguenta: começa a se achar melhor do que os outros, é o dono da verdade, vaidoso e tolo... A serem espíritas prepotentes, sejam bons católicos - mas não beijem mão de padre, nem anel de bispo! Façam a caridade, pronto! - eis a melhor religião. Eu não sei se, dentre vocês, há algum candidato a médium, mas se houver, evite ser afetado; nada mais ridículo que um médium afetado, metido a besta... Deus me livre de médiuns babacas! Eu não me comunicaria por um deles, ainda que fosse a minha única chance de falar ao mundo. Bem, deixemos os espíritas de lado. Agora, a conversa é um pouco mais séria. Sem humildade, honestidade no cumprimento do dever, dignidade à família, amor no coração, solidariedade, fé em Jesus Cristo, vocês se chafurdarão!... Não adianta o planejamento técnico da reencarnação; no fundo, no fundo, todos queremos tirar vantagem com as nossas escolhas - a escolha da família consanguínea, da condição social em que viveremos... Não nos iludamos mais! O que o espírito necessita é de trabalho árduo, para não sucumbir à influência do meio. Suor na fronte e calos nas mãos, para não dar espaço às paixões, à sensualidade, à cupidez, à falta de caráter; caso contrário, reencarnando, iremos repetir a trajetória, sem quase

absolutamente nada acrescentar àquilo que somos... Perdoem-me as palavras tão incisivas, mas é que o inconsciente tem estranhos mecanismos de defesa, e, quando as palavras não nos soam aos ouvidos com clareza, distorcemos a sua interpretação. — "Não - argumentamos -, não é comigo, ele não está falando para mim, mas para o colega do lado..." Eu estou falando com você - falando ao seu inconsciente tinho-so, que pensa que pode continuar a ludibriá-lo; estou falando com você - com você que me ouve neste instante, e comigo, com o meu inconsciente que tenta se esquivar. O inconsciente, quando vê que não pode nos enfrentar, ele se esconde, para não ser no-cauteado... Não o deixemos fugir ao ringue! Não temam tanto os obsessores e os homens, quanto o próprio inconsciente! Ele põe a culpa em todo o mundo... — "É o fulano, o beltrano; é isto, é aquilo" - ele costuma alegar. O passado é o pior obsessivo de todo o mundo; estabelece conexões, as mais variadas, com tudo quanto possa alimentá-lo... Cortemos-lhe todo e qualquer suprimento, e ele morrerá de inanição! Outra coisa: cuidado com o tempo ocioso!... Cabeça e mãos desocupadas são desastres na certa. Trabalhem, ocupem-se, desde a adolescência. Se vocês não formarem novos hábitos... Por este motivo, escolham pais amorosos, mas rígidos. O amor possessivo cria uma dependência doentia; a su-

perproteção afetiva acaba com os espíritos!... Pais superprotetores são pais com complexos de culpa. Filho precisa é de carinho e de corrigenda, não de brinquedos... Beijos, sim, mas, como dizia o sábio Chico Xavier, palmadas também, quando necessárias. Desculpem-me os psicólogos... Um puxão de orelhas não traumatiza ninguém - só se, porventura, arrancá-la. Esse negócio de se fazer o que quer - eu sou contra! Se fosse fazer o que quero, como Deus haveria de ter trabalho comigo! Ora, quem é que deixa o mato crescer no seu jardim? As baratas se reproduzem no seu armário? Falávamos da questão do tempo ocioso... Você alega que não tem tempo para a caridade. É mentira! Como é que tem tempo, e de sobra, para o seu egoísmo? Faça as contas e se surpreenderá com os minutos, que acabam se transformando em horas diárias gastas com futilidades: dorme além do necessário, fica diante da TV significativa parte da noite, joga conversa fora na esquina ou ao telefone, academia de ginástica... E o seu inconsciente vem me dizer que não tem tempo?! Então, meus caros - considere, pensando em finalizar -, reencarnar, ainda mais com o esquecimento do passado, é um ato de heroísmo, a intenção é das mais louváveis, mas para se traduzir na prática... *Lá embaixo*, para muita gente que nos rodeia, falar no nome de Jesus é babaquice; isto é artimanha do in-

consciente individual e coletivo... Sim, por incrível que pareça, os inconscientes se unem contra nós; além de termos que nos haver com o que nos pertence - o que já seria muito! -, precisamos lutar contra o que Jung chamou de "inconsciente coletivo", e que esse gênio do Espiritismo, Allan Kardec, antes da Psicanálise, denominou "alma do mundo"! A soma dos pensamentos inferiores da Humanidade, encarnada e desencarnada, pesa sobre nós, pois que o pensamento tem peso, densidade e propriedades outras que seria fastigioso enumerar. O espírito na carne se assemelha à um naufrago, bracejando em meio às águas bravias do oceano, que tentam tragá-lo! Quem não se apoiar no Evangelho será arrebatado pela voragem... Ele, o Cristo, e somente Ele, é o nosso Farol, a luz que nos guia à praia com segurança! Vocês, por certo, frequentarão faculdades, se habilitarão intelectualmente, aprenderão a se expressar em diversos idiomas, viverão em plena era tecnológica e de estonteante progresso material, todavia, sem amor no coração estarão, lamento dizer-lhes, fadados ao fracasso. Não se trata de uma revelação, nem tampouco de alvitre inédito, que, talvez, em minha palavra, esperavam ouvir... Há 2.000 anos, um doutor da lei que se fez tecelão nas estepes da Arábia, redigiu um documento aos cristãos de todos os tempos, escrevendo à comunidade de Corinto: *"Ainda que eu*

*falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine...* " O desafio do espírito sobre a face da Terra é fugir à vulgaridade daqueles que não se comprometem, mas também logram sair do lugar que lhes é comum. Há, sim, os que envelhecem no corpo sem deslizos morais de vulto, mas que, cumprida a sua etapa reencarnatória, retornam ao Mais Além, de mãos quase vazias... Nada fizeram de especial: amaram os que os amaram e... só! Fizeram o que, consoante as palavras do Mestre, igualmente fazem os publicanos antigos e modernos... *"Se apenas aos vossos irmãos saudardes, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem outro tanto os pagãos?"* O que, em nosso favor, sempre fará diferença são a benevolência, a tolerância, a renúncia, o perdão, o desapego, a solidariedade... Não existem atalhos para o Mais Alto! Desistam de procurá-los... O caminho da verdadeira ascese, hoje e sempre, haverá de ser o do Calvário! Eu não conheço outro método de evoluir que não seja o do sacrifício pessoal. Não se trata de apologia à dor, mas da alegria que não se altera nos mais árduos embates da Vida! Perdoem-me, se, em meu entusiasmo excessivo, extrapolei...

Quando, ainda meio "tomado", fiz menção de descer do tablado e pedir um copo d'água, a princípio, tímidas, fizeram-se ouvir, deixando-me mais atordoado. Os 15, muitos deles marmanjos, comportando-se como colegiais, aplaudiam e assoviavam, assim como gritavam eufóricas palavras de ordem.

O sorriso de Odilon tranquilizou-me, mostrando que, afinal, eu não me excedera tanto assim - não dera nenhuma mancada.

— Não, Doutor - pediu um dos integrantes do grupo -, fale mais um pouquinho, ou, pelo menos, permita-nos rápidas perguntas.

Com a aquiescência do Dr. Rander e da Dra. Helena, respondi:

— Está bem, mas... não me apertem tanto. Posso, numa única palavra, estragar a boa impressão que lhes causei.

— Doutor - manifestou-se simpática matrona -, um dos maiores desafios é o casamento... Há diversas encarnações, eu venho escapulindo... Casei-me, sim, mas quase septuagenária. Qual o segredo de um relacionamento a dois?

— Ah, minha filha, é o amor! - É o amor que seja paixão e amizade, todos os dias; que seja respeito um pelo outro, na valorização cotidiana do parceiro; que conserve o romantismo da poesia dos primeiros dias, quando o casal se conheceu; que seja carne, mas, sobretudo, alma; que seja crescente abnegação, e não fastio; que seja parceria, companheirismo, numa palavra, cumplicidade - que nenhum dos dois jamais perca o encanto e a jovialidade; que seja agradável surpresa a cada manhã e um céu rendado de estrelas a cada noite... Que, com o passar do tempo, nenhum deixe de ser criança! Como é belo ver dois namorados, de mãos dadas, para os quais a velhice, se chega por fora, nunca chega por dentro! Que se entendem com um simples olhar e que se falam palavras indizíveis com um simples sorriso... Ah!, minha filha, que amem os gatos ou, pelo menos, as flores!

A senhora mostrou lágrimas nos olhos e, preocupado, perguntei:

— Que houve? Disse alguma bobagem?...  
Eu bem lhes avisei!

— Não, Doutor! São lágrimas de felicidade - explicou-se. — É tudo tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil.

— O que fazer, Doutor, nos dias mais difíceis? - interrogou um rapaz de espírito sonhador.

— Um bolo de fubá!

— Como?!...

— É, nada como o cheiro de um bolo de fubá se espalhando pela casa, com uma xícara de café quente ou uma chávena de chá, segundo a preferência daquele ou daquela a quem se quer homenagear. Não raro, as coisas mais difíceis são simples de serem equacionadas: uma gentileza, um sorriso, um jarro de flores sobre a mesa, aquelas três palavrinhas mágicas, que, não muito depois de casados, as pessoas aposentam: "Eu te amo!" Um beijo...

— Na boca, Doutor? - inquiriu uma jovem de meia-idade, dessas casadeiras, que, por vezes, acabam ficando para titias.

— Por que não? Na boca, sim, *caliente*; todavia o beijo na boca mais apaixonado não é tão charmoso quanto o beijo na mão... Minha mãe me

ensinava uma lição que, infelizmente, afoito, poucas vezes pude colocar em prática: — "Quem beija a mão de uma dama, usurpa-lhe o coração"!

— Doutor, tão simples assim? Para o senhor, os problemas parecem não existir!... - tornou o rapaz.

— De fato, se não os criamos, eles não existem. Deus não nos cria problemas; nós é que os criamos, para nós e para outros, quando os outros aceitam fazer o nosso jogo... Se eu não aceito a provocação de quem intenta provocar-me, ele malhará em ferro frio; agora, se eu entro na faixa, revido, estabelece-se uma conexão... "Ah! E difícil perdoar" - diz alguém. Mas o perdão é para quem se sente ofendido. Se eu não me considero ofendido, não tenho o que perdoar. Se me melindro, exponho a minha fragilidade e justifico a ofensa por lição que me cabe assimilar. O grave problema do perdão é de simples equacionamento: jamais se sinta ofendido e... não ofenda, para não ter, depois, que pedir perdão - o que é muito pior! Quem perdoa se engrandece uma vez, mas quem deve pedir perdão se humilha duas: quando pede e quando recebe ou não recebe...

— Doutor - interpelou-me outra senhora, preocupada -, assumi o compromisso de ser mãe de 6 filhos...

— Que maravilha, minha filha! Você brincar­á de Deus, na Terra!

— "Brincar de Deus"?!

— O seu lar há de ser o seu Céu particu­lar; o seu Paraíso, o seu Éden, em que você, Eva, e seu par, Adão, criarão *pequena humanidade...* Com certeza, os 6 filhos lhes darão, pelo menos, 20 netos! Todos os meses, vocês terão aniversá­rios a comemorar; o que equivale a dizer que sem­pre viverão em clima de festa... Não terão tempo para mais nada: serão tantas fraldas e cueiros para lavar e passar, mamadeiras, noites insones e dias calmos, porque estarão, você e o seu futuro mari­do, vencidos pelo cansaço... Se todo casal tivesse uma pequena creche dentro de casa, aos homens não sobraria tempo para guerrear! Sim, porque os adultos lançam bombas uns nos outros por exces­so de tempo ocioso.

— Doutor, com 6 filhos, o dinheiro será a conta...

— Outra bênção! Pais com excesso de di­nheiro significam dinheiro de sobra para que os filhos comprem ... drogas! Vocês pouparão cada centavo pa­ra o pão... Onde você reencarnará? No Brasil?...

— Sim.

— Ótimo! Minha filha, é bênção demais de uma vez só. E não ironizo... Um casal da classe

média para baixo, com 6 filhos, no Brasil, é redenção espiritual na certa. Quantos genros?

— Serão 4, Doutor.

— Uma bênção quadruplicada!

O pessoal sorriu, Odilon consultou discretamente o relógio e percebi que, embora estivesse gostando, era preciso descer do tablado.

— Doutor, uma última pergunta - deteve-me no derradeiro passo que me nivelaria ao piso da sala um senhor de sorriso tímido: — Eu não poderei ter filhos... Em vida anterior, não assumi a responsabilidade de ser pai. Nascerei estéril. Que me diz?

— Faça como eu fiz: construa um lar para crianças abandonadas! Você cuidará dos filhos de Deus que os homens esquecerem e que a sociedade marginalizar. Aproveite, meu amigo, a ensanchar. Não fique triste... Um filho do coração, por vezes, é mais filho que aquele gerado em nossas entranhas. A nossa única condição, uns diante dos outros, é a de irmãos, pois os demais títulos que nos rotulam na parentela consanguínea não correspondem à realidade. Quem é pai? Quem é mãe? Quem é filho? Disse-nos Jesus: *"...todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe"*! Você poderá ter filhos de todas as cores, de todas as idades, de todas as índoles... Não se aborreça! Tudo é bênção de Deus em nossos caminhos.

O tempo, definitivamente, se esgotara. Precisávamos seguir; antes, porém, que saíssemos, o Dr. Rander solicitou a Odilon que proferisse uma prece em favor de todos, no que o Benfeitor, de pronto, aquiesceu.

— Senhor Jesus! - orou com emocionante fervor - Divino Amigo! Auxilia-nos na travessia das dificuldades que, uma vez superadas, mais nos aproximam de Ti... Agora que diversos de nossos irmãos e irmãs aqui se encontram, às vésperas de novo berço na Terra, que não lhes falte consciência do dever a cumprir, para que, em meio às sombras das provas retificadoras, não deixem de vislumbrar no caminho a Tua excelsa luz. Insufla-lhes bom ânimo e coragem, quando o vendaval das adversidades intente desalentá-los na jornada, que, todos os dias, deverá ser retomada com inalterável confiança nos Desígnios de nosso Pai... Embora as lágrimas se lhes façam inevitáveis, dá-lhes sempre a alegria de viver, para que nunca se sintam desmotivados na luta redentora. Que a fé, transformada em boas obras, lhes seja seguro refúgio contra o mal... Que eles não se esqueçam de Teus exemplos, com os quais norteias os nossos passos adiante, distanciando-nos da retaguarda de tantos erros e deslizos... Mestre, sem o concurso de Teus braços fortes, não lograremos seguir com a cruz que toma-

mos sobre os próprios ombros! Abençoa, pois, os nossos renovados propósitos de ascensão, cansados de estagiar nos escuros vales da desilusão. Não mais queremos ser o que ainda somos!... No entanto, sentimos-nos desprovidos de forças para rompermos com o passado; se não nos auxilias, haveremos de prosseguir de queda em queda, acrescentando desventuras ao coração... Sobretudo, não nos permitas transformar-nos em instrumentos de dor para quem quer que seja, quando a agressividade da fera em que nos encontramos transfigurados pela imperfeição se sobreponha à nossa frágil vontade de perdoar e esquecer, de compreender e de amar! Detém-nos o golpe dilacerador, a atitude intempestiva, a palavra que magoa, a intenção menos digna... Que as Tuas bênçãos envolvam os nossos irmãos e irmãs aqui presentes, que, qual ocorre a nós mesmos, entenderam por fim que, à distância de Teus passos, continuarão perdidos em si mesmos, quais aqueles que vagam sobre a Terra de alma vazia de esperança. Abençoa-os, Senhor, abençoando-nos também, hoje e sempre, em Teu Infinito Amor!...

Durante certo intervalo de tempo, ninguém ousou quebrar o silêncio em que a prece do Mentor nos fizera mergulhar, magnetizados pelas vibrações dos sentimentos que se represavam em

seu coração. E foi o próprio Odilon que, subtraindo-nos àquele inefável estado de transe espiritual em que estimaríamos permanecer, exortou-nos com simplicidade, dizendo:

— Então... Vamos?

## CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

- SOB AS CINZAS DO TEMPO (DIDIER)
- DO OUTRO LADO DO ESPELHO (DIDIER)
- NA PRÓXIMA DIMENSÃO (LEEPP)
- INFINITAS MORADAS (LEEPP)
- A ESCADA DE JACÓ (LEEPP)
- FALA DR. INÁCIO (LEEPP)
- POR AMOR AO IDEAL (DIDIER)
- FUNDAÇÃO EMMANUEL (LEEPP)
- NO LIMIAR DO ABISMO (LEEPP)
- OBSESSÃO E CURA (DIDIER)
- CARTAS DE DR. INÁCIO AOS ESPÍRITAS (LEEPP)
- REENCARNAÇÃO NO MUNDO ESPIRITUAL (LEEPP)
- AMAI-VOS E INSTRUÍ-VOS (LEEPP)
- TERRA PROMETIDA (DIDIER)
- ESTUDANDO "NOSSO LAR" (LEEPP)
- SAÚDE MENTAL À LUZ DO EVANGELHO (LEEPP)
- ESPÍRITOS E DEUSES (LEEPP)
- A VIDA VIAJA NA LUZ (LEEPP)
- TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA (DIDIER)
- JESUS E O ESPIRITISMO (LEEPP)
- O JUGO LEVE (LEEPP)
- O PENSAMENTO VIVO DO DR. INÁCIO (DIDIER)
- NO PRINCÍPIO ERA O VERBO... (LEEPP)
- EMMANUEL, MÉDIUM DO CRISTO (LEEPP)
- O JOIO E O TRIGO (DIDIER)
- NA CASA DO MEU PAI... (LEEPP)
- ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU (DIDIER)



### Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"

Site: [www.leepp.com.br](http://www.leepp.com.br) - E-mail: [leepp@terra.com.br](mailto:leepp@terra.com.br)

**Telefone (34) 3322-4873**

Av. Elias Cruvinel, 1.202 - Boa Vista  
CEP 38070-100 - Uberaba (MG)

editora

**DIDIER**

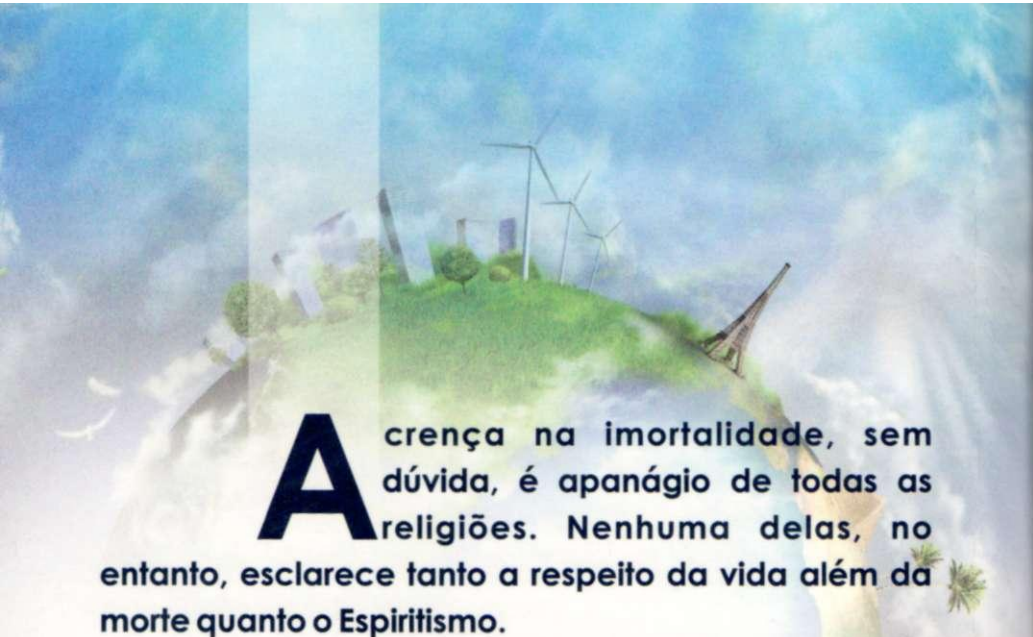
### CASA EDITORA ESPÍRITA "PIERRE-PAUL DIDIER

Site: [www.editoradidier.com.br](http://www.editoradidier.com.br) - E-mail: [didier@terra.com.br](mailto:didier@terra.com.br)

**Telefone (17) 3426-8590**

Rua Leonardo Commar, 3.179 - Bairro Pozzobon  
CEP 15503-023 - Votuporanga (SP)

LIS Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Felício Antônio Alves, 370  
CEP 07175-450 - Guarulhos (SP) - Brasil  
Tel.: (11) 3382-0777 - E-mail: [lisgrafica@lisgrafica.com.br](mailto:lisgrafica@lisgrafica.com.br)  
Site: [www.lisgrafica.com.br](http://www.lisgrafica.com.br)



**A** crença na imortalidade, sem dúvida, é apanágio de todas as religiões. Nenhuma delas, no entanto, esclarece tanto a respeito da vida além da morte quanto o Espiritismo.

Neste livro, o Dr. Inácio Ferreira – incansável mensageiro do Mundo Espiritual para a Terra – avança um pouco mais nas notícias que nos transmite em torno das realidades que, durante muito tempo, ignoramos.

“Assim na Terra como no Céu”, que agora vem à publicação, é um dos livros mais importantes da lavra do apreciado autor, por cujo trabalho sério e desinteressado, vem se tornando um dos nomes mais respeitados na Seara Espírita-Cristã.

É, pois, com imensa alegria, que nós, da Editora “Didier”, temos a honra de passar às mãos do leitor esta obra que, certamente, dignifica e engrandece a nossa literatura.

**editora**  
**DIDIER**

ISBN 978-85-7658-069-0



9 788576 580690  
[www.editoradidier.com.br](http://www.editoradidier.com.br)